



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**



CARLOS JEFFERSON GOMES DA SILVA

**INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NAS COMUNIDADES DE RESISTÊNCIAS DO ESPAÇO CRIATIVO
DO GESSO E NO BAIXIO DAS PALMEIRAS EM CRATO-CE**

CRATO - CE

2025

CARLOS JEFFERSON GOMES DA SILVA

**INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NAS COMUNIDADES DE RESISTÊNCIAS DO ESPAÇO CRIATIVO
DO GESSO E NO BAIXIO DAS PALMEIRAS EM CRATO-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação, do Centro de Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Formação de professores, currículo e ensino.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Ribeiro.

CRATO - CE

2025

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Silva, Carlos Jefferson Gomes da

S586ii Instalação Pedagógica nos espaços não formais: uma experiência nas comunidades de resistências do espaço criativo do Gesso e no Baixio das Palmeiras em Crato-CE / Carlos Jefferson Gomes da Silva. Crato-CE, 2025.

131p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof. Dr. Emerson Ribeiro

1.Instalação Pedagógica, 2.Comunidades, 3.Educação não formal, 4.Território, 5.Lugar; I.Título.

CDD: 370

CARLOS JEFFERSON GOMES DA SILVA

**INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NAS COMUNIDADES DE RESISTÊNCIAS DO ESPAÇO CRIATIVO
DO GESSO E NO BAIXIO DAS PALMEIRAS EM CRATO-CE.**

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **EMERSON RIBEIRO**
Data: 23/05/2025 14:54:32-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Emerson Ribeiro
Universidade Regional do Cariri – URCA

Documento assinado digitalmente
 **ADRIANA DE ALENCAR GOMES PINHEIRO**
Data: 05/05/2025 19:57:08-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dra. Adriana de Alencar Gomes Pinheiro
Universidade Regional do Cariri – URCA

Documento assinado digitalmente
 **MIGUEL JUNIOR ZACARIAS LIMA**
Data: 05/05/2025 19:36:53-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Miguel Junior Zacarias Lima
Universidade Regional do Cariri – URCA



Prof. Dr. Francisco Wlirian Nobre
Rede de Educação do Estado do Ceará

*Ninguém escapa da educação.
Em casa, na rua, na igreja ou na escola,
de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela:
para aprender, para ensinar, para aprender – e – ensinar.
Para saber, para fazer, para ser ou para conviver,
todos os dias misturamos a vida com a educação
Carlos Rodrigues Brandão.*

AGRADECIMENTOS

É significativo o aprendizado adquirido ao longo desses dois anos de pesquisa. Vale ressaltar, o apoio das pessoas que contribuíram durante esse percurso e ajudaram a desenvolver meu perfil científico e acadêmico. Isso demonstrou que não estamos sozinhos nesta jornada. Por isso, agradeço primeiramente a Deus, por me presentear com pessoas que enriqueceram minha vida.

Aos meus familiares, pela compreensão e pela educação que são construídas no dia a dia.

À minha mãe, Maria de Fátima Gomes, pelo apoio e ajuda nos momentos difíceis da minha vida.

Ao meu pai, Carlos José da Silva, por acreditar em mim e pelo apoio na minha jornada pessoal e profissional. Aos meus irmãos, por acreditarem na minha dedicação em concluir este trabalho.

À minha esposa, Claudiana Sales Pinto, por me ajudar nas leituras e por ser minha fiel companheira de estudo.

A todos os meus amigos(as) e professores da Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação.

Ao camarada Alexandre, por sempre me acolher bem e abraçar a pesquisa, na comunidade do Gesso.

Ao agricultor Seu Assis Nicolau, pelo apoio e por sempre me receber na comunidade do Baixio do Muquém. Ao agricultor Raimundo Oliveira (Didi) pelo apoio, entusiasmos e criatividade em desenvolver o cordel do Baixio das Palmeiras.

Ao agricultor e professor Dr. Liro Nobre, pelo apoio e articulação nas comunidades do Baixio das Palmeiras.

Aos professores da Educação Básica e Ensino Superior, que compartilharam suas experiências sobre a prática criativa.

Agradeço imensamente ao Professor Dr. Emerson Ribeiro, meu orientador nesta pesquisa, por possibilitar práticas reflexivas através da arte e da criatividade!

Agradeço à turma do Mestrado (2023.1) do Programa de Mestrado Profissional em Educação - MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Por fim, à Universidade Regional do Cariri - URCA, que nos possibilitou essa oportunidade de vivenciar o processo de professor pesquisador!

**INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS: UMA
EXPERIÊNCIA NAS COMUNIDADES DE RESISTÊNCIAS DO ESPAÇO CRIATIVO
DO GESSO E NO BAIXIO DAS PALMEIRAS EM CRATO-CE.**

RESUMO

A presente dissertação, aborda a educação não formal nas comunidades de resistência do Gesso e Baixio das Palmeiras, ambas localizadas em Crato, Ceará. Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos a proposta metodológica da Instalação Pedagógica (IP), com os sujeitos da comunidade em questão. Inicialmente, consideramos algumas questões norteadoras: De que forma as instalações pedagógicas podem ser utilizadas no espaço não formal, como ferramenta de reflexão territorial dos sujeitos? As instalações em espaços não formais, podem contribuir para o entendimento do lugar, por meio da criatividade dos sujeitos nas comunidades? Com base nesse raciocínio, definimos como objetivo geral, investigar a aplicabilidade da metodologia da IP nos espaços não formais, como ferramenta de reflexão sobre o lugar e o cotidiano dos sujeitos da comunidade do Gesso e do Baixio das Palmeiras. Os objetivos específicos foram: identificar os espaços territoriais da comunidade; compreender as modalidades existentes de educação; refletir, por meio das memórias, sobre as questões socioambientais do lugar; e estimular a curiosidade e criatividade dos sujeitos por meio das IPs. Para o desenvolvimento deste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa, como também, os princípios da Pesquisa-Ação para adequar as técnicas de intervenção e coleta de dados. Esta metodologia com a IP é de grande relevância, para a ampliação do estudo, não apenas no campo pedagógico, mas também nos âmbitos cultural, social e socioambiental. Foi perceptível que os envolvidos, foram capazes de expressar sua criatividade por meio das IPs, utilizando relatos de vida, que refletem o pertencimento e a identidade cultural. As propostas socioeducativas nos espaços não formais, possibilitaram o desenvolvimento de novos caminhos criativos e reflexivos, através das memórias, do lugar e das experiências vivenciadas nas comunidades. Isso permitiu que, temas do cotidiano dos sujeitos ganhassem significação, por meio da materialização de símbolos e signos. Como resultado dessa pesquisa, foi desenvolvido um produto educacional: “Práticas educativas em espaços não formais: recursos criativos a partir do espaço de vivência”. Esse material tem a finalidade de registrar o processo criativo, desde sua criação até a exposição das instalações, e proporcionou uma forma de registrar as narrativas e histórias dos sujeitos, que vivem nesses espaços.

Palavras-chave: Educação não formal; Comunidades; Instalação Pedagógica; Território; Lugar.

ABSTRACT

This dissertation addresses non-formal education in the resistance communities of Gesso and Baixo das Palmeiras, both located in Crato, Ceará. To develop this work, we used the Pedagogical Installation (PI) methodological proposal with the subjects of the community in question. Initially, we considered some guiding questions: How can pedagogical facilities be used in non-formal spaces as a tool for territorial reflection of the subjects? Can facilities in non-formal spaces contribute to the understanding of the place, through the creativity of the subjects in the communities? Based on this reasoning, we defined as a general objective to investigate the applicability of the PI methodology in non-formal spaces, as a tool for reflection on the place and the daily lives of the subjects of the Gesso and Baixo das Palmeiras communities. The specific objectives were: to identify the territorial spaces of the community; to understand the existing forms of education; to reflect, through memories, on the socio-environmental issues of the place; and to stimulate the curiosity and creativity of the subjects through PIs. To develop this study, we adopted a qualitative approach, as well as the principles of Action Research to adapt the intervention and data collection techniques. This methodology with the IP is of great relevance for expanding the study, not only in the pedagogical field, but also in the cultural, social and socio-environmental spheres. It was noticeable that those involved were able to express their creativity through the IPs, using life stories that reflect belonging and cultural identity. The socio-educational proposals in the informal spaces allowed the development of new creative and reflective paths, through memories, the place and the experiences lived in the communities. This allowed themes from the subjects' daily lives to gain meaning through the materialization of symbols and signs. As a result of this research, an educational product was developed: "Educational practices in informal spaces: creative resources from the living space". This material aims to record the creative process, from its creation to the exhibition of the installations, and provided a way to record the narratives and stories of the subjects who live in these spaces.

Keywords: Non-formal education; Communities; Pedagogical installation; Territory; Place.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1 - Fluxograma do desenvolvimento da pesquisa metodológica	33
Gráfico 2 - Organização do percurso criativo da Instalação Pedagógica	66
Quadro representativo I: Sequência descritiva das atividades na comunidade do Baixo das Palmeiras	63
Quadro representativo II: Sequência descritiva das atividades na comunidade do Gesso	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Instalação Pedagógica: as temáticas e as referidas pesquisas	19
Figura 2: Instalação Pedagógica: a comunidade do Baixio das Palmeiras	20
Figura 03: Mapa da localização das comunidades do Baixio das Palmeiras	22
Figura 04: Mapa da localização da Floresta do Araripe e Chapada do Araripe	35
Figura 05: Imagens dos babaçus	38
Figura 06: Casa de Farinha Mestre Zé Gomes	43
Figura 07: Sementes crioulas cultivadas nas comunidades	46
Figura 08: Grupo das fuxiqueiras da Chapada do Baixio	48
Figura 09: Localização da Escola Rosa Ferreira de Macêdo	53
Figura 10: Dimensões entre a educação formal, informal e não formal	56
Figura 11: Cordel I do Distrito do Baixio das Palmeiras	67
Figura 12: Cordel II do Distrito do Baixio das Palmeiras	68
Figura 13: Momento da dinâmica “lugar de memória”	70
Figura 14: Trecho do Cordel I	71
Figura 15: Momento da leitura do cordel na Casa de Quitéria	72
Figura 16: Trecho do Cordel II	74
Figura 17: Criação dos desenhos temáticos	77
Figura 18: Produção da Isogravuras	79
Figura 19: Momento da pintura das Isogravuras temáticas	80
Figura 20: Isogravura da Capela dos Oitis	81
Figura 21: Momento da secagem das Isogravuras	82
Figura 22: Material base “Arupemba”	84
Figura 23: Instalação 1: Espaço não formal Casa de Quitéria	86
Figura 24: Instalação 2: Espaço não formal Fuxiqueiras da Chapada	88
Figura 25: Instalação 3: Espaço não formal Casa de Farinha	91
Figura 26: Capela da comunidade dos Oitis	93
Figura 27: Instalação 4: Espaço não formal Chapada dos Oitis	94
Figura 28: Território criativo do Gesso	96
Figura 29: Livro utilizado pelo pesquisador	101
Figura 30: Instalação Pedagógica na comunidade do Gesso	105
Figura 31: Apresentação da Instalação Pedagógica	106

Figura 32: Símbolos de signos da Instalação Pedagógica	107
Figura 33: Momento das trocas de experiências na comunidade	108
Figura 34: Apresentação da Instalação Pedagógica para os estudantes	109

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AGB	Associação dos Geógrafos Brasileiros
CF	Constituição Federal
CAC	Cinturão das Águas do Ceará
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará
FIPED	Fórum Internacional de Pedagogia
GESTESEO	Grupo de Estudo e Trabalho em Geografia
IG	Instalações Geográficas
IP	Instalação Pedagógica
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
LE	Laboratório de Ensino de Geografia
MPEDU	Mestrado Profissional em Educação
ONGs	Organizações Não Governamentais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
SEMAGEO	Semana Acadêmica de Geografia
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
URCA	Universidade Regional do Cariri
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCORRENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E OS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIAS DA PESQUISA	14
2.1 Abordagens e os métodos da pesquisa	25
2.2 Análises dos dados coletados	26
2.3 As contribuições teóricas e os percursos criativos	27
2.4 Os sujeitos da pesquisa e os procedimentos metodológicos das instalações pedagógicas	29
2.5 A proposta do produto da pesquisa	33
2.6 Campo da pesquisa: a formação territorial do Baixio das Palmeiras	33
3 O BAIXIO DAS PALMEIRAS E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS COMUNIDADES DE RESISTÊNCIA	39
3.1 Um breve histórico da educação primitiva a capitalista e a comunidade do Baixio das Palmeiras	40
3.2 Conceitos e modalidades educacionais: não formais, informais, formais	53
4 ESVELANDO CAMINHOS CRIATIVOS NO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA REFLEXIVA ATRAVÉS DA INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NO ESPAÇO NÃO FORMAL	61
4.1 A Instalação Pedagógica: ações e reflexões no percurso criativo	63
4.2 Encontrando o conteúdo	65
4.3 Percursos criativos I: utilizando o cordel como forma de socializar o lugar de vivência	68
4.4 Percursos criativos II: instigando a criatividade pelo desenho e a Isogravura	75
4.5 Percursos criativos III: Pensando os símbolos e signos a partir do espaço de vivência	82
4.6 Percursos criativos IV: Relatos e experiências dos processos construtivos da instalação Pedagógica	84
4.7 Instalação Pedagógica no espaço não formal da comunidade do Gesso	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110

REFERÊNCIAS	113
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	119
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	120
ANEXO C - ISOGRAVURAS PRODUZIDAS NA COMUNIDADE	121

1 INTRODUÇÃO

Os ambientes não formais têm ganhado novas dimensões para as práticas educativas, nesses espaços a educação se faz por meio do diálogo dos sujeitos, que compartilham seus saberes, suas histórias de vida e seu pertencimento. Esses lugares, possibilitam dialogar sobre as mudanças na paisagem, os conflitos territoriais, as experiências dos saberes populares e a socialização, que vão construindo nas comunidades pelo pertencimento e os valores simbólicos e afetivos.

O campo da educação não formal é um leque de novos conhecimentos, onde a criatividade humana desenvolve-se do agir comunicativo entre os sujeitos existentes em uma determinada cidade, bairro ou até mesmo em uma comunidade. Esse campo de educação ocorre no contexto popular, sendo uma corrente de pensamento, a qual busca fazer educação a partir dos interesses da população.

Partindo do entendimento, que o conhecimento é um processo natural, que pode ser construído em lugares não formais. A aprendizagem nesses âmbitos faz refletir a real situação que existem na sociedade, partindo da problematização dos sujeitos que vivem na comunidade, por meio das histórias de vida e diálogos presentes no cotidiano. Assim, Pimenta (2014, p. 64) aponta que “[...] a educação é um processo “natural” que ocorre na sociedade humana pela ação de seus agentes sociais como um todo [...]”.

Nesses espaços é possível desenvolver a criatividade, a imaginação, a curiosidade, a pesquisa, a ação, a reflexão e a capacidade crítica de repensar o lugar de vivência, através das experiências dos sujeitos que estão sempre se reinventando suas práticas e ações. Logo, os espaços fora da escola acabam sendo novas alternativas para o ensino, vale destacar que o ensino formal, bem como o não formal, se complementa no sentido de ampliar a aprendizagem dos alunos.

Vale ressaltar que, ao longo da referida pesquisa, adotamos muito ao termo “Sujeitos”, sendo as pessoas que nos referimos e as quais fazem parte das comunidades. Para Vasconcellos, (2014, p. 73-74) o termo “Sujeito vem do latim *subjetum*, que etimologicamente significa posto, submetido, o que se encontra na base, [...] aquilo que se fala ou que atribuem qualidades ou determinações [...]”.

Tendo em vista, as práticas educativas fora dos espaços formais, nos faz refletir a real situação social, que existe nas comunidades. De acordo com a autora Gohn (2001, p. 36), a educação não formal “[...] é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via dos processos de

compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”. Nesse contexto, a minha experiência profissional e pessoal está relacionada aos espaços escolares também os lugares não convencionais.

Novos conhecimentos foram construídos e estão sendo aprimorados por meio do processo de formação continuada do Mestrado Profissional em Educação - MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA.

A pesquisa que estamos desenvolvendo no mestrado, está vinculada à Linha de Pesquisa “Formação de Professores, Currículo e Ensino”. Antes de abordar o contexto da pesquisa, venho apresentar um pouco a minha trajetória acadêmica e profissional que está em construção permanente.

Graduado em licenciatura em Geografia pela URCA, atuei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/URCA entre os anos de (2017 - 2019), participei como bolsista voluntário de extensão da Pró-Reitoria de Extensão - PROEX (2017- 2019).

Atualmente, estou vinculado ao Laboratório de Ensino de Geografia - LEG¹/URCA e do Grupo de Estudo e Trabalho em Geografia - GESTEGEO/URCA. No decorrer do percurso do mestrado, destaco alguns eventos os quais foram pertinentes para construção de uma educação mais cidadã e humana, possibilitando conhecer pessoas que motivam a fortalecer uma educação de qualidade.

A princípio, tive a oportunidade de ser filiado na Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB². Participei do Encontro Nacional de Ensino de Geografia - X Fala Professor (a)!- na Universidade Estadual do Ceará - UECE. A XVI Semana Acadêmica de Geografia - SEMAGEO/URCA. O XIV Congresso Internacional Multidisciplinar Artefatos da Cultura Negra, XIV Fórum Internacional de Pedagogia - XIV FIPED entre outros. Tive a experiência de apresentar trabalhos e fazer parte da comissão organizadora do II Encontro de Egressos do MPEDU/URCA.

Nesses eventos e encontros citados anteriormente, tive a oportunidade de ministrar oficinas e apresentar trabalhos nos diversos eixos temáticos. Já com relação às disciplinas cursadas do primeiro semestre do mestrado foram: Teorias e Método em Educação, Educação

¹ O laboratório de Ensino de Geografia - LEG tem a abrangência da formação de professores de Geografia, o qual inclui a prática didática, a pesquisa, nesse espaço ocorrem às reuniões dos grupos de estudo sendo um deles o GESTEGEO.

² (AGB) é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que reúne geógrafas e geógrafos, professoras e professores, estudantes de Geografia, e pessoas de outras áreas que se alinham aos princípios da entidade, preocupados com a promoção do conhecimento científico, filosófico, ético, político. Fonte: <https://agb.org.br/agb/#historia>

Brasileira e Diálogo contemporâneo. Já no segundo semestre, tivemos Formação de Professores: Diretrizes e Práticas e a disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar.

Na disciplina de Educação Brasileira destaco o livro “Educação e Contradição” do Carlos Roberto Jamil Cury, o qual tem um olhar significativo a respeito do conceito de educação, nos revela que a educação ocorre de forma ampla, devido às novas competências sociais. Ao longo da disciplina tivemos a oportunidade de publicar o livro “Educação Brasileira Sob Novos Olhares: inclusivos, pedagógicos e culturais”³, sendo fruto das pesquisas e experiências temáticas desenvolvidas no mestrado.

Sobre a reflexão dos propósitos da escola na disciplina “Diálogo contemporâneo”, nos fez refletirmos as ideias de Paulo Freire sobre a educação na sociedade por meio da leitura de mundo, das vivências e dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos. Isso mostra que a educação é uma forma de libertação por meio do diálogo e da consciência intencionada ao mundo, no qual “[...] o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a ser ensinados, mas sobre a vida mesma, ser verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar [...]” (Freire, 2021, p. 86).

Durante a disciplina “Etnoconhecimento e Educação Escolar”, as aulas foram realizadas em algumas cidades da região do Cariri, tivemos a oportunidade de (re)conhecer os sujeitos em suas determinadas comunidades, onde são preservados, as tradições, as práticas ancestrais e os conhecimentos populares.

Esses encontros que aconteceram nos espaços não formais, foram primordiais, visto que possibilitou um olhar mais aguçado em relação aos saberes sociais, que são ressignificado a partir do cotidiano, que ainda merece ter uma atenção pela educação formal. Debates textos decoloniais tais como: Colonialidade: o lado escuro da modernidade de Walter D. Mignolo; A colonialidade do saber do Diego dos Santos Reis e América Latina do Aníbal Quijano e outros.

Na luz dos debates com os amigos(as) e professores(as), ficou nítido que a estrutura de educação foi formada por uma matriz colonial do poder, partindo de um projeto eurocêntrico, percebe-se que, os saberes das comunidades ainda são negados.

Mas, acreditamos que esses conhecimentos, que estão presentes nas comunidades subalternas têm muito a ser debatido e reconhecido por meio dos saberes populares os quais os sujeitos ressignificam nos espaços não formais e nos lugares de vivência.

³ Acesso: https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1qNPtace5QJq6X5KjLa3gYQy6FHD_2hR

Quando falamos em saberes contidos na sociedade, venho dialogar um pouco sobre a minha atuação nos espaços não formais e nos movimentos populares do município de Crato. Por estar filiado ao Coletivo Camaradas⁴ sendo um espaço não formal do município, como também venho atuando nas ONGs⁵ das comunidades por meio de oficinas educativas, rodas de conversas, as lutas pelo direito à cidade que são temáticas pautadas nesses ambientes.

Outra referência espacial é a comunidade do Baixo das Palmeiras, por apresentar rica potencialidade nas dimensões política, econômica, educativa e cultural. Um lugar cheio de história, identidades e ancestralidade, graças aos sujeitos estarem preservando seus saberes. Através do contato com os sujeitos nas comunidades, percebo a rica potencialidade que têm a partir das práticas e saberes sociais. Sempre venho buscando o diálogo permanente com os moradores das comunidades, possibilitando dar visibilidade aos saberes informais como também (re)conhecendo as trajetórias.

Por ser professor da rede básica de ensino da cidade de Crato, venho alinhando os saberes escolares com os saberes populares nos espaços educacionais não formais, sendo conhecimento científico e social. Os saberes sociais, são meios para que os estudantes percebam as potencialidades as quais, podem ser exploradas a partir das comunidades que os sujeitos pertencem.

Durante a pesquisa bibliográfica, percebi a ausência de materiais na biblioteca da universidade e acervos em outros espaços sobre a temática desta pesquisa. Isso me fez ainda mais pesquisar sobre a educação não formal, possibilitando alinhar os saberes que estão contidos nos espaços não formais juntos com a prática metodológica da Instalação.

Trabalhar essa metodologia nos espaços comunitários é desafiador e ao mesmo tempo, possibilita uma reflexão para os educadores desenvolverem novas estratégias de ensino. Nesse contexto, com base nesse relato, a metodologia de ensino foi desenvolvida por Emerson Ribeiro⁶ (2014), a referida metodologia é caminho para a inserção dos sujeitos no processo criativo, reconhecendo os saberes sociais, através do cotidiano, possibilitando os sujeitos desenvolverem uma performance artística na própria comunidade.

Essa prática metodológica, possibilita contribuir tanto na formação docente e na construção de novos conhecimentos, sendo desenvolvida por meio de uma tríade: a ação, a

⁴ É uma organização política que atua no campo das artes, da pesquisa, da produção e difusão cultural e das lutas por políticas públicas para cultura, atualmente está localizada na comunidade do Gesso.

⁵ As organizações não governamentais (ONGs) são instituições independentes e que não pertencem à iniciativa privada, portanto, não têm fins lucrativos.

⁶ Emerson Ribeiro, professor Adjunto do Departamento de Geociências, Geoprof e do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri, coordenador do Laboratório Quatro Elementos, é formado em Geografia pela Universidade de Sorocaba e Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, possui Mestrado e Doutorado em Geografia Humana pela USP e pós-doutorado pela Universidade Federal da Paraíba.

reflexão e a materialização. Com relação à motivação em pesquisar sobre instalação não é recente, já venho tendo contato desde os momentos da graduação. Sempre acompanhei várias performances artísticas dos graduandos do curso de Geografia da URCA, ministrada pelo professor Ribeiro.

Destaco que, no último semestre da disciplina “Formação de Professores: Diretrizes e Práticas”, para o encerramento da disciplina as professoras sugeriram como proposta de avaliação as\aos mestrandos(as) o desenvolvimento de um produto educacional para conclusão da disciplina.

Nos encontros e diálogos, planejamos desenvolver a prática metodológica das Instalações como produto educacional. Tivemos encontros presenciais e *online*, para explicar todo o processo e percurso para construção das instalações.

Na construção do processo, os professores não conheciam a metodologia, foram surgindo dúvidas, a vontade de aprender e a imaginação foi o ponto crucial para pensar o que representar. A temática foi representar as pesquisas de cada mestrando(a). O produto das instalações⁷ foi um componente avaliado pelas professoras da disciplina. Logo, a metodologia foi apresentada no dia 14 de dezembro de 2023.

A base utilizada na Instalação foi a “Mala” para representar a bagagem, a experiência e aprendizagem que estamos construindo ao longo da jornada na formação docente do Mestrado, também por fazer alusão aos desafios dos egressos, que vem migrando de vários lugares do sertão cearense sendo (Crato, Juazeiro, Barbalha, Várzea Alegre, Jardim, Canindé, Crateús, Iguatu, Campos Sales, Icó, entre outras cidades).

Dentro da mala estavam os signos e símbolos, cada um dos mestrandos(as) foram colocando na mesa e apresentados os significados dos elementos materializados por meio das pesquisas que estão sendo desenvolvidas, conforme mostra a imagem a seguir.

⁷ O produto educacional: <https://sites.google.com/view/instalaespedaggicas-ip/p%C3%A1gina-inicial>

Figura 1: Instalação Pedagógica: as temáticas e as referidas pesquisas



Fonte: Foto capturada pelo autor (2023).

Portanto, destaco os símbolos e signos, que foram representados na instalação, o qual idealizei, pois faz alusão ao *locus* de um recorte da minha pesquisa, que consiste na comunidade do Baixio das Palmeiras. Na ficha técnica descrevemos. Vejamos na imagem a seguir.

Figura 2: Instalação Pedagógica: a comunidade do Baixio das Palmeiras



Fonte: Capturada pelo autor (2023).

Ficha Técnica:

O Fuxico: representa o trabalho do grupo de artesanato da figura feminina da Chapada do Baixio

O Pau Ferro/Jucá: representa as plantas medicinais e a cultura do Maneiro Pau da comunidade.

Cachimbo: faz analogia a Quitéria, que foi uma liderança e conselheira feminina na comunidade e seu contato ancestral pela natureza.

Canos de Água: faz alusão ao Cinturão das Águas do Ceará - CAC que está sendo implementado na comunidade como resultado do discurso da modernidade.

A Palha: remetem às casas de farinhas do Mestre José Gomes, que ainda mantém a resistência das tradições.

Essa experiência com as instalações, sempre é algo novo e desafiador no processo de criação artística, pois promovem possibilidades de criação, através da realidade social, inserida no cotidiano dos sujeitos envolvidos, ao oportunizar uma linguagem metafórica e referenciada nas experiências de cada um.

Trabalhar com a metodologia da Instalação, tem a finalidade de refletir as questões voltadas sobre a problematização existente na sociedade, através dos relatos de vida e temas sociais, que estão nos cotidianos, isso se torna desafios a serem construídos no espaço de vivência.

A partir das ações metodológicas vivenciadas na universidade, começamos a refletir a implementação dessa prática nos espaços educativos não formais, como uma forma de expressar a criatividade dos sujeitos, através das experiências vivenciadas no território. Assim, criamos condições de expressar a criatividade nos contextos sociais e socioambientais dos sujeitos.

Essa prática metodológica, vem sendo de suma relevância para ampliação das pesquisas nas diversas áreas do saber, tanto no campo pedagógico, cultural e social. Portanto, “Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além dos muros atingindo uma dimensão social”. (Ribeiro, 2016, p. 12.).

Essa pesquisa busca trabalhar a arte e a criatividade da Instalação Pedagógica - IP⁸ nos espaços não formais da comunidade de resistência Baixo das Palmeiras. Portanto, pretendemos expressar criativamente o conhecimento social, através das narrativas e histórias territoriais dos sujeitos que vivem nesses espaços, através do uso dessa ferramenta metodológica, possibilite a visibilidade aos contextos socioambientais que vêm ocorrendo na comunidade.

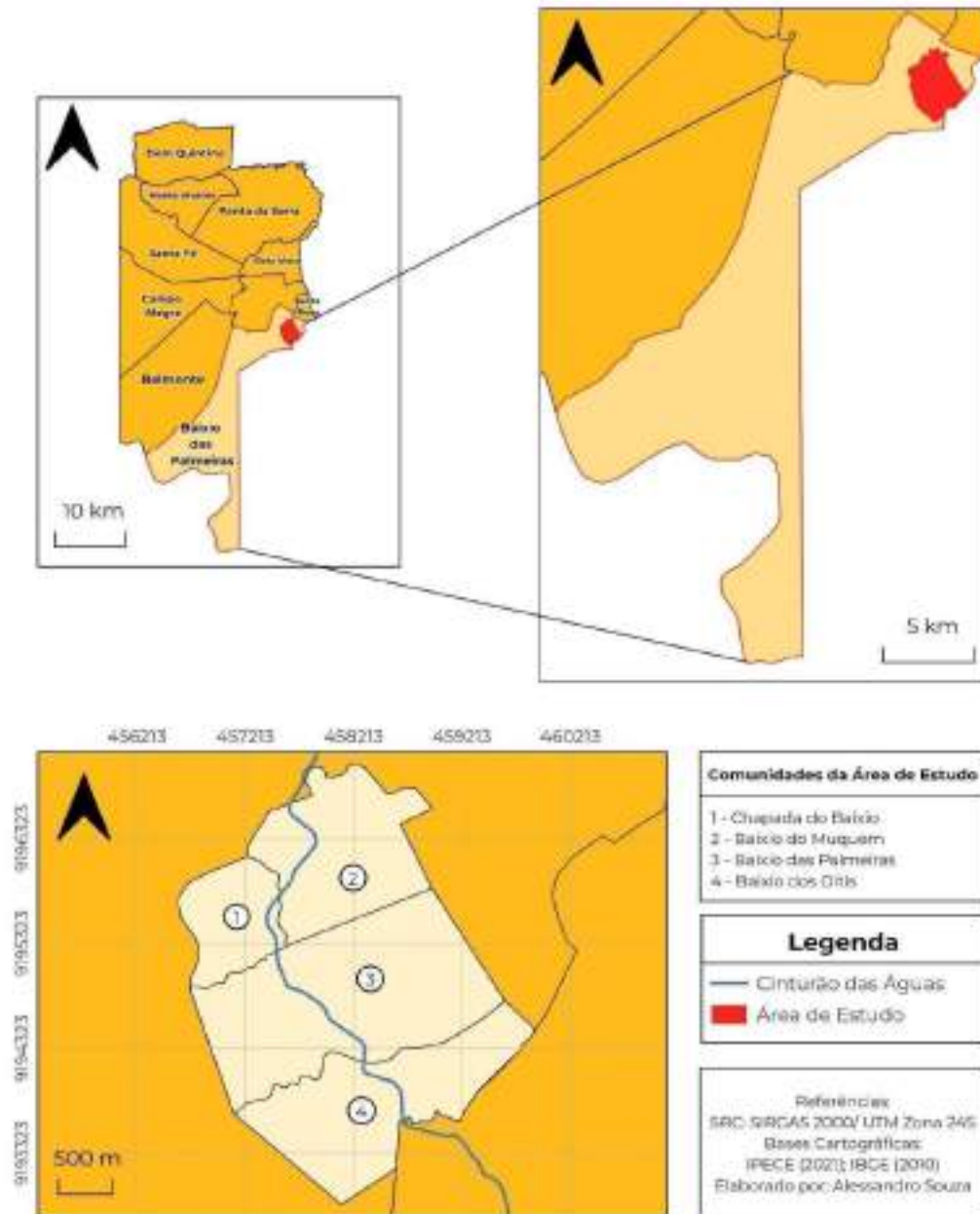
O Baixo das Palmeiras está localizado no Distrito da cidade do Crato, aproximadamente a 8 km da sede da cidade. O atual território do Baixo das Palmeiras é composto por várias comunidades rurais, algumas delas serão atingidas diretamente pelo Cinturão das Águas do Ceará - CAC⁹, sendo: Baixo das Palmeiras, Chapada do Baixo, Baixo do Muquém e Baixo dos Oitis (Figura 03).

No contexto atual, essas comunidades correm risco de seu desaparecimento em consequência às transformações acentuadas pela obra hídrica da região.

⁸ As Instalações Geográficas alcançaram outras áreas do conhecimento, tanto com publicações e novas pesquisas, bem como mediante a incorporação de novos saberes, fatos que condicionaram uma mudança etimológica, para o designio Instalações Pedagógicas – IP. Para uma melhor fluidez no ato da leitura, adotaremos essa sigla para designar esta prática.

⁹ Cinturão das Águas do Ceará – CAC são as maiores obras hídricas que estão em construção no Estado do Ceará. Uma das finalidades é a distribuição das águas nas principais bacias hidrográficas do Estado.

Figura 03 - Mapa da localização das comunidades do Baixo das Palmeiras



Fonte: Elaborado por Alessandro Souza (2023).

Essas comunidades estão sob ameaças de desaparecer com a implementação desse projeto. São locais que têm certa potencialidade a ser explorada, entre elas o turismo rural sustentável, as culturas locais, os artesanatos despertam o interesse nas pessoas que visitam. Esse processo de desapropriação não é simples, o lugar perde todo seu pertencimento ancestral e simbólico. Nesse contexto, acreditamos que a referida metodologia expressou suas resistências territoriais por meio da arte, da criatividade e da materialização da Instalação Geográfica.

As Instalações Geográficas - IG¹⁰ de princípio é uma metodologia idealizada na tese de doutorado de Ribeiro com a temática intitulada “Processos Criativos em Geografia: Metodologia e Avaliação para Sala de Aula em Instalações Geográficas”. Essa prática surgiu como alternativa para o ensino de Geografia possibilitando um olhar significativo na abordagem pedagógica do professor durante sua práxis na sala de aula.

Atualmente, as IG alcançaram outras áreas do conhecimento, vem ganhando outros significados e incorporando novos saberes e, por isso, passam a serem consideradas IP, ampliando o horizonte do saber e a multidimensionalidade dos sujeitos.

Diante desse contexto, consideramos inicialmente algumas questões norteadoras: Que medida as instalações pedagógicas podem ser utilizadas no espaço não formal como ferramenta de reflexão territorial dos sujeitos? As instalações nos espaços não formais podem contribuir para o entendimento e criatividade dos sujeitos nas comunidades? Além das questões supracitadas, as IP promovem possibilidades de criação artística, através da realidade social inserida no cotidiano dos sujeitos envolvidos, ao oportunizar uma linguagem metafórica e referenciada nas experiências de cada um.

Assim, justificamos que essa pesquisa terá um papel fundamental, para a valorização da cultura local, as raízes e as identidades construídas de um povo, através de suas memórias/histórias, sendo um caminho para que os mesmos possam (re)conhecer suas origens, as tradições presentes no nosso território como os grupos culturais, artesanatos, pontos de cultura, personagens marcantes entre outros.

Nesse raciocínio, definimos como objetivo geral, investigar a aplicabilidade do uso da metodologia da IP nos espaços não formais como ferramenta de reflexão do lugar e o cotidiano dos sujeitos da comunidade do Baixio das Palmeiras. Ademais, como objetivos específicos: identificar os espaços territoriais da comunidade; compreender as modalidades existentes de educação; refletir por meio das memórias as questões socioambientais do lugar; aguçar a curiosidade e criatividade dos sujeitos através das IP.

Nessa direção, as práticas das IP são ferramentas para trabalhar o processo criativo dos sujeitos nas comunidades, através de um assunto abordado e pesquisado, no qual possibilita os mesmos materializar por meio de signos e símbolos, elementos a partir da realidade. Essa materialização se realiza por meio de instalação artística nos espaços formais e

¹⁰ As Instalações Geográficas, instituiu-se a partir das produções do artigo “Práticas pedagógicas – o ensino geográfico por instalações”, apresentado no IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de São Paulo - UNESP, Rio Claro.

não formais. Esse último, nos desafia a desenvolver novas práticas significativas com os sujeitos sociais sobre a própria leitura de mundo.

Acreditamos que, as contribuições das metodologias por IP, ampliaram o olhar para além do campo pedagógico que vem sendo desenvolvido e avançam para o campo não formal, para dar visibilidade às memórias, aos relatos de vida, a identidade cultural e as questões sobre os problemas socioambientais que vêm ocorrendo nas comunidades. Essa metodologia é de suma relevância, para ampliação de estudo no campo pedagógico, tanto cultural, social e socioambiental. Foi perceptível que os envolvidos, foram capazes de expressar a criatividade através da IP, por meio dos relatos de vida, mediante o pertencimento e a identidade cultural.

Na primeira seção da pesquisa, apresentamos os caminhos metodológicos para investigação, onde detalharemos na abordagem qualitativa nas concepções de Prodanov e Freitas, o método da Pesquisa-Ação na elaboração de Franco e Thiollent. Já a análise e coleta dos dados tiveram como base teórica de Moraes. Na sequência o campo da pesquisa e a coleta dos dados, as contribuições teóricas da pesquisa e o público alvo. Posteriormente, os procedimentos das Instalações Pedagógicas e o produto educacional.

A segunda seção discorre sobre o lócus da pesquisa na comunidade do Baixio das Palmeiras. Abordamos uma reflexão sobre a história da educação em recortes temporais e espaciais para dialogar como foi se perpetuando desde as sociedades antigas até o período contemporâneo. Neste capítulo trazemos os conceitos sobre os espaços informais, não formais e formais. Buscamos fazer uma analogia dos saberes construídos nas comunidades que estão se (re)criando em seus territórios de resistência.

Na terceira seção, abordaremos as experiências da Instalação Pedagógica nos espaços não formais dos territórios do Baixio das Palmeiras e do Gesso. Dialogamos desde as bases teóricas da metodologia, percorrendo os percursos criativos dos desenhos e da Isogravura, que possibilitaram no processo de criação dos símbolos e signos até a montagem, como forma de apresentar a arte, reflexão e a criatividade dos saberes sociais, que são construídos pelas experiências afetivas do lugar.

2 PERCORRENDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS E OS TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIAS DA PESQUISA

Nesse caminhar, a investigação contemplou o campo de trabalho nos espaços não formais da comunidade do Baixio das Palmeiras e o território do Gesso, que será discutida posteriormente. A pesquisa teve como finalidade, identificar as memórias e experiências vivenciadas dos sujeitos nesse ambiente através da metodologia das IP.

Os sujeitos envolvidos são os moradores das comunidades, que foram delimitados na etapa campo, vale destacar que, a elaboração das práticas das instalações foram além da parte prática, tornaram-se ações socioeducativas que contribuíram na dimensão do campo educacional, cultural e ambiental.

Ainda na etapa campo, foram mapeados através da cartografia digital os espaços não formais da pesquisa com a finalidade de dar visibilidade à localização dos lugares pesquisados. Nessas comunidades que foram delimitadas, ocorreram os encontros e diálogos permanentes com os sujeitos, para poder socializar as histórias de vida. Assim, através dos encontros na comunidade, foi também delimitado o público alvo da pesquisa para desenvolver as oficinas e a metodologia da instalação na comunidade. Aconteceram às aplicações de entrevista questionário aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Nas comunidades do Baixio das palmeiras destacamos quatro espaços não formais do território, sendo a Casa de Quitéria, o grupo de artesanato as fuxiqueiras, Casa de Farinha e a Capela Santo Expedito. Já o espaço criativo do Gesso, o território do Coletivo Camaradas é um anexo do Projeto Nova Vida.

Em cada comunidade buscamos o diálogo por meio da roda de conversa com o propósito de conhecer os sujeitos e poder dar visibilidade às ricas potencialidades que os mesmos possuem em seus territórios de vivência.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são em maioria crianças e jovens, como também, adultos que frequentam os lugares das comunidades, dentre eles sendo os brincantes dos grupos tradicionais: Maneiro Pau, Dança do Coco, Fuxiqueiras, trabalhadores da casa de farinha e outros.

Vale destacar, que as tradições populares desses grupos culturais, existem há décadas nos territórios das comunidades. Para análise das informações, optamos pela entrevista e questionário de grupo focal.

2.1 Abordagens e os métodos da pesquisa

Para o desenvolvimento deste estudo partimos da abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa permite reconhecer na prática as experiências vivenciadas pelos sujeitos delimitados e o contato direto com a fonte da pesquisa, pode-se inferir que esse tipo de procedimento é a que mais se adequa a nossa proposta. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 70) na abordagem qualitativa:

A pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador [...].

Esse tipo de abordagem, permite que os participantes da pesquisa formulem opiniões e reflexões sobre a realidade humana. De acordo com Minayo (2001, p. 22) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”.

Por isso, recorremos à metodologia Pesquisa-Ação, uma vez que, possibilita novos caminhos para a resolução do problema pesquisado, que envolve os sujeitos da pesquisa. Diante disso, ao mobilizar uma maior interação com o campo, utilizamos os princípios da Pesquisa-Ação, como forma de adequar as técnicas de intervenção e coleta de dados.

A Pesquisa-Ação é uma forma colaborativa de pesquisa, cuja proposta visa à criação de um espaço de diálogos e reflexão na prática do educador, incluindo a resolução do problema investigativo [...] (Franco, 2005). Esse tipo de pesquisa se realiza por uma situação social, partindo de uma investigação através de base empírica.

Já para Thiollent (2011, p. 20) A Pesquisa-Ação,

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Essa abordagem, possibilita que os pesquisadores, desenvolvam um papel ativo nas ações encontradas para solucionar determinados problemas sociais, esse tipo de pesquisa tem um caráter emancipatório o qual, reconhece as vivências e as experiências em grupo. Assim,

“Com a pesquisa-ação, os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados” Prodanov e Freitas (2013, p. 66).

Assim, usamos a abordagem do Grupo focal na perspectiva dialética para ampliar o entendimento do assunto abordado com os sujeitos da pesquisa. Segundo Backes (2011, p. 439), “O grupo focal representa uma fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade [...]”.

A importância da pesquisa surge a partir das dúvidas, perguntas e a respeito de uma temática a ser investigada. No caso, uma das inquietações era como implementar essa metodologia nos espaços não formais da comunidade. Buscamos os contatos prévios com os representantes das comunidades o qual nos possibilitou o diálogo, para conduzir um melhor caminho para a etapa do campo da pesquisa.

A importância do diálogo foi crucial para a pesquisa, Ferreira, (2009, p. 44) afirma que: “(...) o diálogo assume função preponderante: garantir não só o relato, mas a reflexão sobre as ideias relatadas”. Através do contato com os sujeitos possibilitou uma melhor reflexão sobre a pesquisa. Também ajudou nas informações do cotidiano que não entendia, principalmente na compreensão da relação social com seu objeto de estudo pesquisado.

2.2 Análises dos dados coletados

Para os dados coletados e compreensão das informações, a técnica que mais se adequa para realizar a abordagem dos dados é análise textual discursiva. Essa análise, possibilita construir novos caminhos para ajudar a lidar com as informações coletadas. Nesse sentido, essa metodologia favorece na compreensão dos aspectos a serem interpretados pela análise textual, dos conteúdos e do discurso. Para Moraes, (2006, p. 118), a análise textual discursiva é,

[...] Uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise do conteúdo e a análise de discurso. Existem inúmeras abordagens entre estes dois pólos, que se apóiam de um lado na interpretação do significado atribuído pelo autor e de outro nas condições da produção de um determinado texto [...].

Como forma de dialogar o significado do material produzido pelos sujeitos da pesquisa, as experiências, os relatos e as interpretações são formas de utilizar essa abordagem.

O primeiro procedimento da análise foi a desconstrução e a unitarização dos textos. Assim, “A unitarização, constitui exercício de produção de novos sentidos, processo no qual, pela interação com outras vozes o pesquisador atualiza sentidos expressos. A desconstrução total nunca é atingida, exigindo constantes decisões sobre o encaminhamento do processo”. (Moraes, 2006, p. 124).

Com essas duas abordagens no processo, criam-se condições para categorização. O critério utilizado nas técnicas de organização, sistematização e análise dos dados foi a codificação que teve como finalidade, classificar os dados da pesquisa, a partir de agrupamentos de determinadas categorias com números e letras, que representam os sujeitos da pesquisa. A categorização possibilita a descrição e,

[...] consiste na organização dos dados para que o pesquisador consiga avançar para tomar decisões e tirar conclusões a partir deles. Isso requer a construção de um conjunto de categorias descritivas, que podem ser fundamentadas no referencial teórico da pesquisa. [...] Para chegarmos a elas, é preciso ler e reler o material obtido até que tenhamos o domínio de seu conteúdo, a fim de, em seguida, contrastá-lo com o referencial teórico. (Prodanov; Freitas, 2013, p. 113).

A categorização entende-se pela classificação dos elementos constitutivos de um conjunto, para um reagrupamento e organização de dados, ajudando o pesquisador a tomar decisões e buscar as conclusões. Ademais, os dados obtidos foram revisados várias vezes para ter uma melhor compreensão dos resultados, a metodologia de análise contribui significativamente para a nossa pesquisa. A investigação partiu das falas e dos escritos dos sujeitos, que foram identificados na última seção desta pesquisa.

2.3 As contribuições teóricas e os percursos criativos

De passagem, buscamos as contribuições teóricas que proporcionam um maior esclarecimento sobre a relação da educação não formal, sendo Gohn (2001, 2011); Marandino (2008); Toledo (2004); Trilla (2008); Castellar (2010); Carlos (2018); Libâneo (1995); Freire (2019/2021); Gadotti (2006); Pimenta (1996, 2014) e outros. Esses autores são referências na temática e nos possibilitaram aprofundar as questões que norteiam o processo relacionado ao espaço não formal e a relação com os saberes populares das comunidades.

Nessa direção, sobre as comunidades, o pertencimento, o cotidiano de vivências e as mudanças espaciais dos sujeitos, atores como Gonçalves (2022), Brito (2016); Nobre (2005);

Lefebvre (2001); Arroyo (2004); Santos (1992); Freire (2014) entre outros autores, que debatem questões relacionadas às transformações humanas, que estão se desenvolvendo em um determinado período de tempo, como também, as mudanças socioespaciais que estão em constante modificação no território.

Com relação à abordagem teórica, relacionada à prática metodológica das Instalações Pedagógicas, autores como: Ostrower (2014); Ribeiro (2014, 2016); Silva (2019); e outros, sendo autores que contribuem para o processo de construção da criatividade dos sujeitos, por meio da metodologia artística das instalações na perspectiva histórica, humana e cultural. Vale destacar, a relevância da bagagem de conhecimentos adquiridos, por meio de revisão da literatura que nos proporcionou compreender e aplicar a referida metodologia.

Sendo assim, para desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas as leituras dos autores citados anteriormente para um melhor esclarecimento das abordagens relacionadas sobre a educação não formal, a comunidade, o cotidiano, o lugar de vivência e a metodologia da instalação. Nesse viés, o propósito do recorte desses autores, se deu pela abrangência das questões pertinentes à temática.

Após a realização da revisão bibliográfica, partimos para a etapa campo. Articular com os sujeitos da comunidade sobre a pesquisa não foi uma tarefa fácil, devido algumas questões, que foram surgindo nos primeiros encontros com os representantes e as lideranças comunitárias, sendo: Qual seria o público alvo para realizar a pesquisa? Qual seria a faixa etária? Onde será realizada a construção do material? Qual o horário para os procedimentos práticos? Essas indagações foram importantes no sentido de organizar e pensar os caminhos para a realização da IP.

Diante dessas reflexões, para pensar a realização da prática metodológica, tanto os líderes e os representantes das comunidades nos ajudaram a conduzir os encontros por meio de ações, que proporcionaram aos moradores das comunidades, a participarem do processo criativo. Chamamos de “Percursos Criativos” por ser o momento de intercâmbio com os sujeitos das comunidades para realizar a mobilização e prosseguir no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse contexto, os percursos criativos foram passos importantes para poder pensar a realização dos caminhos metodológicos no território da comunidade, as ações realizadas no campo foram: Conhecer os sujeitos da pesquisa por meio do diálogo, através da roda de conversa nos territórios da comunidade; Propor oficinas socioeducativas nos espaços não formais com os sujeitos da comunidade; Construção da metodologia das Instalações nos espaços de vivências dos sujeitos.

Vale ressaltar que, durante as oficinas ocorreram as rodas de conversas com os sujeitos, como forma de socialização das memórias e histórias de vida. Assim, através do diálogo, possibilitaram-se discussões acerca das questões do cotidiano dos moradores e o lugar de pertencimento. Os diálogos tiveram a finalidade de descobrir as vivências e o sentimento do lugar dos sujeitos, que ocupam os espaços não formais da comunidade. Com esses primeiros passos, nos possibilitam a compreensão do lugar e os caminhos para realização das instalações, por meio dos diálogos e entrevistas, as quais foram socializadas e aplicadas.

Os procedimentos aqui propostos, assumiram inicialmente, um efetivo trabalho de campo nas comunidades que foram delimitadas, foi feito um contato prévio com os líderes desses espaços, como possibilidade de ocorrer às rodas de conversas e aplicação das oficinas e posteriormente a ação metodológica.

Entretanto, através da aplicabilidade da metodologia da instalação no campo social, tornou-se uma forma de reconhecimento social a partir das histórias de vida, afetividade nas comunidades e as memórias dos sujeitos como valor simbólico e cultural.

2.4 Os sujeitos da pesquisa e os procedimentos metodológicos das Instalações Pedagógicas

Para refletirmos sobre esse público, os atores no desenvolvimento da IP, inicialmente pensamos nos líderes comunitários como guia para apresentar os sujeitos da pesquisa. Diante dos contatos com os representantes das comunidades, os diálogos foram cada vez mais pertinentes e ganhando espaço, no sentido de conhecer quem são os sujeitos presentes nos territórios das comunidades.

Assim, a proposta que pensamos primeiramente, envolvia apenas os membros de uma única localidade que participavam do espaço cultural da Casa de Quitéria. Mas, nos primeiros encontros, percebemos que os envolvidos são de comunidades vizinhas. Tivemos que rever a quantidade dos participantes e a disponibilidade dos mesmos, para realizar os encontros, como também, a delimitação dos mesmos para realizar o processo de instalação. É importante destacar que, cada encontro foi de aproximadamente 2 horas de ações na comunidade.

Ao dialogar com o representante da Casa de Quitéria, Liro Nobre e Alexandre Lucas, nos ambientes não formais distintos, foi sugerido um primeiro encontro com as pessoas que

frequentam o espaço, assim, tivemos a oportunidade de escutar e ver a disponibilidade dos sujeitos da comunidade. No Baixio o encontro aconteceu dia 6 de julho com 15 pessoas da comunidade e com a faixa etária de 08 a 16 anos. Vale destacar que, o espaço estava prestes a iniciar uma reforma e as pessoas presentes nas reuniões sugeriram a realização da prática na comunidade vizinha, chamada Oitis, sendo um local que faz parte do território do Baixio das Palmeiras.

Já na comunidade do Gesso, os encontros aconteceram posteriormente. Esses encontros foram pertinentes para pensar qual espaço seria acessível para o desenvolvimento das instalações no território da comunidade. É importante destacar que, a proposta da pesquisa foi apresentada aos representantes dos espaços não formais, os mesmos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, explicamos como seria a proposta da instalação com os sujeitos presentes nas primeiras reuniões.

Sendo assim, destacamos que, a metodologia da Instalação Pedagógica, idealizada por Ribeiro (2014), propõe abordar um conteúdo estudado e pesquisado, possibilitando materializar o assunto trabalhando por meio do conteúdo na perspectiva do vivido, do percebido e do concebido. Nesse viés, essa prática tornou-se um desafio para expressar as ideias nos espaços não formais por meio da arte, criatividade e das ações realizadas no cotidiano dos sujeitos, para que os mesmos pudessem desenvolver sua criatividade. Essa prática tem a possibilidade de ser projetada tanto, dentro da escola ou para além dos muros escolares atingindo uma dimensão sociocultural.

Os passos para realizar a proposta metodológica da instalação se dão nas seguintes formas: Aplicação do conteúdo, a pesquisa, a construção dos signos/símbolos, a produção dos textos, a teias de ideias, a montagem da instalação, relato das experiências vivenciadas pelos sujeitos da comunidade, sendo a criação de um novo texto. Para um melhor esclarecimento abordaremos a explicação dos passos apresentados.

O conteúdo trabalhado pode ser utilizado em diversas linguagens para o processo de conhecimento, podendo facilitar o entendimento dos sujeitos. Nas comunidades existem diversos elementos ou símbolos que estão presentes no território. Dessa forma, o *feedback* dos sujeitos, são pertinentes para se ter uma compreensão global do que o mesmo entendeu sobre os assuntos pesquisados, como também, os elementos que estão no cotidiano de vivência, as quais podem ser produzidos ou não pelas percepções humanas.

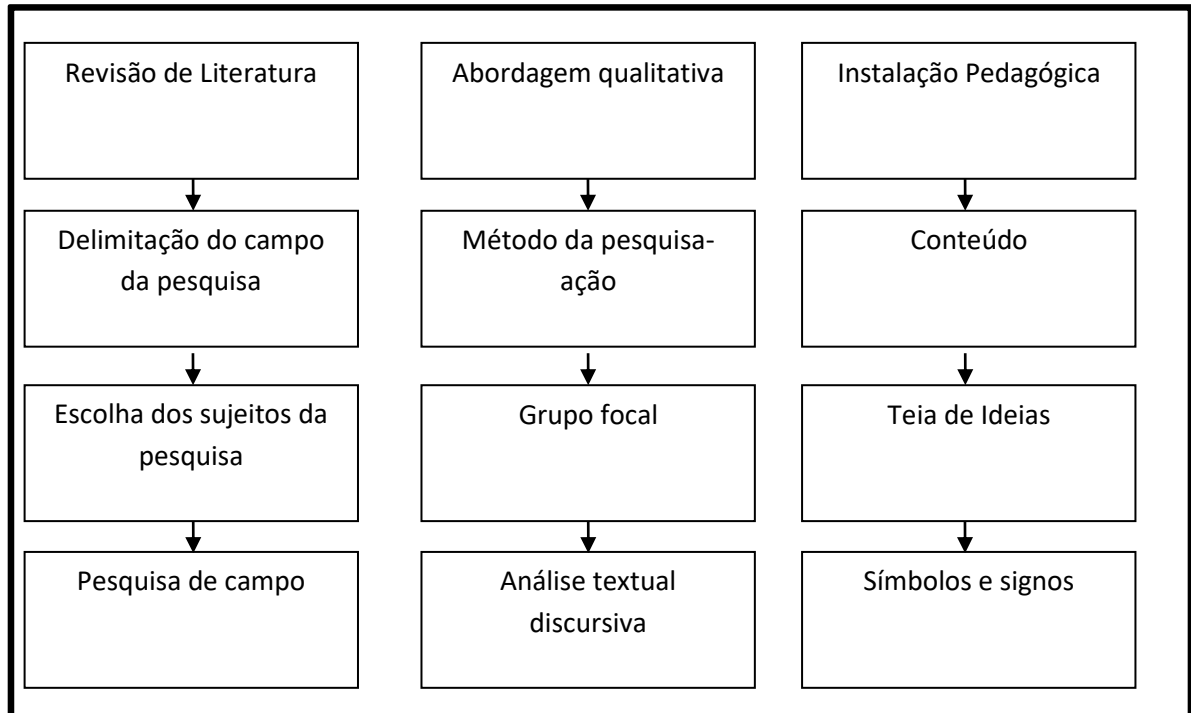
A pesquisa é o momento crucial para o processo de criação, pois essa etapa leva o sujeito à reflexão, ação e materialização, essa tríade possibilita a construção da sequência didática. A compreensão teórica são caminhos para a criação de novos conhecimentos, os

saberes adquiridos vão se ampliando através dos diálogos e possibilitando melhorar as ideias para a elaboração da exposição, como também, nos detalhamentos dos textos que estarão na etapa da exposição das instalações.

Já, a etapa dos símbolos e signos são os elementos para representar tais objetos das pesquisas realizadas pelos sujeitos, a qual os símbolos têm a finalidade de expor suas ideias por meio do processo de associação. Vale ressaltar que, os elementos simbólicos necessitam ser expostos em uma base a ser criada também pelo grupo. Durante a exposição das instalações, a base surge por meio da pesquisa e dos encontros que são socializados.

Em seguida, há o momento das “teias de ideias”, onde acontece a socialização dos sujeitos, tanto para debater as pesquisas, como também, as leituras dos textos, nos diálogos vão discutindo quais símbolos e signos vão de fato compor a base. Assim, cada equipe fortalece o seu conhecimento por meio do diálogo e associação dos materiais mais adequados, que ficarão expostos para compor a base da instalação.

Esse percurso metodológico nos convida para um diálogo com os sujeitos delimitados nas comunidades, para ampliar na reflexão do território, no entendimento do lugar de vivência e nas práticas afetivas que acontecem nesses espaços. Através da bagagem de conhecimentos adquiridos dos referenciais teórico da referida metodologia, apresentamos os procedimentos adotados na pesquisa de campo: (a) desenvolver oficinas nos espaços não formais com os sujeitos da comunidade, (b) aplicação de entrevista semiestruturada e questionário aos sujeitos envolvidos na pesquisa, (c) Elaboração do produto final que será aplicabilidade das Instalações Pedagógicas nos ambientes não formais de ensino, como forma de dar visibilidade às ações cotidianas que acontecem nos territórios das comunidades.

Gráfico I - Fluxograma do desenvolvimento da pesquisa metodológica

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Sendo assim, os caminhos metodológicos, que foram realizados na pesquisa contemplaram os campos não formais do distrito do Baixio das Palmeiras com o propósito de identificar as experiências vivenciadas dos moradores nesse ambiente por meio das práticas das instalações. Os sujeitos envolvidos foram os jovens que frequentam os espaços culturais da comunidade.

Assim, conduzimos o desafio de realizar a nossa investigação, utilizando a ação metodológica da IP nos espaços não formais com um público diverso, tanto na faixa como também nos diferentes níveis de aprendizagem, à vista disso, as instalações podem contribuir para o entendimento territorial dos sujeitos? O uso da metodologia nos espaços não formais, podem favorecer a criatividade e aprendizagem nas comunidades? Essas reflexões foram importantes no sentido de organizar e pensar os caminhos para a realização da pesquisa.

2.5 A proposta do produto da pesquisa

O produto final da pesquisa foi à elaboração de “recursos criativos a partir do cotidiano dos sujeitos¹¹”, explicando o passo a passo da referida metodologia nos ambientes não formais das comunidades do Baixio das Palmeiras. Esse produto proporciona caminhos para registrar as narrativas e histórias dos sujeitos que vivem nesses espaços, expressando de forma criativa e reflexiva. O produto pode proporcionar a visibilidade no sentido do conhecimento e reconhecimento, que as comunidades podem contemplar nos seus respectivos espaços não formais, atingindo as dimensões: políticas, culturais e econômicas que estão compostas no território da comunidade.

Buscamos registrar, através do produto educacional, o processo criativo dos sujeitos envolvidos desde o momento de criação até a exposição das instalações, o qual está disponibilizado em uma plataforma digital como uma forma de explicar o processo de socialização dos elementos materializados por signos e símbolos, que são associados à forma dos objetos. Através da aplicabilidade do uso dessa metodologia como ferramenta pautada na tríade arte, reflexão e criatividade, a pesquisa promoveu a construção de trocas de saberes entre os sujeitos envolvidos nos ambientes não formais.

Acreditamos que, a construção desse material nos convida a pensar sobre um olhar mais diretivo, propositivo e afetivo em termos de reconhecimento e valorização das raízes, dos saberes ancestrais, das culturas presentes nos territórios. Essa prática apresentou caminhos para os sujeitos poderem expressar através da criação artística, que se encontram nos espaços físicos, sendo murais, painéis, desenhos, esculturas, ambientações sensoriais. Também nas histórias, no pertencimento a partir do espaço de vivência, possibilitando a autonomia, criatividade e o diálogo permanente dos sujeitos para refletir e construir uma sociedade mais justa e humana.

2.6 Campo da pesquisa: a formação territorial do Baixio das Palmeiras

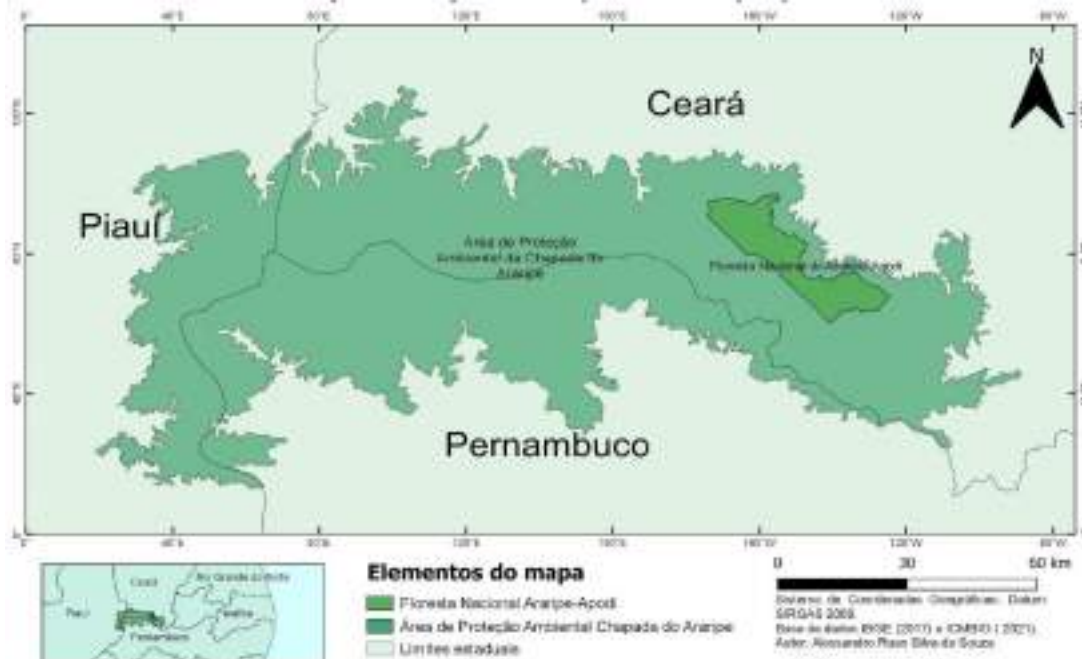
Ao iniciar o diálogo sobre o lócus da pesquisa é necessário um breve contexto sobre a formação territorial do Baixio das Palmeiras. O Cariri cearense por ser um local considerado ponto de exceção no semiárido nordestino, devido suas fontes de águas doces e cristalinas,

¹¹ Link do produto: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1Qeu9G5QtmKKAGZqpZx8ViyWOl60koSi6>

apresenta rica potencialidade de recursos naturais existentes nessa região. Nesse recorte espacial, destaca-se a rica flora e fauna, que se tornam palcos de pesquisas em boa parte do seu território geográfico. As espécies nativas existentes desse lugar são privilegiadas por conta da exuberante Chapada do Araripe.

A floresta do Araripe abriga muitas espécies de animais, como também os povos originais¹², que ainda estão presentes e mantém as tradições culturais nesse território. É considerada a primeira unidade de conservação do Brasil criada em 1946¹³, em sua área apresenta uma rica biodiversidade onde encontramos espécies endêmicas de animais e vegetais, tais como o Soldadinho-do-Araripe (*Antilophia bokermanni*).¹⁴ Atualmente, essa espécie pássaro endêmica da região do Cariri, bem como outras espécies, correm risco de extinção e estão na lista do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio (Figura 04).

Figura 04 - Mapa da localização da Floresta do Araripe e Chapada do Araripe



Fonte: Elaborado por Alessandro Souza (2023).

¹² Os povos originários são os primeiros habitantes de uma determinada região ou território, que viviam ali antes da colonização ou da formação dos Estados modernos. No contexto das Américas, como o Brasil, os povos originários são os povos indígenas.

¹³ A Floresta Nacional Araripe-Apodi, criada em 02 de maio de 1946, constitui a primeira Unidade de Conservação de sua categoria estabelecida no Brasil. Plano de manejo da Floresta Nacional Araripe.

¹⁴ No ano de 1996, no Distrito de Arajara, Município de Barbalha, foi descoberta uma espécie de pássaro que se tornou alvo de atenção e curiosidade pela sua beleza e canto peculiar. (Lima, 2012, p. 141).

O Geógrafo Cláudio Ubiratan nos afirma que, o Cariri cearense tem dois aspectos geográficos, sendo o geopolítico e o geoestratégico. Do ponto de vista do espectro geopolítico, o Cariri está localizado no extremo sul do Ceará, e por estar no Nordeste central do Brasil, faz divisa com três estados nordestinos: Pernambuco, Paraíba e Piauí, possuindo uma faixa equidistante dos principais centros de poder, as capitais dos estados do Nordeste. A linha que separa esses estados não era a mesma, pois delimitam os territórios dos povos originários da região. Já com relação ao espectro geoestratégico,

[...] entendemos a existência e a manutenção da grande diversidade de espécies de animais e vegetais. A Floresta Nacional do Araripe, em seus 38.262 hectares abrigam muitas espécies de aves, mamíferos, répteis, anfíbios, bem como as populações tradicionais. Também na proteção Ambiental da Chapada do Araripe, com uma dimensão de 1.063.000 hectares, ocorre biodiversidade de flora, fauna, existência de cavernas e nascentes das unidades hidrológicas da bacia do Rio Brígida, alto Rio Jaguaribe e Bacia do Rio Canindé, afluente do Rio Parnaíba [...]. (Gonçalves, 2022, p. 46-47).

O território do Cariri possui uma considerável paisagem verde, como também, vários tipos de animais, nascentes perenes, contornos topográficos úmidos, atrai atenção, visto que está situada em uma área semiárida, ou seja, no puro sertão. Para Pinheiro, (2009, p. 8) “É o Cariri uma estreita faixa de terreno sertanejo, com fontes que nunca secam. Viu-lhe o nome de seus habitantes primitivos, os índios cariris, originários de um lago encantado, conforme eles diziam, talvez do rio das Amazonas [...]”. Falar do Cariri, nos desafia a conhecer as potencialidades culturais e naturais dessa região, como também, reconhecer a vida que circunda o verde da Chapada do Araripe.

[...] A natureza do Cariri cearense é generosa. O santuário ecológico da Chapada do Araripe - que em língua indígena significa Lugar das Araras, com uma altitude de 900 metros, detém uma rica biodiversidade, formando um ecossistema peculiar da região, caracterizado pela fertilidade do solo e pelo clima ameno. A Chapada do Araripe ocupa uma área de 180 km de extensão na direção leste-oeste e 50 km de largura na direção norte-sul [...] (Cariry, 2008, p. 364).

Não podemos esconder o lado obscuro de sua história, além de suas riquezas naturais no território dos índios Kariris ocorreram às lutas sangrentas e violentas devido à ocupação do homem branco em territórios indígenas por meio do processo de colonização. Isso se deu através de um projeto colonizador do mundo cristão europeu, na qual buscavam novos territórios em suas descobertas pelas grandes navegações em outros continentes. Assim, o controle do comércio mundial foi se intensificando pela exploração das riquezas em razão de

um padrão mundial do poder, uma visão eurocêntrica, destacando a branquitude como lugar de privilégios do ponto de vista racial.

A privilegiada posição ganhada com a América pelo controle do ouro, da prata e de outras mercadorias produzidas por meio do trabalho gratuito de índios, negros e mestiços, e sua vantajosa localização na vertente do Atlântico por onde, necessariamente, tinha de ser realizado o tráfico dessas mercadorias para o mercado mundial. A progressiva monetarização do mercado mundial que os metais preciosos da América estimulavam e permitiam, bem como o controle de tão abundantes recursos, possibilitou aos brancos o controle da vasta rede pré-existente de intercâmbio[...]. (Quinjano, 2005, p. 119).

O Crato por está localizado no sopé da Chapada do Araripe, apresentando um clima ameno e uma posição geográfica favorável para o cultivo de plantações, em virtude das fontes naturais do território. Na metade do século XVIII, desenvolveu-se a atividade canavieira, mais tarde a plantação de algodão e a chegada da pecuária.

Na vila do Crato, como assim era conhecida, o desenvolvimento era lento, mas com o cultivo do algodão e, posteriormente, a criação do gado nessa região ampliou seu crescimento graças à rica fertilidade do solo e das águas cristalinas em um ambiente semiárido.

Com a lógica de produção da agricultura, vão surgindo os distritos do município, os sítios e as comunidades. Foi por meio da abundância de engenhos no município do Crato em meados do século XX, sendo uma atração econômica das comunidades da época, começou a surgir os distritos, sendo eles divididos em dez, sendo: Crato (sede), Baixio das Palmeiras, Belmonte, Campo Alegre, Dom Quintino, Monte Alverne, Bela Vista, Ponta da Serra, Santa Fé e Santa Rosa.

A implementação das práticas cultiváveis de agricultura no território, Nobre (2015, p. 31) aponta que, “As veredas indígenas, aos poucos foram se transformando em estradas e, à medida que esses pequenos sítios ampliaram suas práticas agrícolas, o povoamento se estendia para as partes mais baixas. Surgem então as **comunidades** Muquém, Palmeiras, Oitis, Monteiro e Chapada”. (Grifos nossos).

No entorno dos pequenos aglomerados de casas foram surgindo, as capelas, local de devoção e fé, que foram relevantes para o processo de formação territorial. Destacam-se as paisagens naturais e os verdes das palmeiras nas comunidades.

Figura 05 - Imagens dos babaçus



Fonte: Capturada pelo autor (2025).

Com o surgimento desses distritos, destacam-se os trabalhos manuais do campo, como o cultivo do algodão e da mandioca, esse último vem ganhando destaque devido às casas de farinhas que hodiernamente, apenas uma casa de farinha é encontrada no território do Baixio das Palmeiras. Na década de 1980, de acordo com as pesquisas, existia uma faixa de 20 casas de farinha nas comunidades dos distritos de Crato.

Atualmente, somente a Casa de Farinha Mestre Zé Gomes se mantém de pé. Mesmo assim, essa tradição ficou perto de acabar, ficando quase 12 anos desativada, até ser doada para Associação do Baixio do Muquém.

Em consonância com esse pensamento, a respeito da formação territorial das comunidades do distrito do Crato, o pesquisador e professor Anderson Camargo, apresenta a Geografia do território do Baixio das Palmeiras, o significado dos nomes das comunidades rurais do Baixio das Palmeiras, quais foram surgindo e as ameaças que vem ocorrendo por meio do Cinturão das Águas do Ceará - CAC.

Os nomes das comunidades Oiti, Muquém e Palmeiras estão relacionados a árvores nativas da região da Chapada do Baixio e fazem referência a Chapada do Araripe. Essa comunidade está localizada em uma elevação de relevo considerável, de onde se vê boa parte das comunidades. Vale destacar que as comunidades serão afetadas diretamente pelo traçado do cinturão das águas do Ceará em forma de canal. As mencionadas áreas de morro serão niveladas para possibilitar a contratação do canal. Serão atingidas propriedades e casas. (Brito, 2016, p. 187-188).

Atualmente, as comunidades estão sob ameaças no sentido da mudança radical do espaço geográfico, como foi apresentado anteriormente sob a chegada do CAC. Isso vem movendo as perdas dos valores afetivos e simbólicos pertencentes às comunidades. Mas resistir é preciso, educar para todos os pactos sociais por meio da luta, resistência e dos saberes populares.

Nas comunidades, os saberes acontecem de forma difusa. Os conhecimentos acontecem através das experiências de vida dos sujeitos, por meio dos trabalhos artesanais que ocorrem no dia a dia. Os diálogos nesses ambientes, acabam tornando possibilidades para socialização dos conhecimentos, porém em certas comunidades que os saberes ainda são negados através da estrutura dominante do capitalismo, desde o processo colonial ao saber eurocêntrico.

Destacamos que, a educação foi negada principalmente às classes desfavorecidas, para proveito de certa finalidade de trabalhos escravos, esse processo cruel é tão desigual pelo silenciamento dos saberes populares das comunidades.

A educação não formal vem a cada passo reinventando nas comunidades por meio da arte, reflexão e a criatividade. A segunda seção tem a finalidade de debater as principais características da educação em diversos contextos históricos da humanidade, na qual a história da educação perpassa-se por diversas lutas de classes entre opressores e oprimidos, também pelas culturas e o modo de educação distinto em cada época.

A seguir, abordaremos um pouco da história da educação por meio de recortes temporais e espaciais, para dialogar como ela foi se perpetuando no contexto das sociedades antigas até o período contemporâneo, buscamos fazer uma analogia sobre a educação com as práticas não formais as quais estão se (re)criando nas comunidades de resistência ao capital financeiro.

3 O BAIXIO DAS PALMEIRAS E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NAS COMUNIDADES DE RESISTÊNCIA

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais [...]. (Albuquerque. 2011, p. 78).

A epígrafe nos convida para uma reflexão a respeito das mudanças espaciais, que vem ocorrendo em consequência do processo de desapropriação dos lugares em seus determinados territórios. Muitas vezes esse processo está além de um bem material, mas de todo o pertencimento, que foi construído por meio da coletividade e afetividade. A desterritorialização acontece através do discurso do progresso ou da modernidade como uma forma do sistema capitalista, avançar para os lugares com grande abundância de recursos naturais.

Pensando nesse contexto de lutas e resistência ao sistema capitalista, a pesquisa tem como *locus* o espaço territorial marcado por conflito e resistência. No dia 05 de outubro de 2023, tivemos uma experiência prática e pedagógica que se desenvolveu por meio de uma oficina na disciplina Etnoconhecimento e Educação Escolar¹⁵ onde ocorreu a visita em três espaços não formais das comunidades do Baixio das Palmeiras, nesses espaços estão: A Casa de Quitéria (Baixio das Palmeiras), o grupo de artesanato as fuxiqueiras (Chapada do Baixio) e a Casa de Farinha (Baixio do Muquém).

Esses encontros foram pertinentes para conhecer os sujeitos, seus saberes que são desenvolvidos por meio das histórias de vida e a relação com o território. Em cada comunidade aconteceu rodas de conversas, com o propósito de conhecer as ricas potencialidades que os espaços possuem, sendo através das memórias, representações, identidade e saberes ancestrais, que são ressignificados por meio da cultura, culinária, artesanato entre outras formas de conhecimento social.

Nesse viés, buscamos resgatar através de recortes temporais e espaciais sob a história da educação na humanidade, para entender como os saberes perpassam pelos povos em seus espaços, desde os costumes dos homens primitivos, passando pelos saberes Gregos, discutindo os conhecimentos Romanos para chegar a uma educação sistematizada e poder fazer uma relação com o momento contemporâneo. Assim, iremos apresentar uma analogia

¹⁵ Disciplina optativa do Mestrado Profissional em Educação - MPEDU da Universidade Regional do Cariri - URCA

com a nossa área de estudo, para ter uma melhor compreensão a respeito dos saberes construídos nos espaços não formais. Nesse sentido, o estudo nos mobilizou a convidar os sujeitos das comunidades como uma forma de (re)conhecer os espaços e as relações com os lugares de vivência.

3.1 Um breve histórico da educação primitiva a capitalista e a comunidade do Baixo das Palmeiras

As comunidades são entendidas como um processo de criação social, histórica e cultural. Devido à questão da organização social no tempo e espaço, as comunidades assumem diferentes significados por meio das experiências entre determinados povos. Nesse sentido, elas partem das relações sociais de reciprocidade com os sujeitos nas comunidades, como também pelo sentimento da coletividade nos territórios.

Comunidade só existe propriamente quando, sobre a base desse sentimento [da situação comum], a ação está reciprocamente referida – não bastando a ação de todos e de cada um deles frente à mesma circunstância – e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo (Weber, 1973, p. 142).

As comunidades primitivas sendo as tribos indígenas, apresentavam uma educação difusa. Acontecia de forma não organizada, o conhecimento ocorre pela transmissão dos saberes, através da cultura dos sujeitos. As novas gerações adquiriam o conhecimento através da vivência durante suas experiências no trabalho e as relações ocorridas no cotidiano, o ensino era para a vida através dos costumes.

A cultura acumulada era também bastante rudimentar, o que não exigia órgãos especiais para transmiti-la. O menino necessitava apenas de aprender a caçar, a pescar, a guerrear e, em alguns casos, a conhecer os segredos das ervas e do contato com o “mundo dos espíritos”. Já as meninas deveriam aprender a cozinhar, a fazer tecelagem e olaria, a plantar e cuidar dos bebês. Tudo era, pois muito simples [...]. (Teles, 1992, p. 21).

A educação nessas comunidades não existia uma hierarquia entre os sujeitos da tribo, antes a figura feminina estava em pé de igualdade com os homens em suas determinadas tarefas. “A organização social das tribos, baseia-se em uma estrutura que mantém homogêneas as relações, sem a dominação de um segmento sobre o outro. Mesmo que, a divisão de tarefas leve as pessoas a exercerem funções diferentes, o trabalho e o seu produto

são sempre coletivos. Também as atividades das mulheres adquirem um caráter social, por não se restringirem ao mundo doméstico” (Aranha, 2006, p. 35).

Assim, por meio dessa educação difusa, as tribos preservavam a transmissão cultural, pois tinham acesso ao saber através da vivência e experiência das comunidades, escutando os chefes ou os xamãs das determinadas tribos, observando e respeitando as tradições dos ancestrais. Vale destacar que, ocorreu o aparecimento das classes sociais através de duas vertentes, sendo o escasso rendimento do trabalho humano e a substituição da propriedade comum pela propriedade privada.

O primeiro caminho está relacionado às tarefas nas comunidades, as quais eram divididas em razão da idade e sexo, as tribos necessitavam da distribuição dos produtos, na organização das guerras, administração dos sistemas de irrigação, administração da justiça e outras formas de trabalhos coletivos. Isso foi exigindo outros meios de trabalhos sociais para as comunidades, a primeira técnica era bastante cansativa na época, um grupo por se enquadrar nas atividades mais pesadas e outros indivíduos que não estavam incluídos nessas atividades relacionados ao trabalho.

[...] Com as rudimentares técnicas da época, o trabalho material era tal modo cansativo que o indivíduo que se dedicava ao cultivo da terra, por exemplo, não podia desempenhar, ao mesmo tempo, nenhuma das atividades de um grupo de indivíduos libertos do trabalho material era uma consequência inevitável da ínfima produtividade de forças humanas de trabalho. (Ponce, 2001, p. 22-23.).

Esse tipo de educação difusa, lembra as práticas que ainda ocorrem no Baixio das Palmeiras, por meio da educação informal, que são transmitidas através das experiências de vida e dos costumes tradicionais, que os sujeitos desenvolvem nas práticas culturais. A farinhada na comunidade apresenta ainda, um funcionamento rudimentar, mantendo suas características tradicionais e originais para a produção de farinha, que é uma tradição nas comunidades do Baixio do Muquém. Conforme a figura a seguir.

Figura 06 - Casa de Farinha Mestre Zé Gomes



Fonte: Foto capturada pelo autor (2023).

O espaço da Casa de Farinhada completou 70 anos de existência e para resgatar as tradições e os conhecimentos não formais, os representantes e organizadores vêm conquistando diversos projetos, por meio de editais para contemplar recursos e poder garantir as manutenções do espaço. A Casa de Farinha Mestre Zé Gomes, apresenta diversa programação para celebrar a data do aniversário do espaço cultural, nesse ambiente vem ocorrendo rodas de conversa, grupos culturais, músicos da região e principalmente o processo da farinhada.

No processo da farinhada a educação ocorre em diferentes funções, mas de forma sempre coletiva e harmoniosa. Quando acontece o processo da farinhada, envolve os sujeitos das comunidades para contar suas histórias de vida, como também as atividades camponesas que acontecem no cotidiano dos trabalhadores(as). Os moradores das comunidades fazem seus trabalhos de forma cooperativa desde os arrancadores da raiz, os carregadores, despincadores, as raspadeiras, lavadeiras, puxadores de roda, preneiros, torradores ou forneiros e outras finalidades (Nobre, 2015, p. 52).

Esses conhecimentos acontecem por meio das vivências, principalmente durante as experiências no trabalho, que fazem parte do próprio cotidiano, o ensino faz parte da vida, dos

costumes e das identidades dos sujeitos. Nos espaços de vivência ocorrem os saberes não formais, sendo lugares que possibilitam a socialização por meio das experiências de vida, tanto pelo diálogo dos sujeitos no ambiente de trabalho, como também nas práticas coletivas. “[...] No caso da educação não-formal, que se faz no contexto da educação popular, sua intenção é potencializar as capacidades mentais, institucionais e organizativas e culturais das pessoas e dos grupos com quais os trabalhos é realizado [...]” (Cendales, 2006, p. 14).

A Casa de Farinhada é considerada um símbolo da resistência camponesa por meio da luta em manter a tradição viva, como uma forma de resgatar as tradições e as práticas econômicas dos sujeitos, que podem ser apagadas com a construção do CAC. Com isso, destruindo os saberes ancestrais, que foram culturalmente preservados há décadas nas comunidades do Baixio das Palmeiras.

[...] Ao destruir, afetar a produção da vida dos coletivos, são afetadas na raiz as capacidades humanas, os saberes colados a essas formas de sua produção. São destruídas as formas ancestrais de viver, de produção da vida humana, das identidades e dos saberes. (Arroyo, 2014, p. 73).

Como foi abordado sobre o surgimento das comunidades na região do Cariri sendo a partir da dinâmica dos solos férteis e suas nascentes perenes que jorram nas encostas da Chapada do Araripe. As comunidades do Baixio, apresentam certa potencialidade de recursos hídricos por diversos aspectos geográficos, que existem no território das comunidades. No contexto atual, as comunidades estão configurando-se por meio de um projeto colonizador, que atende a lógica do capital dos recursos hídricos no discurso da modernidade para acabar com a seca.

Mas, água para quem? Já que as comunidades são áreas que apresentam certa potencialidade em terras fértil em virtude da existência de certa quantidade de Olho D’água¹⁶, utilizada para consumo e na agricultura que é desenvolvida na prática familiar, baseando nos meios de sustentabilidade ambiental. O governo vem apresentando discursos baseados na escassez de água do Nordeste, para pôr em prática projetos que beneficiam certos sujeitos da sociedade, que são grandes investidores do agronegócio e os latifundiários.

Já em relação ao espaço da Casa de Quitéria foram realizadas as primeiras missas, reuniões e festas na comunidade. O nome Quitéria, faz alusão a uma ilustre moradora da comunidade, Quitéria Ferreira Nobre, foi uma liderança que enfrentou uma sociedade rural patriarcal, marcada pela dominação da figura masculina. Carregava uma incrível força

¹⁶ É o local onde surgiu o povoamento do Baixio do Muquém que supostamente era habitado por indígenas da região do Cariri.

ancestral, sempre teve contato com a natureza devido aos costumes e sabedoria, tornou-se uma conselheira para as comunidades do território.

Quitéria Ferreira Nobre, nascida em 20 de outubro de 1884, era uma mulher de respeito. Além de conselheira da comunidade se tornou costureira de destaque, fazia as mortalhas para enterrar defuntos. Quitéria herdou do pai uma extensa propriedade, já que seus irmãos partiram para outras regiões. Ela casou-se e, 1899 aos 15 anos de idade com Raimundo Nonato Macêdo. Tiveram nove filhos em 1918 Quitéria ficou viúva aos 37 anos de idade. (Nobre, 2015, p. 35).

Preservar essas memórias, significa repensar o contexto histórico da comunidade e a relação com a natureza principalmente nas relações socioambientais. O espaço da casa de Quitéria configura-se como um local de resistência que expressa às memórias, culturas, os costumes e os saberes tradicionais herdados das comunidades. O agricultor e professor Dr. Francisco Wlirian Nobre conhecido popularmente por Liro, sendo o bisneto de Quitéria foi escolhido para ser o coordenador da Casa de Quitéria em primeiro de janeiro de 2017 com a desocupação da casa pelos familiares.

O espaço representa um patrimônio cultural, sendo um museu vivo das memórias do lugar e vem desenvolvendo uma agenda de atividades voltadas às diversas dimensões dos saberes. Sendo ações de pesquisa e extensão com professores e estudantes de diversos cursos da Universidade Federal do Cariri - UFCA, Universidade Regional do Cariri – URCA, entre outras instituições que vem buscando fortalecer o processo de reconhecimento, identidade e pertencimento dos sujeitos nas comunidades.

É perceptível a produção de sementes crioulas que são cultivadas nas comunidades do Baixio das Palmeiras (Figura 07), como uma forma de manter os costumes e as tradições locais, evitando o uso de sementes artificiais ou transgênicas modificadas com uso de agrotóxicos que são utilizadas em largas escalas.

As práticas de cultivo, com uso de agrotóxico remete a ideia de superioridade no modo de produção compreendida com o discurso de moderno, para fins de atender o capital financeiro a qual “[...] demarca também os modos de produção e disseminação de conhecimentos considerados verdadeiros e válidos, culturalmente valorizados [...]” (Reis, 2022, p. 2).

Figura 07 - Sementes crioulas cultivadas nas comunidades



Fonte: Foto capturada pelo autor (2023).

Portanto, quando fazemos um paralelo as comunidades primitivas com o Baixio das Palmeiras, passavam por diversos fatores do conhecimento humano, mas destacamos dois pontos, primeiro uma educação difusa cujas comunidades não existia uma hierarquia entre os povos originais, sendo que, as tarefas ocorriam de forma homogênea, tanto para a figura feminina que estava em pé de igualdade com os homens e à distribuição de tarefas nas determinadas tribos. Já o segundo, a questão espiritual, através do conhecimento da natureza, as plantas medicinais e contato com os espíritos ancestrais.

Assim, reforçamos que o modo educativo das tribos primitivas, ocorria de forma difusa e passou a ser desigual entre aqueles que administravam determinadas comunidades, que buscava cada vez mais a exploração dos sujeitos, já os explorados usando a força de trabalho para as diversas atividades humanas que foram impostas. A educação perde o caráter homogêneo e torna-se uma forma organizada através da violência. Percebemos a transição de uma comunidade primitiva, para uma sociedade dividida em classes, nesse sistema de divisão foi ocorrendo uma transição do conhecimento, para fins de guerras, o mesmo que aconteceu nas civilizações clássicas gregas.

No período arcaico, no século VII a.C. já existindo escravos, os gregos viviam do artesanato e do comércio, os produtos eram compartilhados com os senhores, das classes dominantes, os mesmos aproveitavam a maior parte dos lucros e dos produtos criados pelos escravos. Os senhores não produziam tais produtos apenas usufruíam, assim, pode-se dizer que os governantes eram improdutivos. Nesse contexto, “Eram numerosos os escravos e os libertos que viviam longe de seus amos, trabalhando no comércio ou no artesanato, e entregando aos senhores tudo que ganhavam ou uma parte apenas de seus lucros [...]” (Ponce, 2001, p. 37).

Quando abordamos a questão dos artesanatos, produzidos nas cidades gregas, buscamos fazer uma comparação ao espaço não formal do grupo das Fuxiqueiras da Chapada do Baixo (Figura 05), onde configura um ambiente que é composto por oito mulheres, todas moradoras da comunidade trabalham com o artesanato manual do fuxico. O grupo começou seus primeiros passos em 2016, quando uma das integrantes tomou a iniciativa de participar de um curso, por meio do incentivo da filha. O curso a qual participou era intitulado “Artesanato e Fuxico” foi ofertado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

O cotidiano dessas mulheres é criar a arte do fuxico no espaço não formal da comunidade, aproximadamente três vezes por semana em um período de três horas, esse lugar tem se tornado ponto de referência na produção de artesanatos manuais no território do Baixo das Palmeiras, como espaço de produção do fuxico. Além disso, as fuxiqueiras costumam se reunir no espaço cultural da Casa de Quitéria, na capela de Nossa Senhora das Graças e na sombra das árvores ao redor da igreja.

Com os conhecimentos que foram adquiridos no curso, a integrante começou a repassar para as amigas e os parentes que residiam próximo a sua casa. Após, sugeriu que cada uma das mulheres que havia passado o curso confeccionasse os fuxicos em suas residências como forma de obtenção de renda extra para a sustentação da família.

Figura 08 - Grupo das fuxiqueiras da Chapada do Baixo



Fonte: Foto capturada pelo autor (2023).

A partir dos diálogos, ao entrarem em consenso, decidiram continuar se reunindo, visto que além, da produção ser mais rápida, poderiam ampliar a criatividade em desenvolver materiais de diversas formas autênticas, por meio do contexto que estão inseridas, possibilitam ainda momentos de interações, conversas, alegrias e tristezas.

Vale ressaltar, que para essas mulheres, o fuxico é algo além de um simples artesanato, representa sua identidade, afetividade e seus conhecimentos que cria e se recria por meio da arte e coletividade, pois não se unem apenas para confecção, mas também, para conversarem sobre assuntos do dia a dia. São (re)conhecidas como Fuxiqueiras da Chapada, carregando a sua territorialidade, construindo identidades como mulheres fuxiqueiras.

Reconhecer que todo conhecimento é uma produção social, produzindo em experiências sociais e que toda experiência social produz conhecimento pode nos levar a estratégias de reconhecimento. [...] Reconhecer que há uma pluralidade e diversidade e não uma hierarquia de experiências humanas e de coletivos, que essa diversidade de experiências é uma riqueza porque produzem uma rica diversidade de conhecimentos e de formas de pensar o real e de pensar-nos como humanos. (Arroyo, 2014, p. 117).

Em suas produções, podemos destacar: as toalhas de mesa, colchas de cama, passarelas, roupas, tapetes, bolsas, chaveiros, brinquedos, terços, bijuterias, entre outros. Deslocam-se da sua comunidade, para expor e vender seus produtos, para isso, recebe o incentivo de instituições, tais como: Universidade Federal do Cariri - UFCA, Universidade

Regional do Cariri - URCA, Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará - FETRAECE, entre outras.

Essa pesquisa nos mobilizou a percorrer os espaços de resistência ao capital, o âmbito social está voltado a estabelecer conhecimentos, que são trocas de saberes dos sujeitos, para compreender o mundo em que vivem, através do diálogo sobre a vida, das relações cotidianas, buscando contextualizar os saberes informais da própria realidade inserida para dar significações presentes no dia a dia, “[...] o diálogo não é apenas em torno dos conteúdos a ser ensinados, mas sobre a vida mesma, ser verdadeiro, não é somente válido do ponto de vista de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe” (Freire, 2019, p. 52.).

Fazendo uma analogia com as práticas artesanais da comunidade com as que ocorriam na Grécia, os meios de produção não eram grande destaque, pois o foco era a técnica, já que o uso dos instrumentos era manual. Na Grécia, a proporção do tamanho das obras existentes na época exigia mais escravos para a produção e construção dos espaços geográficos, os escravos não tinham a exigência de dominar as técnicas de trabalho, apenas usar a sua força braçal nas diversas tarefas exigidas.

Ser cidadão era um privilégio no contexto da época, pois o título era limitado a homens livres e filhos de pais atenienses, o que possibilitava que estes desfrutassem de privilégios, tais como a participação em debates políticos e nas tomadas de decisões. A nova configuração espacial das cidades impactou as relações sociopolíticas, nas quais o cidadão se tornou o protagonista nas tomadas de decisões, tal como aponta Aristóteles, “a essência do homem residia na sua capacidade de ser cidadão e como a cidadania era um privilégio das classes dirigentes, eis o verdadeiro sentido da célebre expressão do famoso estagirita: só é homem, o homem das classes dirigentes” (Ponce, 2001, p. 47).

No que compete à educação, as cidades de Esparta e Atenas apresentavam perspectivas diferentes. Na primeira, havia uma tendência militar, sendo a preparação cidadã voltada para a guerra, já a segunda, havia uma perspectiva voltada para o social, valorizando o ser, visando à formação humana integral. Para a autora Maria Lúcia (2006, p. 64) “Esparta e Atenas deram vida a duas ideias de educação: um baseado no conformismo e no estatismo, outro na concepção de *paideia*¹⁷, de formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais, mas também, culturais e antropológicas”.

¹⁷ A ênfase dada à formação integral deu origem a um conceito de complexa definição, ou seja, à *paideia*, palavra que teria sido cunhada por volta do século V a.C., mas que exprimia um ideal de formação constante no

Nesse período, houve diversas transformações tanto do ponto de vista político, quanto cultural e social, que contribuíram para novas abordagens de educação e formação das cidades-estado (a pólis)¹⁸ Sendo exemplos, a introdução da escrita, o uso da moeda originada da expansão comercial e o surgimento dos primeiros filósofos. Vale ressaltar que, a pólis surgiram por volta dos séculos VIII e VII a.C. provocaram grandes alterações na vida social e nas relações humanas.

Em Atenas, a educação visava à capacitação dos cidadãos para assumir funções públicas, desenvolvidas na praça pública (Ágora) espaço onde ocorria às discussões e debates políticos, contribuindo para que hoje seja conhecida como berço da democracia. Na cidade de Atenas, a educação teve o papel preponderante no entendimento na existência dos princípios naturais da vida humana, as leis que guiam as questões espirituais as forças corporais, tinha a mais alta importância na época.

Colocar estes conhecimentos como força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma ideia ousada e criadora que só podia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador [...] Os Gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente (Jaeger, 1994, p. 13).

A Alta Idade Média, que vai do século V ao XI, tem início com o fim do Império Romano e marca o surgimento de um novo regime econômico: o feudalismo, que se consolidou na Europa. Nesse contexto, houve uma intensificação da produção agrária, bem como, o surgimento da divisão das propriedades de acordo com as hierarquias sociais, organizadas em forma de pirâmide. Na base, estavam os servos e escravizados; no meio, os nobres; e no topo, o clero. Vale destacar que, essa estrutura não tinha condição de mudança social, quem nascia servo, seria servo por toda a vida e os escravos eram considerados um objeto de dominação.

A igreja sendo uma instituição de maior força sobre a educação e principalmente possuidora de terras, tinha força em continuar com as tradições, como também controlar o sistema econômico do feudalismo. Com o surgimento do mosteiro¹⁹ ou monastério nos espaços rurais tiveram influência sobre as questões religiosas da época. No castelo feudal,

mundo grego. De início significava apenas educação dos meninos (pais, paidós, “criança”) (Aranha, 2006, p. 62.).

¹⁸ A polis grega eram consideradas as cidades-estado da Grécia Antiga. Caracteriza um marco histórico da participação ativa dos cidadãos relacionados aos movimentos políticos, o que é conhecido como democracia direta. Foram fundamentais para o surgimento da cultura grega no final do período homérico ao período clássico.

¹⁹ O mosteiro é um edifício de habitação da Idade Média, ou seja, centros civilizacionais com a finalidade de trabalho de orações de monges e freiras para fins religiosos.

viviam os sujeitos das comunidades religiosas, sendo os monges e freiras que basicamente dedicavam na oração, o estudo das leituras cristãs durante a vida (Ponce, 2001, p. 89).

Os mosteiros sendo as primeiras escolas medievais para o ensinamento cristão para as classes nobres, principalmente os filhos dos senhores feudais, já os servos e escravos, ficavam desprovidos dos ensinamentos cristãos. Os mosteiros foram às únicas universidades, sendo criadas ao lado das escolas oblatas para formação dos futuros monges. Essas escolas se dividiam em duas categorias, uma para instrução dos monges, já a outra destinada à instrução da plebe.

As escolas as quais a maioria da sociedade frequentava, não ensinavam a escrever nem a ler. Essas escolas cristãs tinham a finalidade de propagar a fé e transmitir as doutrinas religiosas, mas mantendo as massas dóceis e conformadas através dos ensinamentos. Vale frisar que, os trabalhadores braçais dos monastérios eram analfabetos. Já na comunidade os espaços religiosos são utilizados para diversas funções além de propagar a fé cristã, mas também, espaços socioeducativos e simbólico, que vem sendo utilizados para várias finalidades sociais.

As escolas do período medieval foram ficando complexas, devido à divisão por categorias para atender diversos públicos sociais distintos. A educação formal começa a sua institucionalização, quando a cultura e a sociedade ampliam sua complexidade na transmissão e acúmulo de conhecimento, por isso, vão surgindo novos espaços para as escolas.

Assim, vão surgindo às escolas catedrais para formação dos clérigos, que consiste em indivíduos que pertence à classe eclesiástica, os conteúdos eram as setes artes liberais, divididos em duas partes, sendo: o *trivium* e o *quadrivium*, a primeira voltada para lógica, retórica e a gramática. Já a segunda a música, aritmética, astronomia e a geometria.

Também as escolas Palatinas, anexadas aos Palácios e as Escolas Episcopais anexadas às Catedrais, que possibilitaram o surgimento e desenvolvimento das Universidades. As primeiras universidades foram movimentos para atender a cultura superior clerical, submetido à ortodoxia católica da época.

Com o declínio do sistema feudal por diversos fatores, como na agricultura, a fome, as doenças entre outros motivos. Deu-se início ao começo do renascimento comercial e a expansão das áreas urbanas para as finalidades das atividades mercantis, com as rotas comerciais foram surgindo às feiras em espaços geográficos, que reuniam os comerciantes, os artesãos e os burgos. Com isso, foram surgindo novos espaços econômicos, as cidades e a classe social chamada burguesia.

Na sociedade capitalista, a classe burguesa mais rica era a que frequentava as universidades. O ensino ia além dos conteúdos do *trivium* e do *quadrivium*, abordando também noções de História, Geografia e Ciências Naturais. As escolas não se restringiam apenas à transmissão de conhecimentos; buscavam também, promover uma formação moral voltada para os valores da sociedade.

No cenário capitalista distinguia-se em dois tipos de escola, uma para as pessoas mais pobres, as classes populares, conhecida por escolas grandes. Já a outra para os mais ricos, as pessoas mais favorecidas, as classes médias e superiores. Ainda sobre a divisão das escolas sendo,

[...] Os filhos das classes superiores devem e podem começar bem cedo a se instruírem, e como devem ir mais longe que os outros, então obrigado a estudar mais... As crianças das grandes escolas (populares) devem, por outro lado, de acordo com a finalidade a que deve obedecer a sua instrução, dedicar pelo menos metade de seu tempo aos trabalhos manuais, para que não se tornem inábeis em uma atividade que não é tão necessária, a não ser por motivo de saúde, as classes que trabalham mais com o cérebro do que com as mãos. (Ponce, 2001, p. 137).

A relação de compra e venda da força de trabalho, foram processos que marcaram a sociedade capitalista. O Estado detentor dos meios de produção, sempre com os interesses no acúmulo do capital. Várias estratégias vão aparecendo para sustentar esse período, passando pelo modelo de produção Ford e Toyotista. Isso não apenas muda o setor do trabalho, mas o da educação para adequar os sujeitos à necessidade do que exigiam o mercado. De acordo com Ponce, (2001, p. 136) “[...] Formar indivíduos aptos para a competição do mercado, esse foi o ideal da burguesia triunfadora [...]”.

Na década de 70 no Brasil com o modelo neoliberal, a educação também passou a ser vista como mercadoria, através da mão de obra barata, sendo que, os sujeitos seriam capazes de atender aos interesses e reprodução do sistema capitalista. Nesse contexto, a escola capitalista busca atender a ideologia dominante do sistema, por meio da flexibilidade dos currículos para atender aos interesses do governo.

No contexto contemporâneo, a educação formal corresponde ao espaço escolar, sendo as ações relacionadas a um currículo regular e sistematizado pelas leis. O espaço formal do Baixio das Palmeiras é considerado um espaço privilegiado na comunidade, pois ocorrem as relações sociais para favorecer a cidadania. Na comunidade do Baixio do Muquém está situada a E.E.I.E.F Rosa Ferreira de Macêdo, pertencendo a prefeitura Municipal do Crato. Ver a figura a seguir.

Figura 09 - Localização da Escola Rosa Ferreira de Macêdo



Fonte: Google Earth (2024).

A unidade escolar funciona no período diurno e tem uma área de 15.293 m, na estrutura física da escola existe uma diretoria, uma secretaria, oito salas, oito banheiro sendo dividida em quatro masculinos e quatro femininos para parte fundamental e quatro para o infantil e um para os professores. Vale destacar que, o espaço escolar possui uma quadra coberta. A instituição começou a funcionar no começo do século XX, teve seu primeiro nome 1º Grau José Carlos Martins, sendo o nome do avô do prefeito da época.

O surgimento dessa instituição teve a finalidade de atender as comunidades locais, que estavam com um significativo aumento populacional, principalmente de crianças na época, e necessitava fazer um longo deslocamento até a rede urbana para estudar. Assim, os territórios das comunidades, necessitavam de uma escola para atender a demanda da população. Em 1993 foi criada a escola, porém só em 1994 sob a lei municipal sob nº. 16.333, intitulada com nome Escola Professora Rosa Ferreira Macêdo, em homenagem a uma professora falecida da comunidade.

Em 1994 a escola começa a ofertar a 5ª e 6ª séries na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA. Pois, somente em 1998 a instituição foi regularizada para ofertar o ensino fundamental II, sendo a 5ª a 8ª série, atualmente tem até do 6ª ao 9ª ano. A escola

atende as comunidades do Baixio das Palmeiras, como também, as comunidades vizinhas, sendo: Santa Rosa, Monteiro Cariris, Baixio dos Robertos e outras.

3.2 Conceitos e modalidades educacionais: não formais, informais, formais

A educação é um processo complexo por ocorrer nos diferentes tempos e espaços. Ela se faz nos lugares de socialização, pois o ser humano concebe as diversas formas de educar. Quando abordamos o termo educação, vem logo à mente que a escola é o único espaço, que pode desenvolver as práticas educativas. Mas, a educação está além dos muros escolares, chamamos de espaços não formais.

As práticas educativas realizadas fora dos espaços formais, nos levam a refletir sobre a real situação social presente nesses contextos. De acordo com a autora Gohn (2001, p. 36), a educação não formal “[...] é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”.

Por volta do final do século XIX e início do século XX, os assuntos de cunho pedagógico, sempre eram discutidos dentro das instituições escolares, a escola sempre era responsável pela escolarização das crianças e principalmente dos jovens. Com o processo de globalização, os fatores tecnológicos e econômicos, ampliaram a demanda da educação para outros setores da sociedade, além do âmbito escolar, sobretudo dos sujeitos que necessitavam do acesso à educação. Os meios de comunicação possibilitaram que a educação não formal ganhasse destaque (Vercelli, 2013).

[...] Em meados do século XX, evidenciaram-se a necessidade de outros ambientes educacionais – para além da centralidade da escola que estava posta, por, justamente, haver o reconhecimento de seus limites e, neste bojo, identifica-se grupos excluídos do processo educativo e que careceriam de formação e capacitação profissional. (Ferreira, 2020, p. 14).

Diante das necessidades tecnológicas, econômicas e dos fatores sociais, surgiram novas ações pedagógicas fora do espaço formal, a educação começa a percorrer por outros setores sociais diferenciados dos espaços convencionais. Além da sala de aula, houve a abertura para os museus, o que os tornam compreendidos como locais educativos de referência da história da educação brasileira, a partir da visão de que se pode aprender fora da escola.

Nessa linha de pensamento, os espaços não formais passam a ser vistos como uma oportunidade de aprendizagem, por meio de experiências diretas e práticas, vivenciadas no cotidiano. Destarte, através de projetos governamentais, as universidades e escolas passam a frequentar ambientes como: zoológicos, áreas verdes, espaços públicos, entre outros (Marandino, 2008).

Na década de 90, no Brasil, a educação não formal começa a ganhar destaque pelas mudanças ocorridas em consequência dos processos globais, as mudanças no cenário econômico e no mundo do trabalho. As habilidades e aprendizagem começam a ser reconhecidas fora do ambiente formal, sendo os conhecimentos no âmbito da política e na cultura dos sujeitos quanto cidadão voltado para a vida, incorporando novos saberes e ocupando outros espaços nas organizações sociais.

Os ambientes não formais, são espaços que possibilitam a socialização dos indivíduos e suas experiências de vida, como o diálogo, as trocas de saberes com as diversas dimensões humanas, tais como a cultural, religiosa, política, social entre outras.

De acordo com a autora Marandino (2008, p. 13) relata em seus trabalhos que a educação não formal, vem sendo,

[...] qualquer uma forma organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetos de aprendizagem.

A educação, a cada passo, está ampliando seu conhecimento de forma significativa no âmbito das sociedades, sendo uma prática social, que ocorre em diversas instituições humanas. Os meios de comunicação de massa ampliam a educação em suas formas intencionais “[...] Podemos falar que a educação não formal, quando se trata de atividade educativa estruturada fora do sistema escolar convencional (como é o caso dos movimentos sociais organizados, dos meios de comunicação de massa etc”) (Libâneo 2013, p. 16).

O campo da educação não formal é um leque de novos conhecimentos, cuja criatividade humana, desenvolve-se do agir comunicativo entre os sujeitos existentes em uma determinada cidade, bairro ou comunidade. Esse campo de educação ocorre no contexto popular, sendo uma corrente de pensamento a qual busca fazer educação, a partir dos interesses da população.

A comunicação nos ambientes não formais, nos faz refletir a real situação que existem na sociedade, partindo da problematização que ocorre na comunidade, através dos

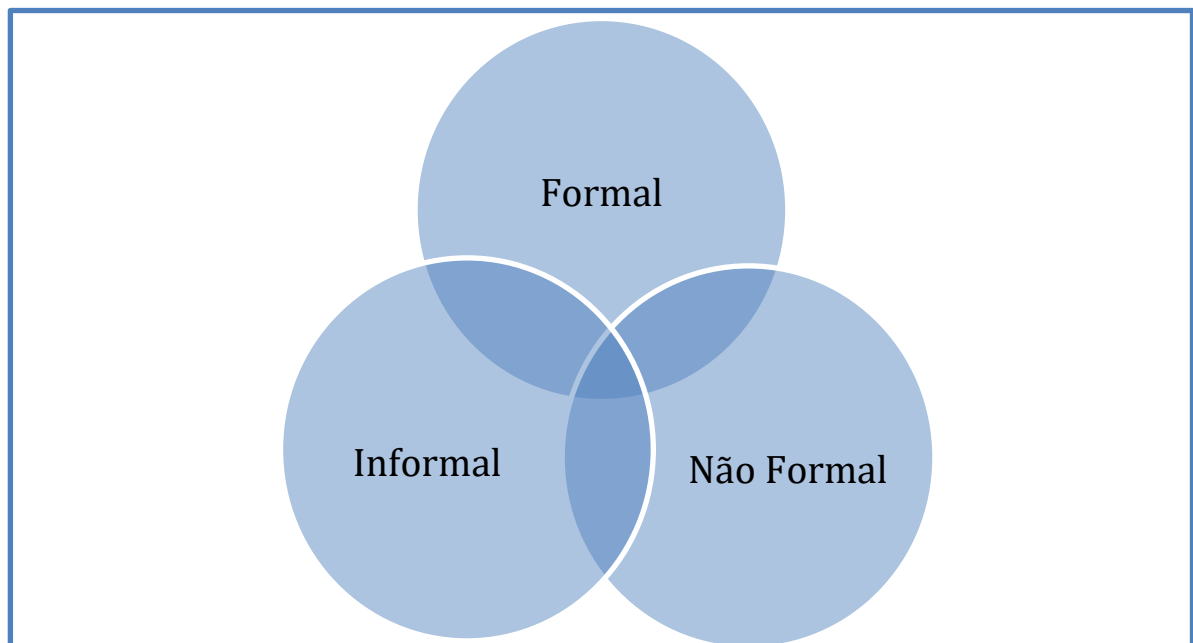
relatos de história de vida e os diálogos presentes no cotidiano dos sujeitos, assim, a comunicação pode ressignificar os saberes além dos espaços formais “[...] a educação é um processo “natural”, que ocorre na sociedade humana pela ação de seus agentes sociais como um todo [...]” (Pimenta, 2014 p. 64).

Em consonância com os pensamentos anteriormente pautados sobre o âmbito não formal, atualmente é considerada como uma modalidade de ensino e vem se desenvolvendo em diversos espaços não convencionais de educação.

Nas ideias da Gohn (2011, p. 12), “[...] a educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento que abrange territórios fora das estruturas escolares da educação formal [...]”. Ampliar o diálogo, a partir do lugar de vivência, mostra novos caminhos para entender os fenômenos que ocorrem no espaço vivido.

Os conhecimentos são compartilhados tanto nas escolas, nas comunidades e saberes, que são transmitidos através dos conhecimentos adquiridos pela convivência humana. Vale ressaltar que, tanto a educação não formal, informal e formal são formas complementares para o conhecimento dos sujeitos nas dimensões sociais, políticas e culturais. Ver na figura a seguir.

Figura 10 - Dimensões entre a educação formal, informal e não formal



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

As práticas educacionais fora dos ambientes formais de ensino, são caminhos para abordar o processo criativo dos sujeitos e possibilitar uma melhor formação continuada do

educador. Assim, sendo uma forma de libertação social na relação da teoria com as práticas sociais, “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 2019, p. 52).

Já a educação informal é uma forma de conhecimento, que ocorre no cotidiano das pessoas, pelos saberes, que são adquiridos com o convívio. Esse tipo de educação acontece em vários espaços tanto na rua, no seio familiar, no campo do trabalho, meios de comunicação entre outros espaços. Essa educação envolve o conhecimento do indivíduo influenciado pelo meio social, sendo um importante caminho para as trocas de saberes dos sujeitos.

Para Ferreira (2020, p. 17):

A educação informal se articula por meio de saberes originados dos grupos sociais em sua estreita relação com a vida cotidiana. Esse conjunto de conhecimento sobre o real se transforma na base concreta na qual se movimenta tanto a educação quanto a considerada não formal.

Assim, o âmbito informal está voltado a estabelecer conhecimentos, que são as trocas de saberes dos sujeitos, para compreender o mundo em que vivem, através do diálogo sobre a vida, das relações cotidianas, buscando contextualizar os saberes informais da própria realidade inserida para dar significações presentes no dia a dia.

A educação informal ocorre em diversos espaços de vivência, os saberes acontecem nas ações cotidianas dos sujeitos, é preciso considerar os múltiplos ambientes na construção dos conhecimentos das pessoas, nesse sentido, educação é uma ferramenta ou instrumento poderoso de liberdade e autonomia dos sujeitos.

Esse conhecimento contrariamente à educação bancária por meio de assuntos que são impostos à memorização mecânica. Paulo Freire, (2019, p. 94) busca uma educação capaz de romper com a concepção bancária “[...] Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo”.

Refletir sobre assuntos do cotidiano, das relações com o mundo, é uma possibilidade para novas abordagens na construção do conhecimento, que está além dos muros escolares, constitui-se como caminhos, para exploração de processos criativos, gerando fortalecimento e afetividade com a comunidade.

Os diferentes contextos de vivência dos sujeitos, buscam contemplar as trocas de saberes, sendo na convivência da família, com os amigos, nos trabalhos, entre outras formas de socialização.

Para Ferreira (2020, p. 125):

[...] A educação informal parte de conhecimentos construídos pelos estudantes em casa, no trabalho e no lazer. Os professores não são os agentes educadores principais; há participação da família, dos amigos (e adversários) e companheiros de trabalho, das instituições que vão cercando essas pessoas/aluno (na própria Escola, nas Igrejas, no Trânsito e mais outras), nos meios de comunicação. É bom lembrar que na comunidade, o professor continua tendo o papel preponderante como agente educador e como “consultor” da comunidade.

O conhecimento informal quando é trabalhado no ambiente escolar, pode ser oportunidade única para trocas de saberes entre os sujeitos das comunidades, através de temas socialmente relevantes, as temáticas podem promover o conhecimento e entendimento de sua realidade partindo do espaço de vivência.

Já nas comunidades é possível ocorrer os diálogos e a diversidade dos grupos sociais, no espaço de identidade, os sujeitos podem possuir diversas potencialidades educacionais com as ações não intencionais. As ações educativas informais “[...] são ações ou intervenções não intencionais ou não planejadas, mas que desempenham um papel educador, ainda que, não internacionalmente” (Alves, 2018, p. 30).

Esse tipo de educação informal também ocorre no espaço não formal, os saberes e aprendizados são construídos ao longo da vida dos sujeitos, tanto do modo coletivo ou individual. No âmbito do informal, uma das suas pautas é visar à participação em uma luta social, sendo a inclusão social e os valores culturais de uma comunidade. Assim, de acordo com o Gohn, (2015, p. 19):

[...] Quando é acionada em processos sociais desenvolvido em comunidades carentes socioeconomicamente, ela possibilita o processo de inclusão social por meio do resgate da riqueza cultural daquelas pessoas, expressas na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores [...].

No mundo globalizado, que estamos inseridos, a forte produção capitalista vem causando mudanças espaciais nas cidades e também nas comunidades rurais. Os processos de desapropriação vêm ocorrendo com frequência devido à lógica do capital financeiro, os mais afetados são os moradores menos favorecidos, consequentemente vem gerando a perda de identidade dos povos originários, também ocorrendo o desmatamento no meio ambiente.

A comunidade por ser um espaço de identidade, é um reflexo da sociedade a qual, os sujeitos habitam, podem possuir diversas potencialidades educacionais, através dos movimentos de educação popular. É possível nesses locais ocorrer os diálogos, democracia, militância dos direitos e a diversidade dos grupos sociais. Para Arroyo (2014, p. 233) “[...] O

movimento de educação popular, representa outras formas de pensar a educação porque reconhece o povo como coletivos sociais [...]”.

A construção do conhecimento está além dos muros escolares, os saberes adquiridos nos espaços não formais, são formas complementares a educação formal. Nesses locais, ocorrem as possibilidades para exploração dos processos criativos, gerando fortalecimento e afetividade com a comunidade.

Nas ideias da autora Rocha *et al.* (2012, p. 25) “A formação está no e para além do espaço escolar e, portanto, a experiência se torna um lugar com estatuto de aprendizagem e produção de saberes, em que o sujeito conquista um lugar de ator protagonista, apropriando-se de seu processo de formação”.

De princípio, a educação ocorria de forma assistemática, ou seja, sem organização pelos sujeitos sociais, por exemplo, não existiam órgãos especiais para a transmissão do conhecimento de uma determinada comunidade. A institucionalização da escola começa a ganhar corpo, quando a cultura e a sociedade ampliam sua complexidade na transmissão e acúmulo do conhecimento.

À medida, porém, que a cultura e sociedade foram se complexificando, aparece a necessidade de se concentrar a educação em órgãos especiais (escolas). Além do acúmulo cultural, outro fator importante contribuiu para o aparecimento da escola: a especialização constante, com a divisão do trabalho (isto é, cada parte da população seria encarregada de fazer determinadas coisas. (Teles, 1992, p. 21-22).

Essa modalidade de educação corresponde ao ambiente do espaço escolar, sendo ações relacionadas às práticas voltadas a um currículo sistematizado e regulado por leis. Os espaços formais tem uma intencionalidade educativa, com o objetivo de construir conhecimento, através das trocas de saberes organizados gradualmente por matérias e disciplinas. Assim, Ferreira (2020, p. 123) discute que a Educação Formal “[...] é aquela institucionalizada, desprovida de sentido e significado para os estudantes, focando no cumprimento de currículo e programas, independentemente de quem se destinam”.

Esse tipo de educação é planejada e organizada de maneira sistemática, assim possibilita às trocas de saberes construído historicamente pelos sujeitos. É importante, destacar, as leis que regulam o processo educativo na escola brasileira, tais como a Constituição Federal - CF, em seu artigo 205, promulgada em 1998, determina que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Outro documento é a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional - LDB de 1996, documento de caráter normativo, que regulamenta e organiza o processo educacional em todo o território nacional, busca a construção do conhecimento, a partir de um currículo sistematizado por ações pedagógicas intencionais.

Nesse viés, o artigo 26 estabelece “Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”.

A Educação Formal é gradual e sistemática. Gradual, pois o estudante passa por diversos níveis de ensino, o qual vai desde a educação básica até o nível superior, já sistemática por necessitar de órgão regulador do processo de ensino e aprendizagem no qual chamamos de escola.

Nos ambientes escolares, ocorre a figura do professor e do aluno onde acontecem as trocas de aprendizagens através da aplicação e contextualização dos conteúdos as quais as disciplinas oferecem.

A escola tem o papel da transmissão e assimilação dos conhecimentos historicamente construídos pelas heranças culturais da sociedade. Através de um currículo pré-estabelecido para a prática pedagógica em uma determinada instituição de ensino, possibilita aos sujeitos na construção do conhecimento, atender as demandas da sociedade. Ainda sobre esse tipo de educação entendemos que,

[...] A Educação Formal é uma educação institucionalizada, ocorre em espaços sistematizados, suas atividades são assistidas pelo ato pedagógico e preocupa-se com a aquisição e construção do conhecimento que atendam as demandas da contemporaneidade, nas diferentes disciplinas escolares. (Almeida, 2014, p. 4 *apud* Ferreira, 2020, p. 160).

Segundo Paulo Freire, o conhecimento histórico é construído pelos sujeitos sociais, a partir das vivências em suas comunidades, as experiências de mundo sendo fundamental complemento dos currículos e conteúdos, que as disciplinas oferecem no âmbito da Educação Formal, com isso, defendem o papel da escola democrática e cidadã. Para Freire (2014, p. 32) o ato de ensinar exige respeito aos saberes dos educandos:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelece uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo? Por

que não discutir implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres das cidades?.

Com o processo de globalização, a educação assumiu novas modalidades de ensino, assim, o processo de ensino e aprendizagem no âmbito da educação formal, necessita de diálogo permanente com a realidade, identidade, cultura do contexto de vida dos sujeitos.

Nesse viés, buscamos uma educação a serviço de uma cidadania justa e libertária. De acordo Brandão (1982, p. 2) A educação é,

[...] como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam e aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias [...].

Para Freire, (1997 *apud* Gadotti, 2010, p. 70) “A escola cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com seu discurso formador e libertador. É toda escola que brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade do companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia”.

Assim, acreditamos que a escola possa valorizar as experiências sociais dos sujeitos quando “[...] articularmos os conteúdos com o contexto local, estamos contribuindo para a potencialização destes, bem como com o fortalecimento da escola, tendo em vista que, os educandos não são meros expectadores de informações e sim, sujeitos autores de histórias e de conhecimentos [...]” (Nascimento, 2021, p. 98).

Na última seção, abordaremos as experiências das Instalações Pedagógica nos espaços não formais das comunidades de resistência do Baixio das Palmeiras, apresentamos caminhos desde as bases teóricas da metodologia, percorrendo processo de criação dos elementos do cotidiano dos sujeitos, até a montagem como forma de apresentar a arte, reflexão e a criatividade dos saberes populares.

4 DESVELANDO CAMINHOS CRIATIVOS NO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA REFLEXIVA ATRAVÉS DA INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NO ESPAÇO NÃO FORMAL

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novo [...] (Ostrower, 2014, p. 9).

Partindo desse pressuposto, a epígrafe nos convida a refletir sobre a relação humana com a criatividade, pois o ato de criar envolve os diversos espectros sociais, culturais e pessoais dos sujeitos. O ser humano sendo o único que possui a condição criadora e o cotidiano, por ser o espaço para criação de novas ideias, como também para a condição e produção artística. Portanto, a criatividade ocorre por meio das interações nos contextos sociais. Para Ostrower (2014, p. 9) “[...] O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar [...]”.

Nesse sentido, a presente pesquisa nos desafiou a realizar uma proposta metodológica, criativa, reflexiva e inovadora nos espaços não formais de ensino, possibilitando por meio da arte de expressar o conhecimento dos atores e atrizes por meio dos símbolos e signos, que são (re)criados e (re)significados nos diversos espaços de poder. Para a proposta supracitada, apoiamos na elaboração do professor Ribeiro quanto à idealização da metodologia das Instalações Geográficas nas comunidades.

Os sujeitos da pesquisa sendo jovens meninos e meninas, pensamos em organizar os discursos deles(as), identificando-os com a letra S, seguida da numeração 1 a 8 para evitar repetições. Estão identificadas as respostas por serem 08 participantes, a exemplo: S1, S2, S3, S4,... buscamos sempre o intuito de pensar o lugar onde vivem durante toda a construção das IP.

Na seção precedente, buscamos fazer um relato das experiências das IPs em dois espaços não formais das comunidades do Baixo das Palmeiras. Nesses ambientes, comunitários descrevemos o processo dialético do percurso criativos das instalações, iniciamos na casa de Quitéria pelos motivos de conhecer o lugar, o representante do espaço e por ser um espaço acolhedor aos pesquisadores tanto para professores do ensino básico e superior, posteriormente concluímos a ação na capela dos Oitis que será explicado nos próximos tópicos.

Para poder articular as ações na comunidade ocorreu uma série de diálogos com o representante do espaço Casa de Quitéria, sendo: Qual o assunto será abordado? Qual oficina para instigar a participação dos jovens? Quais recursos vão ser utilizados? Quais são os dias e as datas? Qual lugar será realizado as IPs na comunidade? A princípio essas questões foram surgindo para poder pensar o percurso criativo. Por isso, necessitamos de um planejamento para organizar e decidimos os caminhos para a realização da metodologia.

O planejamento foi importante para organização da sequência dos percursos criativos²⁰ nas comunidades, possibilitou as tomadas de decisões que foram surgindo. De acordo com Vasconcellos (2002, p. 35) “[...] planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto, é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”. Com base nesses apontamentos, o planejamento proporcionou a organização da sequência metodológica da Instalação para que seja eficiente durante a execução do educador nos ambientes previstos.

Quadro representativo I: Sequência descritiva das atividades nas comunidades

Data	Percursos Criativos na comunidade
06/07/2024	● Encontro com o representante da Casa de Quitéria; ● Encontro para pensar os percursos criativos;
20/07/2024	● Apresentação do pesquisador na comunidade; ● Apresentação da metodologia aos sujeitos da pesquisa;
10/08/2024	● Iniciado o percurso: Dinâmica “Lugar de memória”; ● Percurso criativo I: Leitura do Cordel I;
24/08/2024	● Percurso criativo I: Leitura do Cordel II;
21/09/2024	● Percurso criativo II: “instigando a criatividade pelo desenho a Isogravura”
28/09/2024	● Percurso criativo III: “Pensando os símbolos e Signos a partir do espaço de vivência”
26/10/2024	● Percursos criativos IV: Relatos e experiências dos processos construtivos da Instalação Pedagógica

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No quadro acima, consta o cronograma da sequência descritiva das atividades que foram realizadas nas comunidades. Ocorreram sete encontros, todos eles aconteceram apenas nos sábados, devido às programações que acontecem nos referidos espaços das comunidades, sendo: Casa de Farinha, Casa Quitéria, Fuxiqueiras, Capela dos Oitis entre outros.

Os jovens só podiam se reunir nesses dias e por conta da complexidade da mobilização dos mesmos em morar nas comunidades vizinhas do Baixio das Palmeiras. Nesse

²⁰ É o momento de intercâmbio com os participantes para realizar a mobilização da pesquisa.

sentido, buscamos pensar quais seriam os recursos para engajar os sujeitos das comunidades a participarem do percurso metodológico das IPs.

4.1 A instalação pedagógica: ações e reflexões no percurso criativo

Quando abordamos o assunto da Instalação Pedagógica, vale salientar que, a imaginação, a arte e a criatividade são procedimentos indissociáveis para o momento da criação humana. Nessa direção, a prática é fundamental para trabalhar o processo criativo, através de um assunto abordado na qual, possibilita aos participantes da pesquisa materializar por meio de signos e símbolos em que o conhecimento pode ser associado.

Por meio da materialização, os sujeitos promovem as possibilidades de criação artística, através da realidade social inserida no cotidiano, ao oportunizar uma linguagem metafórica e referenciada nas experiências de cada um, valorizando as identidades construídas através dos lugares, memórias e as tradições presentes no nosso território. Assim, “Esta se constrói na matéria propriamente, são os materiais produzidos ou não pelo homem que se materializam em uma base por meio dos signos e símbolos construídos socialmente na Teia de Ideias”. (Ribeiro, 2023, p. 20).

Buscamos desafios e ousadia, para que os sujeitos das comunidades possam desenvolver a prática da IP nos espaços não formais, possibilitando que, a referida metodologia avance para os espaços cujos saberes são compartilhados através da socialização comunitária e instigue-os a refletir o lugar da pesquisa, curiosidade de aprender através da criatividade nos ambientes de vivência. Assim, retornamos às nossas indagações sobre a problematização inicial da pesquisa: Em que medida as instalações pedagógicas podem ser utilizadas no espaço não formal, como ferramenta de reflexão territorial dos sujeitos? As instalações nos espaços não formais podem contribuir para o entendimento e criatividade dos sujeitos nas comunidades?

Além das questões supracitadas, para iniciarmos o processo da elaboração da metodologia o qual foi idealizada por Ribeiro (2014), no qual propõem uma materialização artística por meio de signos e símbolos, através de um conteúdo estudado e pesquisado. Essa materialização, tem a possibilidade de ampliar a visão de mundo dos sujeitos mediante a ação, criação e reflexão. Com relação à definição da Instalação, Ribeiro destaca como:

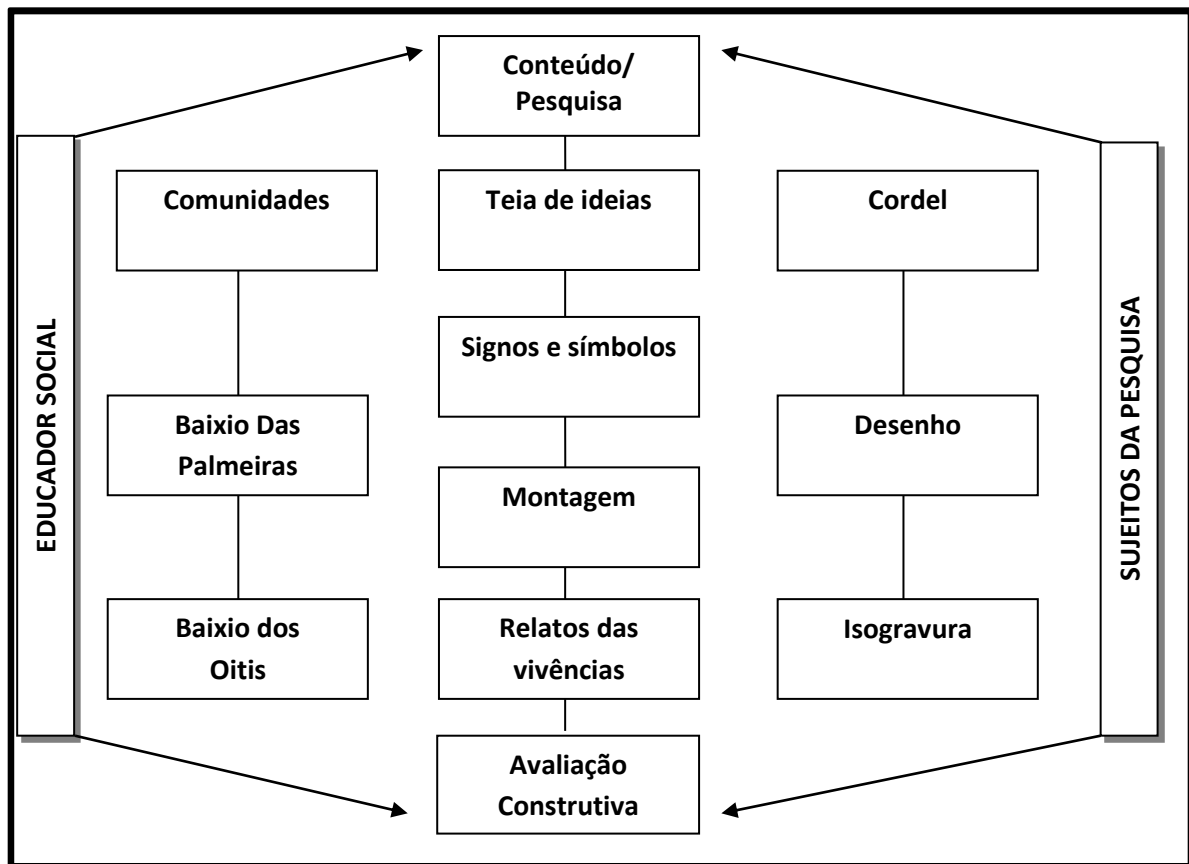
[...] uma forma de representação de um conteúdo geográfico pesquisado e trabalhado criativamente com signos e símbolos aplicados sobre materiais produzidos ou não pelo homem. Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além dos muros atingindo uma dimensão social. (Ribeiro, 2016, p. 12).

O autor sugere que, a referida metodologia pode ser montada tanto na escola, no âmbito da universidade como ir além desses espaços que circundam, mas podendo atingir uma dimensão social. A IG alcançou outras áreas do conhecimento, cada vez vem ganhando outros significados e desvelando novos saberes e, por isso, obteve uma nova dimensão. Segundo Ribeiro:

[...] Portanto, passamos a estruturar o conceito da Instalação Geográfica como uma forma de **representação de um conteúdo pedagógico pesquisado** e trabalhado criativamente com signos e símbolos associados à produção do conhecimento, aplicado sobre materiais produzidos ou não pelo homem. Essa instalação pode ser montada na escola/universidade ou para além de seus muros, atingindo uma dimensão social. (Ribeiro, 2023, p. 15). (Grifo nosso).

A IP vem buscando inovar suas ideias nas diversas áreas do saber, ampliando o horizonte do saber, a multidimensionalidade do sujeito e possibilitando o encontro entre a teoria e a prática. Para realização dos passos da metodologia, são realizados os seguintes procedimentos, desde apresentação do conteúdo, o momento da pesquisa, os diálogos para produção de um texto, a idealização dos signos e símbolos, a partir dos debates da teia de ideias, a montagem/exposição da instalação e a produção de um novo texto como forma de relatar as experiências vivenciadas.

Gráfico 2 - Organização do percurso criativo da Instalação Pedagógica



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

No esquema acima, a referida metodologia busca por meio das experiências, relacionar a teoria com a prática, cujos sujeitos, por sua vez, possam usar a curiosidade, questionar, pesquisar através da leitura e materializar o assunto abordado, através dos símbolos e signos com os elementos do cotidiano. Essa materialização sempre de forma coletiva e dialogada no momento da “teia de ideia”, para expor de forma coletiva os elementos no ato da exposição.

Logo, fomos à busca do conteúdo para dar início às práticas nos espaços previsto da localidade.

4.2 Encontrando o conteúdo

A metodologia da IP pode ser apresentada em diversas formas, isso pode ser feito através da exposição de fotos, slides e outras maneiras. Nos primeiros encontros, ocorreram os debates com o representante da Casa de Quitéria, como foi mencionado anteriormente.

Posteriormente, apresentamos a metodologia da IP de forma explicativa, através de um *slide* à sequência para o público alvo da pesquisa que estava no espaço.

Vale destacar que, um dos desafios que encontramos no caminho, foi pensar um conteúdo que relacione com o cotidiano, o lugar de vivência e as comunidades. O conteúdo não foi uma tarefa simples de encontrar, mas o interessante é que o material já estava na comunidade. A figura a seguir, mostra o primeiro cordel que foi trabalhado com os participantes da comunidade. É um recurso que está disponível na biblioteca comunitária, como também na biblioteca virtual.

Figura 11 - Cordel I do Distrito do Baixio das Palmeiras



Fonte: Museu virtual Casa de Quitéria.

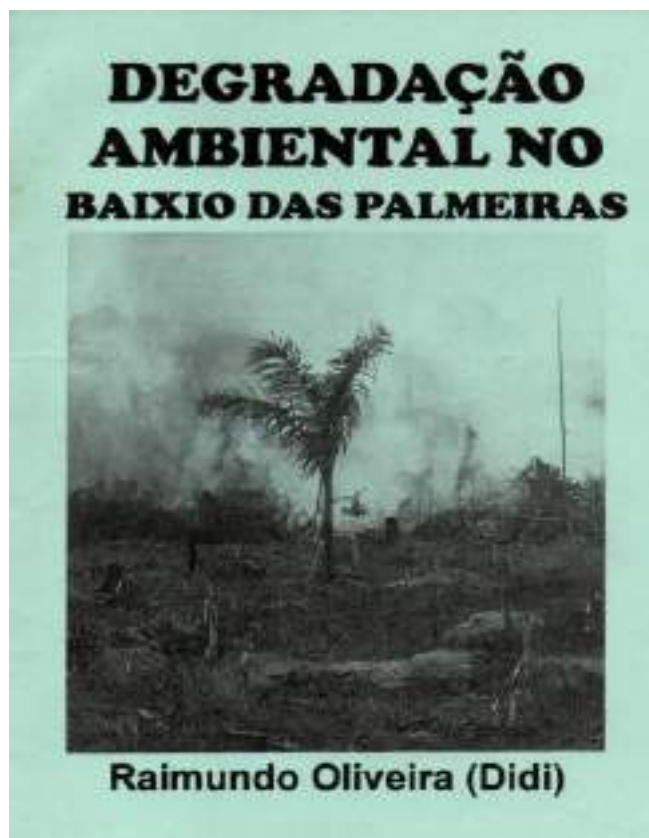
A partir dos primeiros diálogos, pensamos em utilizar algo que abordasse o contexto da comunidade do Baixio das Palmeiras, foram sugeridos vários livros, mas optamos pelas leituras dos cordéis de Raimundo Oliveira²¹ conhecido popularmente por Didi, um residente da comunidade. Seu Didi é cordelista muito conhecido por contar as histórias e sua trajetória de vida na comunidade do Baixio das Palmeiras.

Os folhetos de cordel é um material bastante utilizado na região do Cariri, em razão da acessibilidade dos preços e pelos versos humorísticos que as obras contêm. O primeiro

²¹ Cordel: <https://museucasadequiteria.com.br/cordeis/distrito-do-baixio-das-palmeiras-historico-didi/>

cordel conta fatos da vida cotidiana, sendo: as amizades construídas, as histórias do lugar, como também das tradições culturais e as contradições que vêm ocorrendo nas comunidades pelo desmatamento do lugar. O segundo cordel é intitulado por “Degradação Ambiental no Baixio das Palmeiras²²”.

Figura 12 - Cordel II do distrito do Baixio das Palmeiras



Fonte: Museu virtual Casa de Quitéria.

Nele, aponta as primeiras pessoas que deram origem à comunidade do Baixio das Palmeiras. Sendo personagens marcantes como: Miguel Ferreira, Benjamim Ferreira Nobre, João Tavares Ferreira, Rosa Ferreira, Odete Ferreira, Quitéria Ferreira Nobre e entre outros. A obra mostra como foi surgindo o desenvolvimento espacial do lugar, por meio de lutas e conquistas dos camponeses pela união e a coragem de um povo trabalhador e cheio de esperança por uma sociedade igualitária e justa.

Trata-se em sua estrutura, das questões ambientais que vem correndo nas comunidades do Baixio, através do discurso da modernidade, sendo as questões do uso de agrotóxicos nas plantações e CAC com o discurso de acabar com seca, mas acabam

²² Cordel: <https://museucasadequiteria.com.br/cordeis/degradacao-ambiental-no-baixio-das-palmeiras-raimundo-de-oliveira-didi/>

esquecendo-se do desastre ambiental, que vem afetando os territórios das comunidades. Segundo o filósofo quilombola, Nego Bispo “O desenvolvimento e o colonialismo chegam subjugando, atacando, destruindo” (Santos, 2023, p. 97), nos leva a refletir sobre o problema do colonialismo e como está atrelado às crises ambientais e climáticas no Brasil e no mundo.

O livreto nos inspirou na leitura inicial sobre o conhecimento do lugar e recortes temporais da história dos sujeitos. O uso do cordel foi uma forma de ajudar no entendimento dos jovens sobre a história do lugar, assim facilitou que pudéssemos percorrer no planejamento, para realização das oficinas durante a referida pesquisa.

Esse folheto de cordel encontra-se disponível no site oficial da Casa de Quitéria, como também constam outras informações sobre o espaço.

Ademais, para realizar a produção dos dados, consideramos para a metodologia da IP, os relatos das experiências dos sujeitos durante o processo, e para análise, buscamos apresentar os aspectos descritivos dos percursos criativos, realizados pelos sujeitos da pesquisa e suas reflexões por meio da materialização. As etapas desenvolvidas durante o processo de construção das IPs nas comunidades são denominadas de Percursos Criativos.

4.3 Percursos criativos I: utilizando o cordel como forma de socializar o lugar de vivência

Iniciamos nosso percurso com uma dinâmica, o qual chamamos de “lugar de memória”, por meio desta ação buscamos conhecer e dialogar com os sujeitos da pesquisa, através de imagens que possibilitasse a leitura de mundo. Colocamos em uma mesa aproximadamente 25 ilustrações do Cariri, entre elas abrangiam as comunidades. Solicitamos que observassem com atenção e, em seguida, que todos escolhessem apenas uma e relatasse o motivo da escolha de forma coletiva.

Percebemos que, as primeiras imagens que foram selecionadas estavam relacionadas com as comunidades locais, sendo a Casa de Quitéria, As Fuxiqueiras do Baixio, Casa de Farinha, a Capela Santo Expedito e a Escola da Rosa Ferreira. Algumas imagens eram de personagens e dos lugares da cidade do Crato, mas depreendemos que alguns participantes não conheciam algumas figuras.

Nas respostas, compreendemos o valor simbólico das imagens pela afetividade do lugar. Eis algumas respostas: “*Aqui na Casa de Quitéria sempre estou participando de alguma coisa*” (S.1), “*quando têm as farinhadas eu gosto participo*” (S.2), “*tem uma pessoa*

da minha família que faz parte do grupo das fuxiqueiras” (S.3), “eu sempre vou às missas dessa capela” (S.4), “eu estudo nessa escola” (S.5).

Salientamos que, as respostas mencionadas pelos participantes, estão intrinsecamente relacionadas com o universo do lugar. Os espaços aludidos da comunidade têm uma relação direta de pertencimento e das relações sociais dos participantes. Segundo o autor Carlos, (1995, p. 22) “O lugar é criado a partir das relações humanas de significação, fala e representação. O lugar é oriundo das relações humanas, entre homem e mundo”.

Figura 13 - Momento da dinâmica “lugar de memória”



Fonte: Capturada pelo autor (2025).

Vale destacar que, os encontros iniciais ocorreram na Casa de Quitéria e posteriormente tivemos continuidade na comunidade dos Oitis²³. O espaço cultural da Casa de Quitéria estava prestes a iniciar uma reforma para uma possível criação de uma nova biblioteca comunitária. Isso mostra a dinâmica e os desafios de atuação em comunidades, pelo motivo dos participantes serem de outras comunidades e a complexa organização para um novo lugar de encontro.

No decorrer da dinâmica, indagamos se eles conheciam a história da comunidade, seus personagens marcantes como também a cultura popular do lugar. Nos diálogos fomos

²³ Vale destacar que, os nomes Oitis, Muquém e Palmeiras estão relacionados a árvores nativas da região da Chapada do Baixo e fazem referência a Chapada do Araripe.

percebendo que nem todos tinham conhecimento sobre a história local. Daí veio a ideia inicial de trabalhar com os cordéis produzidos por um cordelista natural da própria comunidade do Baixio. As leituras dos cordéis de autoria de Raimundo Oliveira foi uma ferramenta importante para dar suporte teórico na compreensão do lugar, por contar as histórias vida, a cultura e a resistência dos moradores na construção da comunidade do Baixio das Palmeiras.

Figura 14 - Trecho do Cordel I



Fonte: Museu virtual Casa de Quitéria.

Inicialmente, distribuímos os livretos de cordéis para os participantes lerem de modo que, possibilitasse à percepção nos versos de cada linha do poema, as ricas informações que o material possui sobre trajetórias de vida dos moradores, que contribuíram para o surgimento da comunidade.

Para a construção do conhecimento e a socialização no espaço de vivência, buscamos estabelecer o cordel por ser de um material de fácil acesso e que possibilita caminhos no entendimento do lugar que estão inseridos “[...] pode ser um exemplo para realizar uma proposta a didática e significativa, inclusiva e cidadã, pois estabelece uma relação mais próxima entre a geografia que se estuda e a que está presente no cotidiano [...]” (Castellar 2010, p. 340).

De posse do material, as leituras iniciaram de forma coletiva, buscamos organizar os sujeitos em grupos, variando faixa etária maior com os menores, oportunizando assim, auxílio

durante a leitura e para que ocorressem com mais êxito. Nesse momento, alguns familiares que estavam presentes também ajudaram. Vale frisar que, sempre buscamos que os sujeitos pudessem refletir sobre a história da comunidade e posteriormente falar sobre o lugar em que vivem.

Figura 15 - Momento da leitura do cordel na Casa de Quitéria



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Após a leitura do cordel, buscamos compartilhar as ideias por meio da roda de conversa sobre o que entenderam do cordel. Portanto, à medida que foram respondendo iam surgindo várias outras perguntas, tais como: Qual foi a parte que mais chamou atenção na leitura? Já tinha ouvido falar nos nomes dessas pessoas? Buscamos sempre organizar as ordens de fala dos sujeitos para que pudéssemos ouvir a todos(as), como também buscar refletir sobre o espaço e o lugar.

Nos relatos podemos destacar: “O Baixio é um lugar bom para morar por conta da natureza” (S.1), “O nome da comunidade me chamou a atenção, aqui encontramos muitas palmeiras próximas das nossas casas” (S.2), “alguns nomes eu já tinha escutado, como da minha escola” (S.3), “não conhecia todos esses nomes, só a daqui, Quitéria” (S.4), “Onde eu moro não tinha muita casa e hoje já tem mais por conta das estradas” (S.5). Nos diálogos, percebemos o valor afetivo do lugar e o encontro com o seu cotidiano, por meio das

experiências e dos elementos sociais que os cercam. A percepção pela mudança no espaço foi um assunto bastante discutido com moradores das comunidades do Baixio das Palmeiras.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida [...]. (Carlos, 1995, p. 22).

O espaço percebido, apresenta vários significados e diversas simbologias que estão nas heranças humanas e na história de um determinado povo. Salienta-se que, o lugar é um espaço de sentimento, é nele que resultam as experiências, como também pertencimento do sujeito em uma determinada sociedade, pelas relações criadas no cotidiano vivido e percebido. As práticas sociais, podem ser compartilhadas por meio das ações realizadas a partir das vivências.

Segundo Tuan (1983, p. 10):

[...] Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento [...].

Salienta-se que, o espaço se torna lugar na medida em que é vivenciado pelas experiências afetivas, que tenham significados para a pessoa que ali ocupa. Com esse pensamento, instigamos aos participantes para produzir um pequeno texto sobre o lugar, descrever o que eles conheciam na comunidade. Percebemos que, alguns necessitam de apoio na escrita devido à idade e/ou escolaridade. Dessa forma, pensamos também em compartilhar as ideias por meio do diálogo dos conhecimentos prévios dos sujeitos sobre o lugar.

Assuntos como valorização do agricultor dada as relevantes funções que desenvolve no campo, bem como o conhecimento das plantas nativas, os saberes com a fauna do lugar e a consciência sobre a questão ambiental. Ao longo das conversas foram surgindo apontamentos a respeito do novo modelo agrícola, que vem acontecendo na comunidade e a chegada do Cinturão das Águas do Cariri, que vem afetando a população local pelo processo de desterritorialização a favor do agronegócio.

Ao desterritorializar essas comunidades afetam os sentimentos e os saberes culturais dos sujeitos, nas palavras de Arroyo (2014, p. 75). Ao destruir os saberes culturais [...] Os desenraizam de seu chão cultural, indenitário e os segregam em territórios, que pretendem sem lei, sem cultura, sem valores. Sem identidades próprias.

Figura 16 - Trecho do Cordel II



Fonte: Museu virtual Casa de Quitéria.

No momento seguinte da leitura, exploramos o próximo cordel que retrata a questão ambiental do Baixo das Palmeiras. Percebemos nos diálogos, o sentimento que os participantes têm com o lugar e a importância de preservar o em torno em que vivem.

Como podemos perceber, ao analisar algumas das respostas: *“Aqui o clima é bom e bem diferente da cidade”* (S.1), *“ainda existem algumas fontes de água aqui na comunidade”* (S.2), *“estão usando venenos nas plantações próximo da minha casa”* (S.3), *“antes aqui tinha mais árvore, já hoje com a chegada do canal estão desmatando muitas e tirando bastantes pessoas do seu lugar”* (S.4), *“as palmeiras pelo que percebi lendo esse cordel tem várias utilidades boas desde o fruto até o óleo, mas com todo esse desmatamento pode gerar vários problemas”* (S.5).

É perceptível, o quanto a relação com o lugar é apreciada pelos indivíduos e os espaços vivenciados pelas percepções, emoções e sentimentos que trazem com relação com a natureza. A respeito do novo modelo agrícola do agronegócio, os participantes relatam as

consequências ambientais por ação do uso de agrotóxico e a chegada do CAC nos territórios das comunidades.

Os relatos, nos possibilitam acreditar que o lugar do Baixio é um espaço de luta e resistência camponesa, para que os agricultores tenham o direito de viver no campo, através dos costumes, da utilização da terra e do uso do solo e da água. Enfrentam constantemente o modelo da agricultura capitalista, que sempre estão criando projetos para ter acesso à água em determinados lugares.

[...] Com esse modelo hídrico do Estado do Ceará fortalece um discurso baseado na escassez de água para por em prática projetos. Com o estágio atual do sistema capitalista marcado pela globalização neoliberal o mercado produtivo transformou a água através do controle dos rios, aquíferos, lagoas e manguezais em um recurso de grande valor econômico. As políticas públicas contemporâneas consolidam um modelo onde os interesses privados se sobrepõem aos bens coletivos. (Nobre, 2015, p. 122).

Com as experiências afetivas, de representatividade identitária, indissociabilidade da vida e do pertencimento com o local. “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas [...]” (Tuan, 1983, p. 152). Isso por conter práticas e produção sociais, também um espaço da coletividade. Destarte, o lugar é uma porta para expressar a criatividade humana nas diversas dimensões sociais.

Nesse sentido, foi possível inferir que o lugar pode se tornar um caminho para integrar os conhecimentos prévios dos sujeitos à prática da referida metodologia, instigando-os, assim, a desenvolver um percurso artístico, criativo e reflexivo.

Nos primeiros encontros, a reforma havia começado na Casa de Quitéria, o que nos levou a pensar em outro local para dar continuidade aos trabalhos. Um dos participantes da pesquisa sugeriu que, os encontros ocorressem na comunidade dos Oitis, pois a maioria dos participantes era de lá e todos concordaram. Assim, os encontros seguintes, passaram a ser realizados na capela da comunidade dos Oitis, que integra o território do Baixio das Palmeiras.

Nesse contexto, o ato de pesquisar gera a curiosidade e relaciona a teoria com a prática da vida cotidiana, gerando inquietações. Sobre esse assunto, Freire (2022, p. 85) nos esclarece que: “O exercício da curiosidade, convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser [...] Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietarme e buscar continua em pé [...]”.

Entretanto, os materiais utilizados serviram como base para ampliar o entendimento sobre a comunidade, a cultura e a história local, sendo recursos fundamentais para aprofundar a compreensão do lugar. A leitura foi uma aliada essencial da pesquisa, despertando curiosidade e contribuindo para o conhecimento de temas desconhecidos pelos participantes sobre a comunidade. Dessa forma, a pesquisa tornou-se uma porta de entrada para refletir sobre os percursos criativos das IPs.

4.4 Percursos criativos II: instigando a criatividade pelo desenho e a Isogravura

Quando falamos em educadores sociais, referimo-nos àqueles que atuam nas comunidades em busca de uma proposta socioeducativa. Por meio de ações realizadas fora do ambiente formal e a partir da comunicação com os sujeitos, surgem novas experiências e trocas de saberes em espaços não formais. O conhecimento é construído por meio da vivência e de situações cotidianas.

Nos ambientes comunitários, os professores assumem o papel de educadores sociais. Eles atuam nas comunidades em busca de uma proposta socioeducativa que, por meio de ações realizadas fora do ambiente formal e a partir da comunicação com os sujeitos, possibilita novas experiências e trocas de saberes em espaços não formais. O conhecimento é construído por meio da vivência e de situações-problema que ocorrem no cotidiano.

O educador social, busca promover situações de troca de experiências, nas quais os sujeitos possam conhecer e utilizar diversos procedimentos relacionados à sua realidade. Dessa forma, torna-se possível construir e compreender questões mais complexas sobre as relações entre o que acontece no lugar em que vivem e os eventos que ocorrem em outras partes do mundo. Nesse contexto, o educador, ao mediar o conhecimento da Geografia local, reconhece “[...] que ela é um instrumento simbólico na mediação do sujeito com o mundo, que o ajuda a compreender e a lidar com o mundo [...]” (Cavalcanti, 2017, p. 18).

No quarto encontro na comunidade, buscamos instigar a criatividade dos participantes e, posteriormente, refletir sobre os símbolos e signos das IPs. Iniciamos a oficina intitulada 'As Isogravuras²⁴ do Lugar'. Com base na leitura dos materiais, sugerimos inicialmente aos participantes que desenhasssem um objeto com o qual tivessem afinidade afetiva, incentivando-os a pensar em algo relacionado ao cotidiano de suas vidas. Nessa etapa, nosso

²⁴ A isogravura é um termo utilizado para se referir a uma técnica de impressão ou gravura, geralmente associada à criação de imagens em que se utiliza um processo gráfico para reproduzir desenhos ou figuras.

objetivo era criar possibilidades, para que os participantes pensassem sobre algo de seu cotidiano por meio do desenho.

Figura 17 - Criação dos desenhos temáticos



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Por meio do desenho, buscamos que, os sujeitos refletissem sobre a representação de um objeto da comunidade. Essa representação faz parte do processo de construção dos símbolos presentes no cotidiano. O desenho, por sua vez, constitui um tipo de representação espacial do espaço geográfico e é considerado uma forma simbólica do espaço vivido.

Por isso, é importante destacar que, o educador social deve criar novos caminhos durante sua prática na comunidade, construindo um contexto relacionado à realidade vivida. Ele deve mostrar que, por meio do desenho, os sujeitos podem refletir sobre suas experiências, seus saberes acerca do lugar, representar suas memórias afetivas e refletir sobre a imagem do mundo, suas razões e seus sentidos.

Segundo Sousa Neto (2007, p. 17), o papel do educador é:

[...] criador de um novo texto, às vezes não escrito, que ocorre no interior mesmo da sala de aula. O educador social deve ser menos um mero repassador daquilo que se instituiu como verdade absoluta e mais sujeito capaz de relativizar as verdades a partir do saber social contido na realização do seu próprio fazer histórico.

Vale destacar que, o papel do educador é estimular os sujeitos a conhecer e utilizar diversos procedimentos que despertem sua curiosidade e criatividade. Refletir sobre esse percurso significa dar visibilidade a uma concepção de troca de saberes que está em constante construção, tanto para o educador, quanto para os indivíduos de uma sociedade. Como destaca

Pimenta (2014, p. 66) O conhecimento construído “[...] não se restringe à didática da sala de aula nos espaços escolares, mas está presente nas ações educativas da sociedade em geral [...]”.

A prática do desenho foi um momento muito divertido na Capela dos Oitis. Tanto as crianças quanto os seus responsáveis, participaram dessa etapa lúdica e criativa junto com seus filhos(as). Durante a criação dos desenhos, foi possível observar como os lugares e elementos que compõem as paisagens das comunidades surgiam nas artes dos sujeitos, por meio da memória, dos sentimentos e da imaginação.

O desenho é um instrumento simbólico para a criança, utilizado por ela para expressar suas emoções, experiências e percepções sobre a realidade. De acordo com Vigotski (2009, p. 62), ele enfatiza: “[...] as forças criativas da criança não se concentram por acaso no desenho, mas porque é o desenhar que, nessa idade, oferece-lhe a possibilidade de expressar com mais facilidade aquilo que domina”.

Os desenhos, despertam o interesse pela produção das Isogravuras. Essa prática lembra a xilogravura, uma técnica de impressão em madeira, mas, nesse caso, utiliza-se uma placa de isopor. O procedimento é realizado com o uso de cola e tinta guache no isopor.

Com os desenhos produzidos, partimos para a construção das Isogravuras temáticas, e a nossa função foi fundamental na mediação da oficina. Assim, o papel do educador social no processo de mediação dos sujeitos torna-se desafiador durante a ação socioeducativa, podendo envolver dificuldades nas equipes durante a elaboração dos desenhos e ajudar na intervenção para realizar ajustes no processo criativo. Na imagem a seguir, vemos o momento da produção das isogravuras.

Figura 18 - Produção da Isogravuras



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Nessa etapa, os participantes transferiram seus desenhos para o isopor, contornando-os diretamente sobre a placa. Após essa transferência, foi possível observar os tracejados mais profundos e detalhados no material. Em seguida, utilizou-se cola branca para tornar o isopor impermeável. A cola foi aplicada e deixada agir por aproximadamente 15 minutos.

Após a aplicação da cola, utilizou-se tinta guache e um pincel rolo para pintar a parte superior do isopor cujo desenho estava gravado. Essa atividade lúdica despertou o interesse dos participantes, estimulando sua criatividade e engajando a comunidade. O desenho e a pintura promoveram um ambiente criativo, especialmente entre as crianças, onde a imaginação floresceu. O conhecimento de mundo desempenhou um papel essencial nesse processo, enriquecendo a experiência.

Nesse contexto, o educador pode criar situações que incentivem trocas de experiências, permitindo que os indivíduos se apropriem do conhecimento proporcionado por seus saberes prévios. Por meio de temas relacionados às questões sociais, é possível ajudar as pessoas a compreenderem e explicarem suas próprias vidas. Essa abordagem mostra que cada

sujeito está inserido em um espaço geográfico e que a contextualização dos saberes sociais, com temas relevantes, contribui para atribuir significado à realidade vivida.

[...] As ações interativas entre os indivíduos são fundamentais para aquisição de novos saberes, e essas ações ocorrem fundamentalmente no plano da comunicação verbal, oral e carregadas de todo o conjunto de representações e tradições culturais que as expressões orais contém[...]”. (Gonh, 2011, p. 111).

É fundamental contextualizar os saberes da formação com a dimensão da prática socioeducativa nos ambientes comunitários. Dessa forma, busca-se relacionar os temas do cotidiano que emergem nos espaços não formais. Esses ambientes favorecem as trocas de saberes entre os sujeitos, promovendo o diálogo e aproximando o conhecimento científico do saber popular, com base nas significações presentes no contexto local.

Figura 19 - Momento da pintura das Isogravuras temáticas



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

A prática da isogravura foi uma forma de resgatar a memória histórica de um povo por meio das expressões artísticas, estimulando a criatividade através da arte do desenho ilustrado no isopor. Essa atividade permitiu que, os participantes conectassem seu cotidiano à construção de novos conhecimentos. Além disso, possibilitou que eles refletissem sobre suas próprias visões de mundo por meio da arte.

Durante o processo, um dos participantes, ao observar sua isogravura, comentou que representaria a Capela dos Oitis, por ser um espaço frequentado por ele e sua família. Nesse contexto, cada grupo ficou responsável por representar as comunidades do Baixio das Palmeiras. Ressaltamos que, o processo criativo tem origem no cotidiano, cuja criatividade se desenvolve a partir dos elementos presentes nos espaços de socialização.

Figura 20 - Isogravura da Capela dos Oitis



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Os participantes tiveram a oportunidade de vivenciar e apreciar a arte da isogravura, explorando elementos do cotidiano, que refletem ações ligadas à dimensão social da vida. Essas práticas foram fundamentais para o desenvolvimento de habilidades artísticas e para estimular a reflexão sobre a relação dos sujeitos com a natureza, a cultura e as identidades do território do Baixio.

Nesse sentido, avançamos para a etapa da “teia de ideias”, que consistiu na socialização dos diálogos e na identificação dos elementos que seriam utilizados para compor a instalação.

Nessa etapa, houve a colaboração ativa dos participantes e de seus familiares para ajustes e refinamento das ideias. Nesse contexto, cada participante apresentou suas sugestões sobre quais, elementos seriam representados na instalação, planejada para o próximo

encontro. Durante essa fase, ocorreu uma tempestade de ideias, na qual surgiram signos e símbolos que seriam escolhidos e representados pelos participantes.

Figura 21 - Momento da secagem das Isogravuras



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Por meio do cotidiano, é possível instigar os participantes a desenvolverem sua imaginação criativa e artística nos espaços socioculturais aos quais pertencem em suas comunidades. A conexão afetiva com o território contribui significativamente para o desenvolvimento da criatividade, promovendo tanto a imaginação criativa quanto a construtiva. Essa potencialização ocorre por meio dos temas dialogados nos ambientes sociais, fortalecendo os vínculos e estimulando novas formas de expressão.

[...] Pensar sobre algo é dar sobressaltos, é uma ação da inteligência, é preciso duvidar, a dúvida nos leva a um caminho, a uma direção, a um conteúdo a um objetivo a um ato a ser criado, inventado e pesquisado. Para tanto, é preciso expor-se ao mundo, caminhar entre os sujeitos e objetos, entre as cidades, campos, escolas, é expor-se ao cotidiano e a uma cotidianidade, retirando a inspiração e a imaginação para o novo, para um ensino aprendizagem que saia do chão. (Ribeiro, 2013, p. 115).

A imaginação pode, por sua vez, despertar a sensibilidade, a criatividade e instigar o sujeito a refletir sobre questões do cotidiano. Ela pode ser estimulada e atuar como uma ferramenta, para compor os elementos da instalação. O processo criativo começa com a imaginação de algo novo e diferente, muitas vezes provocando espanto, mas também,

refletindo a realidade vivida pelos sujeitos, “[...] a criação se articula principalmente através da sensibilidade” (Ostrower, 2014, p. 12).

O ato da imaginação e criação foi relevante para que os sujeitos pensassem em um objeto, que relacionassem com o cotidiano, com os resultados foi despertada a sensibilidade e o engajamento coletivo no processo criativo. Assim, a criatividade faz parte do conhecimento humano, tem relação com o cotidiano social.

4.5 Percursos criativos III: Pensando os símbolos e signos a partir do espaço de vivência

No quinto encontro, indagamos aos sujeitos sobre o momento da associação, que consiste em pensar e definir os símbolos e signos que serão montados na base da IP. Segundo Oliveira (1993, p. 30), os signos “são interpretáveis com a representação da realidade e podem referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes [...]”.

Nesse pensamento, os símbolos são representações mentais, que substituem objetos do mundo real. O educador, junto aos sujeitos, busca identificar elementos que possam se alinhar à ideia trabalhada pelos participantes, com o objetivo de compor a instalação. É importante destacar que, na “teia de ideias”, os sujeitos foram direcionados ao universo da associação por meio de símbolos e signos. Isso significa, buscar materiais presentes no cotidiano, que servem como contribuição para a construção da instalação, em parceria com a equipe escolhida.

Para Alexandre (2019, p. 96), o conteúdo,

[...] nesse processo é trabalhado na articulação do teórico pensado ao concreto empírico, pois o *sujeito*, ao pensar os signos e símbolos para sua representação, deve buscar na esfera do cotidiano objetos para materializar os elementos pensados, tornando-os concretos, palpáveis. Esse processo de representação teórico-concreta do conteúdo por signos e símbolos ganha, portanto, significado e sentido no elo de convenção posto pelos indivíduos. (Grifo nosso).

O conteúdo possibilitou o desenvolvimento, por meio do diálogo, de relatos de experiências dos sujeitos sobre temas que acontecem na comunidade. Além disso, ampliou tanto o conhecimento teórico, quanto os saberes informais vivenciados nos contextos sociais dos participantes. Para Libâneo (2013, p. 141), “[...] os próprios conteúdos devem incluir elementos da vivência da prática dos *sujeitos* para torná-los mais significativos, mais vitais, de modo que eles possam assimilá-los ativamente e conscientemente”. (Grifo nosso).

Vale ressaltar que os elementos na instalação devem ter uma “base” criada pelos sujeitos. De acordo com Silva, (2022, p. 28) “Para montagem da instalação, é necessário uma base e sobre ela, os signos e símbolos são expostos”. Nesse contexto, durante o momento da escolha, surgiram diversas ideias sobre o material, que seria utilizado como base. Contudo, chegamos à conclusão de que a arupemba seria o material ideal para servir como suporte e apoio às representações.

Figura 22 - Material base “Arupemba”



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

A arupemba é uma peneira artesanal feita de palha e fibra, muito utilizada na comunidade para peneirar milho, farinha de mandioca e também, para decorar os ambientes das residências camponesas. Por ser um material amplamente utilizado pelos agricultores, remete aos produtos tradicionais ainda presentes no cotidiano local.

Com a escolha do material base, podemos considerar que, os encontros foram significativos para refletirmos sobre as questões do lugar. Esse processo é fundamental tanto para os sujeitos, quanto para os educadores, pois possibilita um melhor entendimento de como desenvolver as potencialidades de ações educativas no contexto não formal, lidando com os saberes reais das comunidades.

Na etapa seguinte, iniciamos o percurso criativo da Instalação Pedagógica na capela Santo Expedito, localizada na comunidade dos Oitis. As representações tiveram um papel fundamental, permitindo que, os participantes expressassem seu conhecimento de mundo a

partir das experiências vivenciadas no lugar, bem como das relações afetivas na comunidade e de suas histórias territoriais transmitidas de geração em geração. Esses percursos criativos, nos proporcionaram caminhos para compreender melhor as relações dos sujeitos com seus espaços de vivência.

4.6 Percursos criativos IV: Relatos e experiências dos processos construtivos da Instalação Pedagógica

No último encontro, ao chegarmos à comunidade, percebemos os materiais já sendo montados pelos sujeitos da pesquisa na parte interna da capela dos Oitis. Notamos a empolgação dos participantes na organização dos elementos na parte inferior da arupemba. Enquanto organizavam, dialogávamos sobre as práticas vivenciadas para a compreensão da comunidade, como as leituras de cordéis, as histórias do lugar, as produções de desenhos e isogravuras, e discutíamos a importância dessas atividades na interpretação e valorização do território.

O nosso objetivo, era proporcionar aos sujeitos o entendimento e a reflexão sobre o contexto local, por meio da prática das Instalações Pedagógicas. Observamos que, enquanto os grupos organizavam os elementos no material base, também estavam treinando suas falas para a apresentação. Os materiais utilizados na Instalação foram peças que os participantes trouxeram de suas localidades, com o apoio de seus familiares. Cada instalação representava uma comunidade do território do Baixio.

A exposição das Instalações Pedagógicas na comunidade dos Oitis, permitiu que os sujeitos explorassem o tema abordado de maneira significativa, despertando o interesse na busca por símbolos e signos para materializar o conteúdo pesquisado. Essa prática revelou caminhos para que o conhecimento social fosse adquirido a partir das experiências de vida e, ao mesmo tempo, para que os materiais utilizados fossem compreendidos e apreciados pelas pessoas que visitaram as exposições dos participantes.

Antes de prosseguir com os relatos de experiência dos sujeitos, gostaria de destacar o papel das famílias no apoio aos filhos menores na colaboração com a instalação. Os responsáveis pelos participantes estiveram presentes em alguns encontros da pesquisa. Percebemos que, nos espaços de vivência, a coletividade prevalece, contribuindo para que os sujeitos ampliassem seu conhecimento sobre o local e fortalecessem o diálogo acerca das memórias do lugar.

O aprendizado e o conhecimento desses processos de memória são fundamentais para a capacitação dos indivíduos na elaboração e compreensão de sua própria história, de sua habilidade de “fazer história” através dos fragmentos e relatos encontrados nos diferentes “baús”, pessoais, familiares, coletivos e institucionais. [...] Esses “saberes” são parte indispensável do processo educacional, quando se busca [...]. (Silva, 2008, p. 112).

Vale ressaltar que, para os participantes criarem as representações dos símbolos/objetos que fazem parte das comunidades, tanto as leituras, o engajamento familiar quanto o entendimento dos espaços não formais representados pelos desenhos, foram fundamentais para a elaboração de cada instalação. As associações só puderam ser feitas quando obtiveram um sentido conceitual claro e expreso. Assim, as instalações realizadas na pesquisa foram às seguintes:

Figura 23 - Instalação 1: Espaço não formal Casa de Quitéria



Fonte: Capturada pelo autor (2025).

Ficha Técnica:

Cachimbo – Simboliza a dona Quitéria, uma líder comunitária.

Terço - Remete a devoção e fé de Quitéria e dos moradores da comunidade.

Candeeiro - instrumento utilizado para iluminar os trajetos das pessoas nas noites de renovação da comunidade

Cordel - Representa práticas das leituras que ainda ocorre na comunidade

Raiz de planta medicinal - Simboliza o conhecimento popular das plantas medicinais.

De acordo com os moradores da comunidade, Quitéria Ferreira Nobre foi uma grande liderança comunitária, carregando consigo uma incrível força ancestral. Além disso, era uma costureira habilidosa e uma conselheira respeitada por todos. Sua casa sempre foi um espaço acolhedor, onde aconteciam encontros poéticos, reunindo diversas pessoas da comunidade.

Conforme Nobre (2015, p. 87):

A linguagem poética da literatura de cordel era muito intensa nas comunidades rurais. Na casa de Quitéria Ferreira Nobre, nas noites de lua cheia, as pessoas se aproximavam para ouvir versos entoados pela poetisa Mirian Teles. Como grande parte dos moradores não sabia ler, esta era a única forma de contato com a poesia.

Conforme as informações presentes na ficha técnica, o espaço Casa de Quitéria foi, no passado, um lugar acolhedor. Até hoje, na comunidade, o espaço cultural Casa de Quitéria, mantém essa característica, sendo um ambiente dedicado à leitura e a diversas ações que continuam acontecendo no local. Sobre o espaço cultural, vejamos as falas dos participantes:

(S1). Aqui na Casa de Quitéria ainda tem muita coisa guardada dela, isso ajuda a nos entender o passado e a sua história de vida. Quando estou aqui me sinto bem. A leitura do cordel me ajudou a entender a história do lugar e um monte de coisas que não sabia, por isso representei o cordel.

(S2). Esse lugar é um local de memória e tem muitas histórias das pessoas que contam sobre a Casa de Quitéria. Aqui tem muita programação eu sempre estou participando na colônia de férias. Eu aprendi muita coisa da natureza nesse lugar.

Percebemos, nas falas de alguns participantes, a profunda relação que mantêm com o lugar de memória, representado pela Casa de Quitéria. Esse espaço tem desempenhado um papel importante na preservação das memórias e identidades da comunidade. Reconhecido como um ambiente acolhedor, o espaço possibilita que os indivíduos se expressem por meio do local e das lembranças, compartilhando suas experiências. “Quanto mais ricas e diversificadas as experiências vividas e compartilhadas por um grupo de pessoas vivendo em comunidade, mais rica e complexa será esta “Memória”, ou rememoração” (Silva, 2008, p. 112).

Vale destacar que, o espaço cultural Casa de Quitéria, exerce papel fundamental na preservação das memórias, funcionando como um ambiente de coletividade comunitária, onde as práticas sociais são ressignificadas pelas vivências dos sujeitos das comunidades. Nesse contexto, Silva esclarece o conceito de lugares de memória, afirmando:

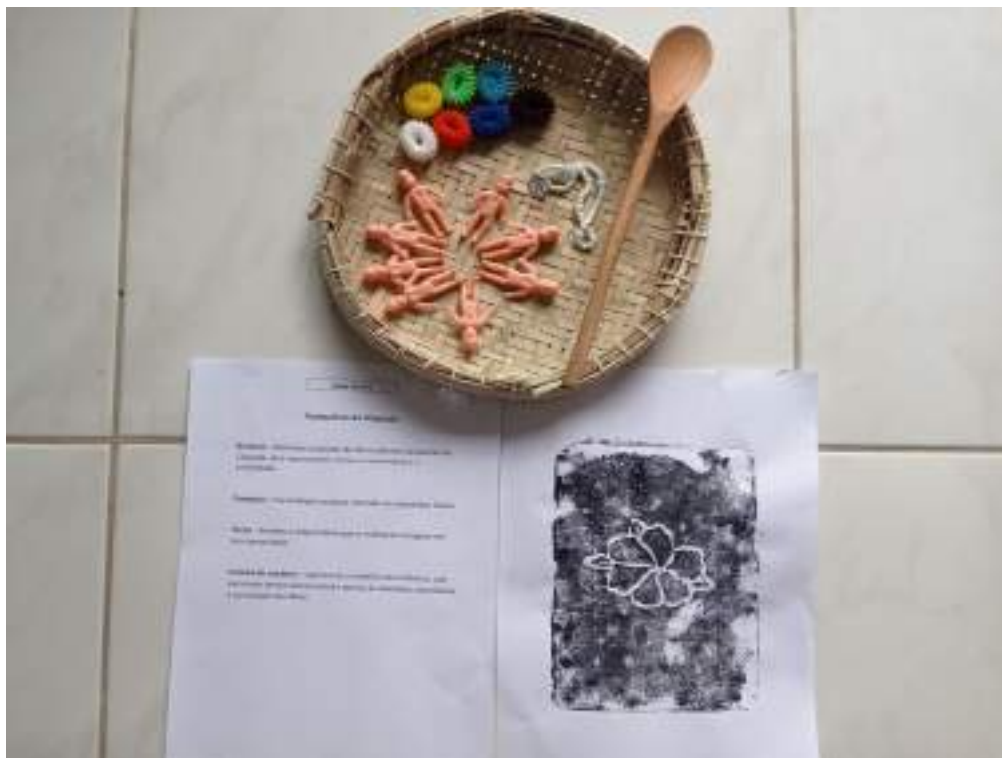
[...] locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem constituir-se em “lugares de memória”, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “identifica”, mesmo que de maneira fragmentada. (Silva, 2008, p. 111).

A educação não formal transcende uma abordagem voltada exclusivamente para o capital, permitindo que os saberes sejam compartilhados por meio das memórias, dos espaços afetivos e das histórias das comunidades. Como esclarece Arroyo (2013, p. 115), é essencial “trazer as vivências de educando e educadores, e suas experiências sociais como objeto de pesquisa, de atuação, de análise e de indagação”.

Acreditamos que, os conhecimentos trazidos pelos sujeitos podem enriquecer ainda mais o contexto da escola formal, permitindo que os estudantes compreendam e reflitam sobre aspectos de sua realidade de forma crítica, muitas vezes contrastando com a visão distorcida apresentada pelos conteúdos escolares.

Dando continuidade aos conhecimentos sociais idealizados pelos sujeitos da pesquisa, apresentamos a próxima instalação:

Figura 24 - Instalação 2: Espaço não formal Fuxiqueiras da Chapada



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Ficha Técnica:

Bonecas - Remetem ao grupo de oito mulheres fuxiqueiras da Chapada, elas representam a força, a coletividade e a criatividade

Pompons - Faz analogia às peças coloridas do artesanato fuxico

Terço - Remete a religiosidade que as mulheres carregam em sua comunidade

Concha de madeira – representa o trabalho das mulheres, que por muito tempo esteve restrito apenas às atividades domésticas e ao cuidado dos filhos.

De acordo com a história da comunidade, a formação territorial da Chapada do Baixio teve início com o Senhor Luís Ferreira dos Santos, que adquiriu o primeiro lote de terra. Com uma família numerosa, a comunidade foi, aos poucos, se transformando em um pequeno povoado. O objetivo de ocupar esse território era expandir sua família e garantir que as terras fossem herdadas pelas futuras gerações.

Na comunidade Chapada do Baixio, o núcleo povoador teve a figura central Luíz Ferreira dos Santos, pai de dez filhos e conhecido como Luizão era muito dedicado ao trabalho até que conseguiu comprar um bom pedaço de terra. com uma numerosa família, logo a área se constitui em um pequeno povoado onde todos os descendentes seguem o desejo de “seu Luizão” de que suas terras não fossem vendidas, apenas ocupadas por seus filhos, neto, bisnetos e tataranetos. (Nobre, 2015, p. 36).

Em outra parte do território da Chapada do Baixio, começaram a se estabelecer outras famílias, com destaque para as famílias Braz e Luís Sabino, que também contribuíram para a formação de uma pequena vila. Com o passar do tempo, surgiu a Capela de Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira da comunidade da Chapada do Baixio. Observa-se que, a localidade foi organizada em territórios destinados a cada família.

Atualmente, na comunidade Chapada do Baixio, destaca-se o grupo de mulheres artesãs do fuxico, conhecido como Fuxiqueiras da Chapada do Baixio. Nesse espaço, essas mulheres se reinventam por meio da arte do fuxico, que, para elas, vai além de um simples artesanato. O grupo incorpora suas identidades, histórias de vida, coletividade e a resistência expressa em suas ações coletivas. Assim, percebe-se, em suas falas, que este lugar é um espaço de socialização:

(S3). Usei as bonecas para representar a união da comunidade e principalmente as mulheres do Fuxicos. Aqui as famílias ajudam umas as outras, no trabalho do artesanato, nas plantações e na organização das novenas. Elas ensinam a fazer muito fuxico, eu e minha mãe até já participamos também.

(S4). Na comunidade onde mora as fuxiqueiras sempre tem alguma coisa para fazer, as pessoas se encontram para fazer o fuxico e contar histórias, falar de suas vidas, lá é um espaço muito bom para fazer amizade por isso usei os pompons coloridos para representar os trabalhos do artesanato delas.

Nas falas dos sujeitos, fica evidente que, o espaço das Fuxiqueiras é um ambiente de socialização, aprendizagem e troca de experiências. Na comunidade, as amizades se formam com facilidade, especialmente durante as rodas de conversa, que acontecem enquanto trabalham nos fuxicos. Nessas ocasiões, compartilham histórias sobre as coisas boas da vida e as rotinas do dia a dia. É por meio da amizade e da união, que o grupo permanece ativo até hoje.

Vale ressaltar que, para os sujeitos, o sentimento em relação às Fuxiqueiras vai além de um simples artesanato. O grupo representa intimidade, afetividade e momentos de troca de experiências vivenciados entre as mulheres artesãs. Seus saberes são constantemente criados e recriados por meio da coletividade.

A intimidade entre pessoas não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um, brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. (Tuan, 1983, p. 156).

Nesse processo, percebemos que a prática despertou a atenção dos participantes e evidenciou a íntima relação entre a prática educativa e o espaço não formal da Chapada do Baixo. Os saberes são construídos no cotidiano, preservando as identidades como forma de resistência. Preservar os saberes sociais do território significa reconhecer a rica diversidade e pluralidade de experiências humanas. Devemos valorizar a realidade dos sujeitos, para que o conhecimento tenha relação com a vida subjetiva. Assim, prosseguindo nos saberes sociais dos sujeitos da pesquisa, seguimos a experiência da próxima instalação:

Figura 25 - Instalação 3: Espaço não formal Casa de Farinha



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Ficha Técnica:

Peneira – Para representar o processo da farinhada exercida pelos agricultores da comunidade.

Pote de barro – Lembra o armazenamento de água que é usada para o processo de lavagem de goma.

Trempe de fogão – Simboliza o forno onde é ‘torrada’ a farinha, para a retirada da umidade, sendo mexida por um rodo pelo farinheiro. Essa atividade é exercida por homens.

Ralador – Faz alusão à raspagem da mandioca para o processo da farinhada, essa atividade é realizada pelas mulheres.

O espaço cultural Casa de Farinhada de Mestre José Gomes está localizado na comunidade do Baixio do Muquém. Esse local tem como objetivo, resgatar as tradições e os saberes informais dos sujeitos da comunidade por meio da prática da farinhada. Os organizadores vêm, há décadas, se dedicando a preservar essa tradição na comunidade. Durante o processo da farinhada, a educação ocorre de forma coletiva, com o compartilhamento de memórias e das atividades camponesas, que fazem parte do cotidiano dos agricultores. A produção da farinhada é realizada de maneira cooperativa, reforçando os laços de união e colaboração entre os trabalhadores.

A partir do mês de julho começavam a desmancha mandioca para fazer a “farinha”. O verdadeiro processo de produção era denominado farinhada e envolvia parentes e amigos e quase sempre era na forma de cooperação que o camponês chamava de “ajuntório”. Mais de 20 pessoas trabalhavam numa farinhada; eram arrancadores de raízes, os despinicadores,, os carregadores, as raspadeiras, os cevadores, os

puxadores da roda, as lavadeiras, os preneiros, os torradores (forneiros) e os carregadores de água. Nessas funções cada trabalhador se tornando um especialista. (Nobre, 2015, p. 52).

Esses conhecimentos são transmitidos por meio das vivências, principalmente durante as experiências de trabalho que fazem parte do cotidiano. O ensino está integrado à vida, aos costumes e às identidades dos sujeitos. Nos espaços de vivência, ocorrem os saberes informais, que são lugares que possibilitam a socialização por meio das experiências de vida, tanto nos diálogos entre as famílias no ambiente de trabalho, quanto nas práticas coletivas. Nesse sentido, percebe-se nas falas dos sujeitos que a coletividade é um elemento essencial do conhecimento.

(S5). Eu coloquei a peneira na instalação porque eu um dia já ajudei a minha mãe fazer a goma, eu gostei de fazer por que minha família também participa na casa de farinha. Representei os outros elementos por que eu sei como é que fazem a farinha virar a tapioca.

(S6). Na casa de farinha tem muitas pessoas trabalhando, lá as pessoas trabalha a noite toda e conversando as coisas da vida. Gosto de ir para ver meus amigos de outras comunidades, lá brincamos e aprendemos muitas coisas lá. os trabalhadores cortar a mandioca, lavavam, rapam, peneiram e torrar a farinha todo mundo faz conversando e trabalhando.

A Casa de Farinhada é considerada um símbolo da resistência camponesa. Os participantes, camponeses, buscam constantemente preservar a tradição da farinhada na comunidade, fortalecendo as práticas econômicas locais e resgatando as tradições populares. Como afirma Silva (2008, p. 112): “Quanto mais ricas e diversificadas as experiências vividas e compartilhadas por um grupo de pessoas vivendo em comunidade, mais rica e complexa será esta “Memória”, ou rememoração”. (Silva, 2008, p. 112.).

Observamos que, o cotidiano dos sujeitos e a imaginação dos participantes despertaram o ato criativo para a construção dos elementos que compõem a instalação. A vontade de aprender e a imaginação foram fundamentais para pensar o que representar. A imaginação afetiva desempenhou um papel importante na criatividade dos sujeitos.

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade de experiências anterior de pessoas por essa experiência constitui o material com que se criam a construção da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para sua imaginação [...]. (Vygotsky, 2018, p. 24).

O processo de criação surge da imaginação das experiências vividas no lugar, o que possibilita encontrar caminhos, para associar os objetos e sujeitos que compõem determinados espaços na comunidade. Esse processo favorece a criação dos elementos que irão compor a instalação. A próxima instalação representa a comunidade dos Oitis, onde foi realizada a prática na comunidade.

Figura 26 - Capela da comunidade dos Oitis



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

No sítio Baixio dos Oitis, os primeiros moradores foram José Manoel e Dona Raimunda, que inicialmente estavam na propriedade do padre Vicente Sóter de Alencar, que, posteriormente, vendeu a propriedade para a família Alencar. “A comunidade de Baixio dos Oitis era uma extensa propriedade do Senhor Pedro Felício Cavalcante [...] Havia matas densas com um riacho correndo água praticamente o ano inteiro e um tanque d’água construído em pedra tosca para servir os moradores e dar água ao gado” (Nobre, 2017, p. 152).

Ao percorrer a comunidade, é perceptível uma economia bastante diversificada, resultante dos cultivos de milho, fava, feijão verde, cajá, mandioca, entre outros. Nos encontros com os sujeitos da comunidade, é comum observar os moradores percorrendo as

estradas com seus meios de transporte, como bicicletas, ou conduzindo animais com materiais destinados à venda.

Figura 27 - Instalação 4: Espaço não formal Chapada dos Oitis



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Ficha Técnica:

Fitas – Faz alusão a Capela por ser espaço de eventos religiosos como missas, novenas, retratando a fé dos moradores da comunidade.

Chapéu de palha – Simboliza o agricultor em suas atividades no campo, nas plantações para subsistência da família.

Fruto de babaçu – Remete ao extrativismo do babaçu, amplamente encontrado na comunidade para produção de óleo.

Óleo de babaçu- produzido na comunidade a partir da extração do babaçu com fins medicinais e fonte extra de renda.

Nesse sentido, as falas dos sujeitos caracterizam a rotina dos moradores e as práticas que acontecem no cotidiano. Eis algumas respostas:

(S7). Aqui na comunidade muitas pessoas trabalham na plantação, tem muito milho, feijão e mandioca. Minha mãe falou que nossa alimentação vem da terra que plantamos. Usei o chapéu na instalação para lembrar o trabalho de muitas famílias daqui dos Oitis. O babaçu é bastante usado e o óleo é uma coisa que vende muito.

(S8). Aprendi bastante às coisas que existe na comunidade pela instalação. Quando é época da novena na comunidade eu gosto muito de participar, reúne muitas pessoas daqui e de outras comunidades para rezar, por isso usei as fitas para lembrar a fé e devoção que sempre acontece aqui.

Nas falas, o pertencimento ao lugar ajudou na imaginação criativa dos participantes. Tanto as vivências, quanto o olhar das crianças sobre o cotidiano favoreceram a elaboração dos elementos. Com isso, podemos compreender que, a prática da instalação auxiliou os participantes a entenderem o contexto do lugar, por meio dos saberes historicamente construídos, que podem ser representados ou ressignificados nos diálogos permanentes da comunidade. Além disso, a experiência também contribuiu para a compreensão das atividades do homem do campo.

Entendemos que a criação vai se articulando com a sensibilidade dos sujeitos. Esse potencial, que eles vão desenvolvendo por meio da relação sensível com o lugar, foi crucial para refletir sobre os elementos presentes no cotidiano dos participantes. A sensibilidade “[...] é uma porta de entrada das sensações. Representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós”. (Ostrower, 2014, p. 12).

Entretanto, usar a criatividade nos espaços não formais, com os sujeitos das comunidades de resistência foi uma experiência nova e desafiadora. Construir os elementos a partir das experiências foi uma tarefa prazerosa. Para Lukács (2009, p. 34) a arte “[...] é uma manifestação particular dessa tendência geral. Ela é uma manifestação individual e social, de modo ao mesmo tempo contraditório e unitário; e, por isto mesmo, é criadora de tipos [...]”.

A arte, sendo uma forma de manifestação social e cultural que o homem tem a capacidade de criar, ao longo do tempo vem contribuindo para a sociedade por meio das expressões e da imaginação humana.

Os sujeitos participam das comemorações que ocorrem nas comunidades sendo: Atrações populares da Casa de Farinha do Baixio do Muquém; As novenas do Santo expedito na Capela da comunidade dos Oitis; Semana do artesão das Fuxiqueiras da Chapada e os movimentos culturais da Casa de Quitéria na sede do Baixio das Palmeiras.

Durante os intervalos das datas comemorativas do Baixio das Palmeiras, aproveitamos o território criativo do Gesso, para apreciar com os sujeitos as experiências das Instalações pedagógicas. Pensamos nesse espaço, pois sou filiado ao coletivo Camarada, com participação ativa nos movimentos sociais e culturais nessa comunidade. Bem como, venho articulando escolas com a comunidade do Gesso por meio de ações pedagógicas. A seguir, para complemento do processo criativo em comunidades, abordaremos uma experiência criativa na comunidade do Gesso, que ocorreu durante as datas festivas e comemorações do Baixio das Palmeiras.

4.7 Instalação Pedagógica no espaço não formal da comunidade do Gesso

Durante o percurso pela comunidade do Baixo das Palmeiras, realizamos uma experiência na comunidade do Gesso com sujeitos que participavam de um curso de música, em um espaço não formal do território. O local desenvolve diversas atividades, entre elas cursos de música, projetos de renda comunitária e outras iniciativas.

A Comunidade do Gesso está localizada na cidade do Crato, no estado do Ceará, Brasil. Situada na zona urbana, encontra-se entre os bairros Centro, Pinto Madeira, Santa Luzia, Palmeiral e São Miguel. Essa área é delimitada pela linha férrea, que historicamente desempenhou um papel significativo na formação e identidade da comunidade.

Figura 28 - Território criativo do Gesso



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

O nome “Gesso”. deriva de um antigo depósito de gipsita (matéria-prima do gesso) que existia no local. Nas primeiras décadas do século XX,, pedras de gipsita eram transportadas de Santana do Cariri para esse depósito, de onde seguiam de trem para

Fortaleza. Esse processo industrial atraiu trabalhadores e contribuiu para o desenvolvimento da comunidade.

A comunidade aborda espaços de diálogos que estão presentes na comunidade e apresentação artística no território. O território adota como tática política a construção de uma narrativa própria sobre a Comunidade do Gesso, fortalecendo o sentimento de pertencimento e dando visibilidade à potência criativa das ações desenvolvidas no local. Essa estratégia reafirma o território não apenas como espaço físico, mas como lugar simbólico de resistência, memória e produção cultural.

De acordo com Pereira e Silva (2024, p. 5). Relata que, a dimensão do território Criativo do Gesso:

[...] é importante para redimensionar a sua potência, enquanto possibilidade de construção de narrativa e de desenvolvimento. Em um rápido mapeamento, podemos constatar que o Território é composto por uma diversidade de organizações da sociedade civil e do poder público que atuam em diversos campos, em especial na cultura, educação, saúde, assistência social, esporte e lazer, além de empreendimentos e os serviços que movimentam a economia a local. (Pereira; Silva, 2024, p. 5).

No território dessa comunidade é frequente a leitura de poesias e cordéis. A leitura do cordel nas comunidades representa muito mais do que o simples acesso à literatura. Ela é, sobretudo, uma forma de preservar e valorizar a cultura popular, fortalecendo as raízes identitárias de um povo.

Produzido em linguagem acessível, rimada e marcada pela oralidade, o cordel expressa as vivências, os saberes, as lutas e os sentimentos do povo, tornando-se uma poderosa ferramenta de comunicação e educação. Possui forte contribuição para a formação crítica dos indivíduos, por meio da abordagem de temas sociais, políticos e educativos, nessa perspectiva acarreta no fortalecimento da identidade cultural do povo e pode promover o protagonismo das comunidades na construção do saber.

Um dos cordelistas e morador da comunidade do Gesso Suelanho Alencar, apresenta em seus versos as “Maravilhas do Gesso” em sua poesia, descreve o valor de pertencimento e afetividade com o lugar, como também as maravilhas do lugar que tem a oferecer.

Vou contar em poucos versos,	É que moro no endereço,
Com muita propriedade,	Cognominado Gesso,
O porquê do meu viver	A minha comunidade.
Cheio de felicidade.	

Foi onde eu me criei,
 Isso aqui é minha cara.
 Pedaco de terra místico,
 Diferente, coisa rara.
 Sair d'onde sou feliz?
 Digo como o Rei Luiz:
 Só no último pau de arara!

Aqui tem o que eu preciso,
 Viver aqui é um prazer,
 Usufruo dos meus direitos,
 Cumpro com o meu dever,
 Melhor lugar, desconheço!
 Das maravilhas do Gesso,
 Algumas vou descrever:

Aqui é perto de tudo.
 É lugar hospitaleiro.
 Do centro desta cidade,
 O Gesso é o terreiro.
 Além de tudo, tem mais:
 Manifestações culturais,
 De janeiro a janeiro.

Para quem gosta de folia
 De Momo tradicional,
 Com marchinha, frevo e samba,
 Coisa mais original,
 Bem-vindo ao agito
 Do Bloco Primeiro Grito,
 O autêntico carnaval!

Tem o festejo de Judas,
 Divertida malhação,
 Que tem mais de quatro décadas,

E já virou tradição.
 Tem “jogo das bichas” na lama,
 Que conquistou muita fama.
 É grande a repercussão!

Junho é do quadrilheiro,
 Que se enche de paixão,
 Nessa época do ano,
 Bate forte o coração,
 Comemorando o folgado
 Oferecido a “São Pêdo,
 Santo Ontôin e São João”!
 Paraíso dos Caipiras
 Está sempre em ação,
 Há mais de trinta anos,
 Com estilo e tradição,
 Divulgando a comunidade
 Nos quatro cantos da cidade,
 A cada apresentação.

A religião, a fé,
 Desfazem -se a cada dia.
 Mas nesta comunidade,
 Reza-se com alegria.
 Em dezembro, é tradição,
 Trezena e procissão
 À virgem Santa Luzia.

Depois de tantos festejos,
 O ano chega ao final.
 E para fechar com maestria
 Nosso ciclo cultural,
 Curta com muita alegria
 O Pastoril Dona Luzia,
 Comemorando o Natal!

As dificuldades daqui
 São riscadas com alegria.
 A obra de cada artista
 Vem num toque de magia.
 Cantores, compositores,
 Grandes poetas e pintores
 Espalham essa energia.
 Após décadas de espera,
 De sonhos, de ambição,
 Tivemos uma vitória,
 Grande realização:
 Conquista que não tem preço,
 Quadra de esportes, do Gesso,
 Um bem da população!
 Cumpre o Projeto Nova Vida,
 O seu dever social,
 Revolucionando e mudando
 O estigma de um local,
 Oferecendo educação,
 Onde era perdição,
 Fez o bem vencer o mal.
 Tem o Coletivo Camaradas,
 Notável organização,
 Dos movimentos culturais,
 Da conscientização,
 Das cobranças ao poder,
 Políticas públicas exercer,
 Em prol da população.

 O Gesso mais limpo e verde,
 É um glorioso sinal
 De que está florescendo,
 Muda comportamental
 Da nossa comunidade,

Dando exemplo à cidade,
 De consciência ambiental.

 Que beleza é um sítio urbano!
 Pois, aqui no Gesso tem.
 Esverdeando as margens
 Da linha férrea do trem,
 Oferecendo frutos, flores,
 Sombras, mistura de cores,
 Mezinhas, curas também.

 O nosso lindo território
 É de oratórios, também.
 Em nome da fé do povo,
 Imagens transmitem o bem.
 Locais de mato, carrapicho,
 Onde se jogava lixo,
 Devotos rezam, amém!

 E brotou uma nova flor
 Neste solo seminal,
 Para ajudar a difundir
 A cultural regional.
 Inscreva-se já, aqui,
 Acesse o Fulô Du Piqui,
 Nosso canal cultural.

 Tem o Paraíso dos Caipiras,
 Nosso ponto cultural,
 Dos saberes e fazeres
 Da cultura regional,
 Dos folguedos natalinos,
 Aos festejos juninos,
 Dos cordéis ao carnaval.

Museu e Escola de Artes
Com ações que não têm preço,
Desenvolve um trabalho
Por qual se tem muito apreço.

Colorindo as paisagens,
Pintando telhas, imagens,
Arte de gesso, no Gesso.

O nosso rico território
Mais rico está, com razão.

O Terreiro do Roxinha
De novo está em ação.

O Gesso deu mais um passo
Revitalizando um espaço
De cultura e oração.

Artistas nos quatro cantos,
Artes, em diversidade,
É um berço cultural
Este canto da cidade,

Que responde ao preconceito
De quem faz algum desfeito
A nossa comunidade.

Mas a maior das maravilhas
Que há na comunidade,
Com certeza é o seu povo,
A sua simplicidade,
O seu jeito hospitaleiro,
Que vale mais que dinheiro,
É riqueza de verdade.

Vocês que moram distantes,
Venham sempre visitar
Este pedaço de terra,
Que é o nosso lugar.
Verão que não falo à toa,
Temos tanta coisa boa,
Só vendo para acreditar.

Antes de iniciar a experiência na comunidade, foi fundamental estabelecer um contato prévio com o líder do Coletivo Camaradas, Alexandre, que teve um papel importante na indicação do espaço não formal e na apresentação dos sujeitos da comunidade. O espaço é um anexo do Projeto Nova Vida, localizado no território do Gesso.

Tive alguns encontros prévios com a organização do Projeto Nova Vida, para dialogar e apresentar o termo de livre consentimento da pesquisa. Após essa etapa, fui conhecer o espaço e os participantes. Ao todo, participaram 10 sujeitos, todos da comunidade, com faixa etária entre 9 a 12 anos. Iniciei o diálogo sobre a metodologia da instalação e perguntei se conheciam o conceito. Todos estranharam o termo 'instalação pedagógica', pois nunca tinham ouvido falar dele.

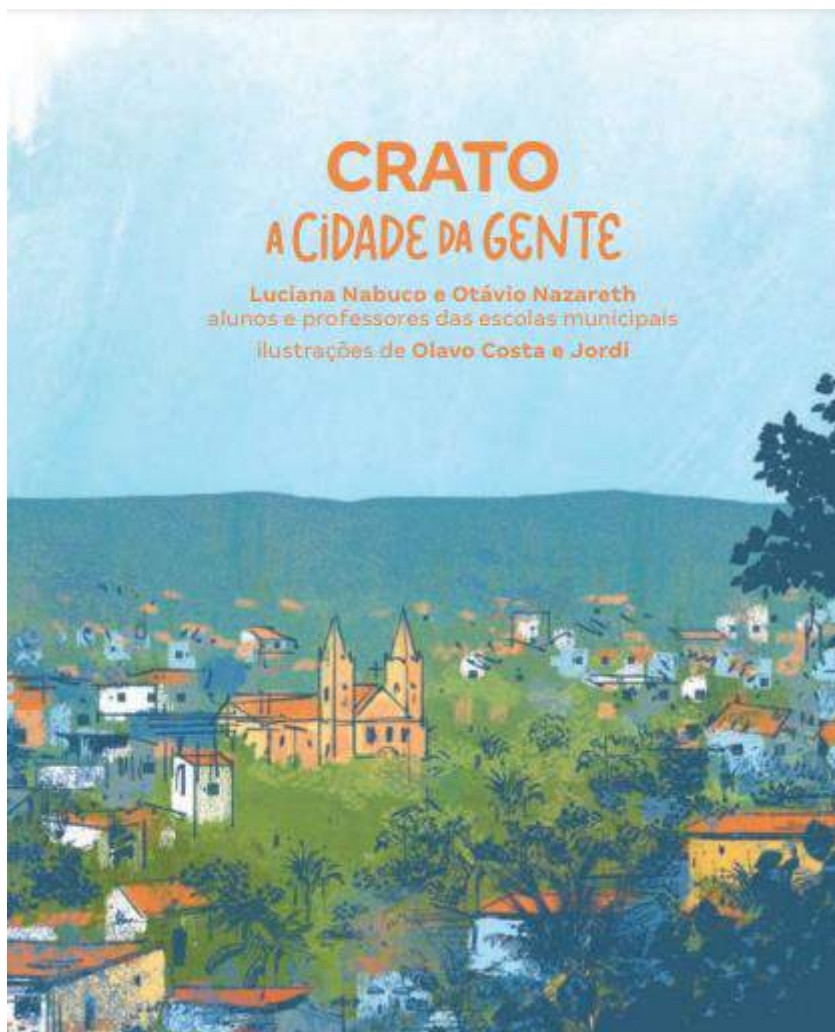
Em seguida, iniciei o momento de apresentação por meio de uma roda de conversa, para que todos pudessem se conhecer. Posteriormente, apresentei a metodologia por meio de um *slide*. Em seguida, lancei o desafio de participação na prática e todos demonstraram

determinação em participar. Diante disso, fiz as seguintes indagações: Vocês conhecem alguma cultura da comunidade? Sabem o nome de algum mestre da cultura? O que conhecem?

Com base nas indagações, foi perceptível que os participantes já conheciam alguns movimentos culturais, que ocorreram na quadra do Gesso, como reisado, lapinha, maneiro pau, entre outros. Para possibilitar uma melhor compreensão sobre a cultura local e o lugar, um dos participantes relatou a existência de um livro disponível na escola da comunidade.

Através do contato com a diretora da Escola Dom Quintino, localizada próximo à comunidade, agendei uma visita à unidade escolar. No dia marcado, ela me mostrou o livro presente na biblioteca da escola. O exemplar chama-se *Crato, a cidade da gente*²⁵.

Figura 29 - Livro utilizado pelo pesquisador



Fonte: <https://acidadedagente.com.br/livros>.

²⁵ Livro: https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1vxUbWiZA07Nf4js-S_F4pZzX9y0-2zAO

Antes de explicar como ocorreram os encontros e as leituras, consideramos pertinente, apresentar o livro adotado pelo município de Crato. A produção do livro conta com a parceria da Ambiental Crato e da Secretaria de Educação. Esse recurso didático tem incentivado as empresas do Grupo Aegea a produzir, com os estudantes, histórias sobre o lugar, as culturas locais e os patrimônios materiais e imateriais presentes no território da cidade.

Ama-se, compreende-se, cuida-se do que se conhece. Assim, conhecer o lugar onde vivemos e suas características geográficas, históricas, culturais e sociais nos ajuda a compreender o nosso espaço, bem como nos impulsiona a contribuir com ações propositivas e transformadoras. (Nabuco *et al.* 2023, p. 4).

Por meio da leitura, podemos conhecer as culturas presentes nos territórios da cidade de Crato, principalmente para valorizar suas histórias e os patrimônios que estão presentes nos espaços da cidade. O exemplar aborda diversas temáticas sobre os personagens e lugares do município, sendo:

Chapada do Araripe;
Sítio Fundão;
Rio Batateiras;
Açude Umari!
Festa de São Sebastião;
Caldeirão do Beato José Lourenço;
Monumento A Nossa Senhora;
Praça Siqueira Campos!
Expocrato, Solibel – Sociedade Lírica e Belmonte;
Mestres da Cultura;
Mestre Elói Teles De Moraes;
Fátima Correia;
Academia de Cordelistas do Crato;
Museu Luiz Gonzaga;

Quando apresentei o livro aos sujeitos da pesquisa, foi perceptível a curiosidade e o interesse pela leitura. Como não havia livros para todos, pensamos na distribuição de cópias

desse material. Assim, as temáticas foram distribuídas para que os participantes realizassem as leituras.

Para articular as ações na comunidade, foram realizados encontros e diálogos com o representante do espaço. Um planejamento foi feito para se adequar aos horários das aulas dos participantes, a fim de organizar e definir os caminhos para a realização da metodologia.

O planejamento foi essencial, para que a instalação na comunidade do Gesso ocorresse conforme o previsto. A seguir, será apresentado o quadro com a sequência descritiva para a realização da instalação na comunidade do Gesso. Ao longo dos encontros, os participantes foram aprendendo por meio da pesquisa e dialogando sobre pontos em que o exemplar destacava algo curioso sobre a cidade de Crato.

Quadro representativo II: Sequência descritiva das atividades na comunidade

Data	Percursos Criativos na comunidade
24/07/2024	• Encontro com o representante do Coletivo Camarada (Gesso) • Encontro para pensar os percursos criativos;
07/08/2024	• Apresentação do pesquisador na comunidade; • Apresentação da metodologia aos sujeitos da pesquisa;
14/08/2024	• Iniciado o percurso: Leitura do livro “Crato a cidade da gente”
21/08/2024	• Compartilhando as ideias para pensar os elementos (signos e símbolos)
11/09/2024	• Socializando as novas descobertas através da Instalação sobre a cidade do Crato.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

O cronograma acima, apresenta a sequência descritiva das atividades realizadas na comunidade do Gesso. Foram realizados cinco encontros, todos nas quartas-feiras, devido ao horário em que os participantes estavam no curso de música. Vale destacar que, o professor de música contribuiu para a disponibilidade e flexibilidade dos encontros.

Com o material em mãos, exploramos o exemplar *Crato, a cidade da gente*. Percebemos que ele é altamente ilustrativo, possui uma leitura acessível e tem uma estrutura compacta em relação ao número de páginas. Foi sugerido que entregássemos o material antecipadamente, para que os participantes pudessem ler com mais atenção e observar as imagens que o livro contém sobre o município. Também foi sugerida a divisão dos tópicos do livro entre os participantes.

Com o material em mãos antecipadamente, os participantes conseguiram realizar a leitura prévia, o que possibilitou que os debates fluíssem melhor, favorecendo a relação entre a história da cidade e o lugar de vivência. Sempre buscamos organizar o grupo, com os

participantes mais velhos ajudando os mais jovens. Vale ressaltar que, o material apresenta personagens marcantes, características ambientais e a cultura local da cidade de Crato.

A cidade é considerada um espaço de socialização dos indivíduos, onde ocorre o conhecimento informal, construído cultural e socialmente. Nas cidades educadoras, os saberes construídos socialmente, possibilitam aos sujeitos o reconhecimento de sua cultura, identidade e a capacidade de dialogar sobre os fatores presentes na cidade, no bairro ou na comunidade.

Aliando esse pensamento,

[...] A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, mas pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A cidade somos nós e nós somos a cidade. (Gadotti, 2006, p. 136).

Assim, o nosso objetivo é refletir, a partir da prática das Instalações Pedagógicas, o entendimento e a reflexão dos sujeitos sobre a cidade de Crato, por meio do exemplar, que aborda os pontos culturais do município. No dia da apresentação, percebemos que os grupos estavam se organizando na quadra da comunidade e ensaiando suas falas para a apresentação ao público.

Os materiais usados na Instalação foram elementos que os participantes conseguiram representar com base nas leituras. Cada instalação representava uma parte do capítulo do livro que fala sobre a cidade de Crato. A prática mostrou caminhos para que o conhecimento social fosse adquirido pelas experiências de vida, assim como, os materiais foram compreendidos pelas pessoas que visitaram as exposições dos participantes.

A base faz alusão a uma bacia de água, que simboliza a Bacia do Araripe, devido ao seu relevo (o formato da terra), lembrar uma bacia e à quantidade de água armazenada no subsolo. Assim, para ilustrar esse processo associativo, temos nas Figuras 29, 30, 31, 32 e 33 as instalações e a representação de cada associação.

Figura 30 - Instalação Pedagógica na comunidade do Gesso



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Ficha Técnica:

A folha: usados para representar os poemas do Elói Teles de Moraes

O rádio: remete a profissão de radialista do Mestre Elói, conhecido como “Coisas do Meu Sertão”.

A caneta: é usada para lembrar a criação das poesias.

Nesse contexto da cidade, a produção do espaço nos faz compreender a construção e a dinâmica da vida humana, as suas atividades reais que são desenvolvidas. De acordo com Carlos (2018, p. 25) “[...] Portanto, a noção de produção contempla também um duplo caráter: ela se refere ao próprio processo constitutivo do humano (enquanto ser genético) e ter um caráter histórico [...]”.

Vale ressaltar que, esse tipo de educação poderá ocorrer tanto nos espaços urbanos quanto nos rurais.

A cidade educadora é uma com identidade. Uma cidade cujo propósito de gestão está centrado na articulação intensa entre os processos de reconhecimentos internos de seus moradores com os aspectos culturais e simbólicos que os caracterizam como tais [...]. (Toledo, 2004, p. 31).

A cidade por ser um espaço de identidade, é um reflexo da sociedade a qual os sujeitos habitam, vem sendo um espaço da informalidade, o qual a educação acontece nas relações materiais e imateriais. Para Toledo (2004, p. 33) “[...] A Cidade Educadora deve construir a organização social e abrir espaços de participação, garantindo o exercício da

cidadania. Contudo, essa tarefa implica enfrentar a contradição entre a inclusão e exclusão inerente à cidade - seja ela educadora ou não [...]”.

Figura 31 - Apresentação da Instalação Pedagógica



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

A cidade educa para diversas possibilidades de socialização humana, principalmente com relação aos problemas existentes no mundo atual. A cidade vem sendo um espaço cultural e educacional, favorecendo um cenário de aprendizagem aos sujeitos. “A cidade é um pedaço de conjunto social; revela porque as contém e incorpora na matéria do sensível, as instituições, as ideologias [...]” (Lefebvre, 2001, p. 66.).

A educação começa a se expandir nas organizações sociais, nos territórios e nas cidades educadoras. As cidades educadoras têm a intencionalidade de conhecer e reconhecer os saberes informais dos sujeitos. Os saberes informais são processos que “[...] dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem e acumulam conhecimento, habilidade, atitude e modos de discernimento por meio das experiências diárias e de sua relação com o meio” (Trilla, 2008, p. 33.).

Figura 32- Símbolos de signos da Instalação Pedagógica



Fonte: Capturada pelo autor (2025).

Ficha Técnica:

Brinquedos: simboliza os parques que estão distribuídos na Expocrato.

A nota de dinheiro: remete a questão econômica que ocorre Expocrato, sendo as vendas nas lojas.

Arroz/Feijão: Para lembrar as barracas de comidas que estão dentro da Exposição do Crato.

Microfone: É usado para representar as festas, ou seja, as áreas de show.

A pesquisa, possibilitou desenvolver uma bagagem teórica sobre o assunto pesquisado, que foi a comunidade por meio da leitura de mundo. Também deu suporte na construção dos elementos para ficar na base da instalação, como também contribui para a leitura, criatividade e a curiosidade. Com relação a “teias de ideais” foi o momento de socialização da produção dos desenhos, que representavam os elementos que compõem as comunidades.

Trabalhar com a metodologia da IP nos espaços não formais, tem a finalidade de refletir as questões voltadas sobre as experiências vividas no cotidiano, através dos relatos de vida e temas sociais que estão nos cotidianos das pessoas. Essa proposta por IP no espaço não formal vem buscando um novo olhar pedagógico, podendo avaliar a partir da arte e a criatividade nesses ambientes.

Figura 33 - Momento das trocas de experiências na comunidade



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

A partir da percepção de que o espaço geográfico é produzido pelo homem e que a história da arte traz contribuições para o desenvolvimento da humanidade, esse desenvolvimento apresenta-se no espaço geográfico, como também, no conjunto de outras disciplinas dos saberes — que se constitui importante para incrementar o conhecimento dos discentes (Ribeiro, 2016, p. 50).

Abordar as IP nesses espaços contempla ao mesmo tempo, questões do processo formativo do educador, pode possibilitar um significativo impacto profissional, colaborando com práticas mais eficazes nos espaços não formais, gerando a criatividade e a arte na produção de outros materiais significativos nestes ambientes através dessa metodologia.

Essa pesquisa envolveu aspectos da realidade, favorecendo a aprendizagem dos sujeitos durante as práticas significativas. Para Soares (2001, p. 51) “[...] o educador e o educando devem estar relacionados, buscar uma compreensão de si e da realidade como algo concreto, que é criado e recriado no cotidiano [...]”.

A pesquisa sobre essas as práticas das IP nos âmbitos não formais, foram caminhos para discutir possibilidades e potencialidades, que a sociedade tem a desenvolver pelos relatos

das memórias, vida através da proposta artística na comunidade, partindo da problematização de assuntos que estão no cotidiano, trazendo temas relevantes para o conhecimento a partir das significações presentes na realidade dos sujeitos através da materialização da IP.

Figura 34 - Apresentação da Instalação Pedagógica para os estudantes



Fonte: Capturada pelo autor (2024).

Diante desse processo, devemos reconhecer as experiências do cotidiano dos sujeitos e assegurar que, “o conhecimento prévio dos *sujeitos* precisa ser identificado e explorado para despertar o interesse deles por temas sobre os quais já têm certa noção e também, ampliar certos conhecimentos com base em novas ideias e relações” (Alves, 2018, p. 35). (Grifos nossos).

A IP é uma poderosa ferramenta educacional que alia arte, cultura e aprendizado, promovendo um ensino mais dinâmico e significativo. Quando essa prática é aplicada em comunidades culturais, como as do Gesso e do Baixio dos Palmeiras, ela se torna um meio essencial para fortalecer a identidade local, resgatar memórias coletivas e estimular a participação ativa dos moradores no processo educativo.

A pesquisa evidencia que as práticas das IPs podem promover uma aprendizagem mais contextualizada, pois permitem que o conhecimento seja construído a partir das

vivências da comunidade. Em vez de um ensino apenas teórico, os participantes aprendem por meio da experimentação, da observação e da interação com elementos culturais próximos à sua realidade, como defendem Paulo Freire e Lev Vygotsky.

Essa metodologia, desempenha um papel essencial ao conectar a cultura local com a educação, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo. Ao integrar a comunidade nesse processo, fortalece-se o vínculo entre conhecimento, identidade e participação social, ampliando as possibilidades de transformação tanto no âmbito educacional quanto cultural.

Além disso, essa prática incentiva o engajamento e a participação, comunitária no processo escolar. Dessa forma, os sujeitos dessas comunidades se tornam protagonistas, compartilhando saberes e experiências, que enriquecem tanto a aprendizagem individual quanto a coletiva. Também há o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, pois os participantes são estimulados à reflexão, relacionando os conteúdos aprendidos com sua realidade.

Portanto, as IPs têm o potencial de fortalecer a identidade cultural das comunidades, valorizando a cultura local ao transformar aspectos da história, da arte e das tradições em experiências educativas. Isso contribui para a preservação da memória coletiva e reforça o sentimento de pertencimento.

Em suma, percebemos que a IP nas comunidades despertou a atenção dos participantes e do público, que acompanhou a apresentação dos sujeitos e convida a pensar sobre um olhar mais diretivo, criativo e reflexivo em termos das práticas metodológicas nas escolas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, teve como objetivo, investigar a aplicabilidade da metodologia da Instalação Pedagógica em espaços não formais, analisando seu potencial como ferramenta de reflexão, sobre o lugar e o cotidiano dos sujeitos da comunidade do Baixio das Palmeiras e do Gesso. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada no método da pesquisa-ação, utilizando a metodologia mencionada.

Vale destacar, que essa abordagem foi relevante, para estimular o processo criativo, pois permitiu que os sujeitos materializassem os signos e símbolos presentes em seu cotidiano, favorecendo a associação desses elementos ao conhecimento. Os passos metodológicos seguiram a seguinte sequência: definição do conteúdo ou temática, realização da pesquisa, diálogos para produção de textos, idealização dos signos e símbolos, a partir dos debates na teia de ideias, montagem e exposição da instalação na comunidade, e, por fim, o relato das experiências vivenciadas.

A pesquisa possibilitou um conhecimento mais aprofundado sobre os sujeitos e os espaços das comunidades de resistência no Baixio das Palmeiras. Nesses ambientes, foi perceptível a preservação das tradições culturais, transmitidas por meio de relatos, memórias e costumes. Dentre essas manifestações, destacam-se o artesanato do fuxico, o museu vivo da Casa de Quitéria, a tradição da farinhada, a religiosidade local e os saberes ancestrais que permeiam os territórios comunitários.

Os participantes da pesquisa, relataram não conhecer previamente a prática da Instalação Pedagógica na comunidade. Diante disso, foram empregadas ações lúdicas para apoiar a metodologia, o que enriqueceu o percurso criativo dos sujeitos ao longo da investigação. Os relatos evidenciam que, essa abordagem proporcionou reflexões sobre o lugar como espaço de vida e socialização de saberes informais, compartilhados no cotidiano por meio do diálogo, da cultura popular e das experiências no trabalho rural.

O planejamento teve como suporte, uma fundamentação teórica voltada para a leitura de cordéis e a organização de percursos pedagógicos. A experiência exitosa das oficinas na comunidade, reforçou a importância dessa abordagem. O uso do cordel foi uma estratégia eficaz para ajudar os jovens a resgatar a história do lugar, facilitando a estruturação do planejamento das oficinas ao longo da pesquisa.

A construção dos desenhos, incentivou os participantes a usar a imaginação e refletir sobre a realidade das comunidades. Por meio da criatividade, conseguiram representar elementos do cotidiano, materializando as temáticas abordadas na Instalação Pedagógica.

Essa metodologia, estimulou a memória sobre o lugar e favoreceu a troca de experiências entre os envolvidos, contribuindo para o entendimento da cultura e da história local. Os conhecimentos evidenciados nessa pesquisa, muitas vezes marginalizados, são fundamentais para fortalecer o saber popular, que frequentemente é silenciado por um modelo capitalista, que desvaloriza os saberes informais e as culturas tradicionais. No entanto, tais conhecimentos não devem ser negados, mas sim socializados.

Concordamos com Arroyo (2014, p. 83), que afirma: “Um aprendizado dos coletivos populares, dos trabalhadores é que todo processo educativo, formal ou informal, não pode ignorar, mas tem de incorporar as formas concretas de socialização, de aprendizado, de formação e deformação que estão submetidos os educandos. Têm de partir dos processos de produção de sua existência, do seu viver [...]”.

Na comunidade do Gesso, os materiais utilizados na instalação foram escolhidos pelos participantes, com base em suas interpretações das leituras do livro sobre o Crato. Nesse contexto, cada instalação representava um capítulo da obra que retrata a cidade. Essa prática permitiu que, o conhecimento social fosse adquirido por meio das experiências de vida dos participantes. Vale destacar que, os materiais expostos foram bem compreendidos pelos visitantes das exposições realizadas na quadra da comunidade.

Acreditamos que, os saberes ultrapassam os limites da sala de aula e estão presentes no modo de vida dos sujeitos, nos espaços não formais existentes na comunidade. Destacamos que as modalidades de educação formal, não formal e informal, são complementares e devem ser consideradas de maneira integrada no processo de construção do conhecimento. Não se trata de sobrepor um saber ao outro, mas de reconhecer e valorizar os diferentes conhecimentos que emergem da vida cotidiana e das relações sociais.

Os achados da pesquisa evidenciam que, a temática abordada, possibilitou um movimento dialético entre a criatividade e a Instalação Pedagógica em espaços não formais de ensino. Observamos que, a memória coletiva de um povo é continuamente resgatada pelas gerações e que práticas como a instalação, contribui para a valorização e preservação da história cultural e social da comunidade.

Além disso, a pesquisa demonstrou que, é possível investir no aperfeiçoamento de práticas educacionais em ambientes não formais, promovendo uma educação que problematize a realidade dos sujeitos, a partir dos desafios sociais da comunidade. Dessa

forma, evidencia-se que há múltiplas possibilidades de construção do conhecimento em diferentes espaços e com diversos sujeitos.

A educação, historicamente, tem sido permeada por relações de poder e, em muitos momentos, utilizada como instrumento de controle sobre as populações, inclusive no contexto do trabalho escravizado. No entanto, ela pode assumir um caráter transformador quando os sujeitos reafirmam e potencializam seus costumes e modos de vida presentes nos territórios. No Baixio das Palmeiras, observamos que, os saberes informais, estão em constante (re)criação dentro das comunidades de resistência, manifestando-se de diversas formas.

A experiência vivenciada nas comunidades, demonstrou-se satisfatória, evidenciando que os saberes são transmitidos no cotidiano e enriquecem as tradições culturais dos sujeitos. Os conhecimentos presentes nas comunidades subalternas merecem maior atenção e debate, pois representam formas legítimas de aprendizado e resistência. Como afirmava Paulo Freire, os saberes estão inseridos na sociedade e emergem do cotidiano, reafirmando a importância da educação popular como meio de fortalecimento da cultura e da identidade comunitária.

Como resultado dessa pesquisa, foi desenvolvido um produto educacional: a arte do cordel. Esse material tem a finalidade de registrar o processo criativo, desde sua criação até a exposição das instalações e proporcionou uma forma de registrar as narrativas e histórias dos sujeitos que vivem nesses espaços.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed., São Paulo: Cortez, 2011.

ALEXANDRE, Diego Leite. **Instalações geográficas e sua aplicabilidade em escolas da rede básica de ensino na Região do Cariri - Ceará**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 13 de novembro de 2019.

ALVES, Alceli Ribeiro; BRANDENBURG, Elena Justen. **Cidades educadoras: um olhar acerca da cidade que educa**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2018.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3 ed., rev. ampl., São Paulo: Moderna, 2006.

ARROYO, Miguel. G. **Currículo território em disputa**. 5 ed., Petrópolis: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

BACKES, Dirce Stein *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: 2011. P. 438-442.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRITO, Anderson Camargo Rodrigues. **Águas para que(m): grandes obras hídricas e conflitos territoriais no Ceará**. 1 ed., Curitiba: CRV, 2016.

CANDALES, Lola, MARIÑO, Germán. **Educação não-formal e educação popular: para uma pedagogia de diálogo cultural**. Ed. Loyoa, São Paulo, Brasil, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri *et. al.* **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2018.

CASTELLAR, S. M. V. **Mudanças na prática docente: a aprendizagem em espaços não formais**. Livro itinerários geográficos en la escuela: lecturas desde la virtualidad. Organizadores: Nubia Moreno Lache; Mario Fernando Hurtado Beltrán. Geopaideia: Colômbia. 2010. 340p. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/15.pdf> . Acesso em: 20 de março de 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de Geografia e demandas contemporâneas: práticas e formação docentes. In: ALVES, Adriana Olivia; KHAOULE, Anna Maria Kovacs (Orgs.). **A Geografia no cenário das políticas públicas educacionais**. Goiânia: C&A Alfa & Comunicação, 2017.

CARIRY, Rosemberg. Cariri: a nação das utopias. In: CAVALCANTE, M; QUEIROZ, Z.; JÚNIOR, R.; ARAUJO, J. (Orgs.). **História da educação - vitrais da educação**: lugares, imagens e práticas culturais. 1 ed., Fortaleza: Edições UFC, 2008. P 364 - 399.

FERREIRA, Arthur Vianna, SIRINO, Marcio Bernardino, MOTA, Patrícia Flávia (Orgs.). **A discussão dos conceitos de educação formal, não formal e informal e suas organizações nas estruturas sociais brasileiras**. 1 ed., Jundiaí, Palco Editorial: 2020.

FERREIRA, L. S. A pesquisa educacional no Brasil: tendência e perspectiva. **Contrapontos**, Itajaí, 2009. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/974>. Acesso em 13 jun. 2024.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 03, p. 483-502. set./dez. 2005. Disponível em: <http://goo.gl/mBbgRd>. Acesso em 04 dez. 2023. ISSN 1678-4634.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 48 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim, tia, não**. 31 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 31 ed., São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção questões da nossa época, v. 9).

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec**: Educação, Cultura e Ação Comunitária, São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Claudio Ubiratan. **Geografias comunitárias no Cariri cearense**: ética, capitalismo e trabalho. Vitória: Causa, 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5 ed., Coleção Questões de Nossa Época, v. 26, São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória (Orgs). **Educação não formal no campo das artes**. 1 ed., Coleção Questões de Nossa Época, v. 57. São Paulo: Cortez, 2015.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Pereira. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEFEBVRE, Henri. **O direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Flavia Fernanda de *et al.* **Geopark Araripe**: histórias da terra, do meio ambiente e da cultura. Ceará: Governo do Estado, 2012. Disponível em: <http://geoparkararipe.urca.br/wp-content/uploads/2019/11/LIVRO-GEOPARK-ARARIPE-compactado.pdf>. Acesso em 25 ago. 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed., São Paulo: Cortez Editora, 2013.

MARANDINO, Martha. **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: Geenf / FEUSP, 2008.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Rev. Bras. Ci. Soc.** [online], vol. 32, n. 94, e329402. Epub June 22, 2017.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NABUCO, Luciana; NAZARETH, Otávio. **Crato**: a cidade da gente. São Paulo: Olhares, 2023.

NOBRE, Francisco Wlirian. **Baixio das Palmeiras**: apontamentos geográficos, culturais e historiográficos. Juazeiro do Norte: BSG, 2015. P. 164.

NOBRE, Francisco Wlirian. **Os efeitos do Cinturão das Águas do Ceará - CAC no distrito de Baixio das Palmeiras, Crato - CE**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável) - Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed., Petrópolis: Vozes, 2014.

PEREIRA, Érika Lizandra Alencar. SILVA, Alexandre Lucas. **Mapeamento de organizações da sociedade civil e órgãos públicos no território criativo do gesso**. Juazeiro do Norte: UFCA, 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. 5 ed., São Paulo: Cortez, 2014.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: FWA, 2009.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. Trad. de José Severo de Camargo Pereira. 18 ed., São Paulo: Cortez, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed., Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. P. 117-142.

REIS, Diego dos Santos. A colonialidade do saber: perspectivas decoloniais para repensar a univers(al)idade. Departamento de Fundamentação da Educação, João Pessoa, **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, e240967, 2022.

RIBEIRO, Emerson. **A arte e a criatividade em geografia**. Práticas pedagógicas em instalações geográficas. Crato: Universidade Regional do Cariri - URCA, 2016.

RIBEIRO, Emerson. Itinerário epistemológico - os signos e símbolos por associação para o processo de conhecimento em instalações geográficas/pedagógicas. In: TELES, G. A. *et al.* (Org.) **Ensino e formação de professores de geografia**: experiências no semiárido Brasileiro e em Portugal, n. 2©, Sobral, Sertão Cult, 2020.

RIBEIRO, Emerson. **Processos criativos em geografia**: Metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - FFLCH / USP, São Paulo, 2014.

RIBEIRO, Emerson (Org.). **Processos criativos em instalações geográficas e pedagógicas**. Sobral: Sertão Cult, 2023.

ROCHA, M. I. A., & MARTINS, M. F. A. Tempo escola e tempo comunidade: territórios educativos na educação do campo. In: ROCHA, M. I. A., MARTINS, M. F. A., & MARTINS, A. A. (Orgs): **Territórios educativos na educação do campo**: escola, comunidade e movimentos sociais. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Alexandre Ribeiro. **Instalações geográficas**: uma contribuição ao ensino e a aprendizagem de geografia para alunos com deficiência visual. Dissertação (Mestrado profissional em Educação) - Universidade Regional do Cariri - URCA, Crato - CE, 2019. 97p.

SILVA, R. (Org.). **Cultura popular e educação**: salto para o futuro. 1 ed., Brasília; 2008.

SIEVERS, Juliele Maria. SILVA, Érick Santos da. Os atravessamentos entre a necropolítica e o pacto narcísico da branquitude. **Revista Ideação**, Foz do Iguaçu, v. 1. n. 47, jan./jun. 2023.

SILVA, Izabel Cristina da. **Volta ao mundo com livros paradidáticos**: avaliação construtiva da aprendizagem a partir das instalações geográficas, 2022. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Educação**: a revolução necessária. 3 ed., Petrópolis: Vozes, 1992.

TOLEDO, Leslie; FLORES, Maria Luiza R. E.; CANZATTI, Marli (Orgs.). **Cidade educadora**: a experiência de Porto Alegre. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia pesquisa-ação**. 18 ed., São Paulo: Cortez, 2011.

TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal**: pontos e contrapontos. Valéria Amorim Arantes (Org.). São Paulo: Summus, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação**. 14 ed., São Paulo: Libertad, 2014. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad, v. 1).

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. **Imaginação e criação na infância**. Trad. de Zoia Preste. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Ed. Expressão. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões (Org.). **Educação não formal**: campos de atuação. Jundiaí, Paco Editorial: 2013. 208p.

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. P. 140-143.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir após ter iniciado a entrevista. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou dos métodos utilizados, pode procurar Carlos Jefferson Gomes da Silva e por Emerson Ribeiro na Universidade Regional do Cariri (URCA), situada na Rua Coronel Antônio Luiz, 1068, Campus Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1291, Crato/CE ou pelo e-mail: carlos.jefferson2023@urca.br, emerson.ribeiro@urca.br, e/ou whatsapp 88997896654, nos seguintes horários das 08 às 18h de segunda a sexta-feira. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Regional do Cariri, localizado à Rua Coronel Antônio Luiz, 1068, Campus Pimenta, CEP 63.105-000, telefone (88) 3102.1291, Crato/CE. Se você estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o consentimento pós-esclarecido que se segue e receberá uma cópia deste Termo.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu FRANCISCO
WILIRIAN NOBRE
declaro que, após leitura minuciosa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido/a e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO para participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assino o presente termo.

Cidade, 15 de MAIO de 2024

Francisco Wilirian Nobre

Assinatura do participante

OU



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Projeto Nova Vida
Educando Para a Cidadania
Crato – Ceará - Brasil

ANUÊNCIA DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Maria do Socorro Xenofonte de Sousa, portadora do registro geral nº 7848000003-68 Presidente da entidade Social Projeto Nova Vida, situada à Rua São Francisco, nºs 25/58 Bairro São Miguel em Crato-Ceará, declaro, para os devidos fins, ter ciência dos objetivos e metodologia do projeto intitulado DESVELAMENTO DA INSTALAÇÃO PEDAGÓGICA NO ESPAÇO NÃO FORMAL: UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA COMUNIDADE DO GESSÓ, que será desenvolvido por Carlos Jefferson Gomes da Silva.

Na condição de instituição coparticipante desse projeto, autorizo a realização da coleta de dados a partir observação e registro das ações que o espaço cultural desenvolve em alusão a educação não formal, desenvolver oficinas com os sujeitos da comunidade (Grupo de Música), além de entrevistas semiestruturada e uso de caderno de campo. Participarão da pesquisa o instrutor de música (crianças e adolescentes) do Projeto Nova Vida, com observância ao que estabelece o ECA e a Política de Proteção à criança e ao adolescente, mediante acordo prévio entre o pesquisador e a coordenação da referenciada entidade, inclusive quanto à escolha dos dias e horários adequados para realização da coleta dos dados.

Esta autorização está condicionada à aprovação da referida pesquisa por um Comitê de Ética em Pesquisa antes do início da coleta de dados. O descumprimento desse condicionamento asseguramos o direito de retirar esta anuência a qualquer momento da pesquisa.

Cidade, 02 de Julho de 2024.

Maria do Socorro Xenofonte de Sousa
M. do Socorro Xenofonte de Sousa
Presidente do Projeto Nova Vida
Registro Geral - CPF: 784.800.000-68

Assinatura legível do responsável pela Instituição e carimbo

CONTATOS: São Francisco nºs. 25 e 58
Bairro São Miguel - Crato/Ceará/Brasil | CEP 63.101-060
Fones: (88) 3523-4166
E-mail: projetonovavida25@gmail.com
Facebook: [fb.com/projetonovavida.crato](https://www.facebook.com/projetonovavida.crato)
Instagram: [@ptpnovavida](https://www.instagram.com/ptpnovavida)

ANEXO C – ISOGRAVURAS PRODUZIDAS NA COMUNIDADE

















